FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 103 ★ Nº 34.290 DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 2023 R$ 9,00

INÊS249

A escola Estrela do Terceiro Milênio abriu a segunda noite de desfiles em São Paulo sob chuva e com atraso, neste sábado (18) Marivaldo Oliveira/Código19/Folhapress

FOLHA, 102

Prêmio Folha chega aos 30 anos

Reportagem que derrubou ministro da Educação em 2022 é a vencedora **A8**

Jornal ganha novos colunistas e blogs de literatura infantil, autismo e tributos **A9**

Glenn Greenwald

Lei anti-fake news de Lula serviria para Bolsonaro

Ilustríssima C3

Suzana Herculano-Houzel assume Cátedra Otavio Frias Filho na USP **A10**

Jornalistas sairão no Carnaval para lembrar cronista da **Folha** preso pela ditadura **B3**

alalaô B2

Fantasia encharcada

O temporal que atingiu São Paulo na tarde de sábado (18) não parou os blocos, mas obrigou foliões a pular na lama em vários pontos da cidade

alalaô B3

Casais abrem relação na folia

Parceiros que já consideravam beijar outras pessoas veem no Carnaval razão para tentar

Cortejo do Bloco da Terreirada desfila com pernas de pau pelo parque Quinta da Boa Vista, na zona norte do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Mudança de regra em órgão faz Receita perder mais

Para reverter situação no Carf, governo editou MP que restituiu 'voto de qualidade'

Decisão tomada pelo Congresso em 2020 que extinguiu o chamado voto de qualidade, com o qual a União podia manter a cobrança de multas e impostos em caso de empate em decisões do Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais), levou a aumento de perdas do governo na instância tributária.

Segundo dados reunidos pelo Ministério da Fazenda a pedido da **Folha**, apenas 18% dos créditos cujo julgamento empatou caíram em benefício dos contribuintes em 2019. Em 2020, após a mudança, caíram 41% dos créditos; em 2021, a proporção foi a 81%; no ano passado, a 98%.

Para equacionar o saldo, a retomada do voto de qualidade foi uma das primeiras medidas anunciadas pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Técnicos ouvidos pela reportagem, porém, dizem que o fim desse voto de minerva apenas agravou quadro já problemático. **Mercado A13**

Benefício com aumento de isenção do IR é menor para alta renda A14

EDITORIAIS A2

Envelheceu mal

Sobre falsidades em resolução divulgada pelo PT.

Ciência de impacto

Acerca de reajuste de bolsas de pós-graduação.

Tenda de camping disputa espaço nas praias de SP

Item concorre com guarda-sol, e uso tem crescido por abrigar mais pessoas à sombra. Estrutura não pode continuar montada de um dia para o outro. **B7**

IA traz risco como arma nuclear, afirma cientista

Pesquisador que explicou perigos da inteligência artificial ao Parlamento britânico acha que é questão de tempo até que ela adquira autoconsciência. **A11**

Reinaldo José Lopes

Domesticar mamíferos deu supremacia à Eurásia sobre Américas no passado **B8**

Agenda de Lula dá peso a aliados, redes e militância

Em suas primeiras sete semanas no cargo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) priorizou compromissos com ministros, parlamentares petistas e movimentos sociais, além de passar a receber informações da repercussão nas redes sociais de atos do governo. **Política A4**

PAINEL

MST quer retomar invasões em recado a governo

Política A4

Ações no STF sobre indígenas travam e acirram tensão

Cotidiano B5

ATMOSFERA

São Paulo hoje

23° 17°

0h 6h 12h 18h 24h

ISSN 1414-5723

9 771414 572018 34290

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Envelheceu mal

PT, aos 43, repisa teses derrotadas pela história e nega os fatos desabonadores de sua trajetória

O passado atormenta o Partido dos Trabalhadores, como a um indivíduo incapaz de resolver as suas neuroses e olhar para a frente.

Na semana em que comemorou os 43 anos de fundação, o diretório nacional da agremiação divulgou uma resolução em que reitera o seu apego a teses derrotadas pela história e insiste em não chamar pelo nome os fatos desabonadores da trajetória petista.

Na fabulosa narrativa, as acusações contra gestões do PT não passaram de torpe tentativa de criminalizar a política. Pouco importa estarem fartamente documentados o mensalão e o assalto à Petrobras, para citar os escândalos que não desapareceram por causa dos erros e abusos da Lava Jato e do ex-juiz Sergio Moro.

O manifesto chama de golpe a deposição da presidente Dilma Rousseff, o que tampouco resiste ao confronto com a realidade. A denúncia foi aceita pela Câmara, com voto de 72% dos deputados, e o processo correu sob a direção do presidente do Supremo Tribunal Federal no Senado, onde 75% decidiram pela cassação.

Considerar ruptura constitucional esse ato juridicamente perfeito é trafegar na mesma frequência de quem contesta os resultados das urnas de 2022. Trata-se, ademais, de péssima estratégia para quem necessita, a fim de cumprir promessas de campanha, de aliados que apoiaram o impeachment.

Se a falsificação da história cobra seus maiores custos do próprio PT, o apego a doutrinas empoeiradas na economia ameaça a renda e o emprego de dezenas de milhões de brasileiros.

A sigla, vê-se na resolução de aniversário, continua devota de que alguns iluminados em posições de Estado terão o condão de fazer deslanchar o desenvolvimento. Bastaria manipularem na direção que consideram correta os juros, o câmbio, os impostos, o gasto público e as decisões empresariais ditas "estratégicas".

Em nome dessa quimera, o partido agora investe contra a autonomia do Banco Central, a privatização da Eletrobras, a Lei das Estatais e a contenção do BNDES, iniciativas tomadas para evitar a repetição dos abusos que engendraram o descalabro recessivo de 2014-16.

A agremiação que corretamente louva a moderação exercida pela institucionalidade nos apetites autoritários do bolsonarismo se contradiz ao imprecar contra mecanismos que procuram evitar os danos do exercício ilimitado do poder.

Em vez de preocupar-se com os determinantes do enriquecimento e do bem-estar dos povos —assentados na produtividade do trabalho, estagnada no Brasil—, o PT continua a vender atalhos e feitiçarias que só produzem ruínas.

Envelheceu mal.

Ciência de impacto

Reajuste nas bolsas de pós-graduação é correto, mas gestão dos recursos deve ser mais eficiente

Cursar uma pós-graduação no Brasil é decerto tarefa árdua. Bolsistas só podem ter vínculo empregatício se a contratação ocorrer após a concessão da bolsa, se o trabalho estiver relacionado com a pesquisa, se o orientador autorizar e se a remuneração não for superior ao valor pago pelo governo.

A bolsa, assim, acaba funcionando como salário para uma atividade de dedicação exclusiva. Nesse sentido, o reajuste de 40% para mestrado e doutorado e de 27% para pós-doutorado, anunciado pelo governo federal na quinta (16), é bem-vindo. Os valores não eram reajustados desde 2013.

O IPCA, índice utilizado como referência para as metas de inflação do Banco Central, mostrou variação de quase 70% de 2014 a 2022.

No mestrado, o pagamento passará de R$ 1.500 para R$ 2.100 mensais, e no doutorado, de R$ 2.200 para R$ 3.100. Já pesquisadores no pós-doutorado receberão R$ 5.200 — antes eram R$ 4.100.

A perda de valor real da remuneração foi acompanhada de aumento no número de bolsas: em 2010, eram cerca de 55 mil; atualmente, são 99 mil. Ademais, a pós-graduação brasileira cresceu 48,6% na última década, de 3.128 programas em 2011 para 4.650, em 2020.

A quantidade de artigos publicados acompanhou esse investimento. Em 1998, foram 11.839 textos, o que colocava o país em 20º lugar no ranking global dos que mais publicam. Vinte anos depois, com a produção crescendo sete vezes, o Brasil saltou para 13º.

O problema é que não basta formar mestres e doutores e publicar. As pesquisas realizadas devem fornecer contribuições sólidas para o campo científico, e o melhor modo de aferir tal contribuição é a partir da análise do impacto da produção —o número de vezes em que cada artigo foi citado por outros cientistas ou estudiosos.

Nesse ponto, nossos resultados não chegam a ser animadores. A base de dados Scimago mede esse efeito aferindo o número 1 à média mundial. Entre 2016 e 2020, o Brasil obteve 0,87, enquanto os EUA tiveram 1,58. Ficamos atrás até mesmo de vizinhos como Chile (1,18), Argentina (1) e Peru (0,96).

A importância do investimento em educação e ciência é inegável para o desenvolvimento de qualquer país. Mas o Brasil ainda precisa alocar recursos escassos de forma mais racional e eficiente. O aumento do gasto no setor deve ser visto como um meio, não como um fim em si mesmo.

Superabundância

Hélio Schwartsman

Em "Superabundance", Marion Tupy e Gale Pooley defendem uma tese contraintuitiva. Afirmam que quanto mais gente houver no planeta, melhor. Mais população, dizem, é sinônimo de mais ideias inovadoras e mais riqueza. Não devemos nos preocupar (não muito ao menos) com o esgotamento de recursos naturais e outras mazelas ecológicas.

O alvo de Tupy e Pooley são os neomalthusianos, que sustentam que a população humana precisa ser reduzida, sob risco de experimentarmos fome e outras restrições. Um dos mais veementes deles é o biólogo Paul Ehrlich, autor de "A Bomba Populacional", livro de 1968 que botou medo em muita gente.

Já a inspiração da dupla é o economista Julian Simon, que formulou com todas as letras a tese de que riqueza é, em última análise, ideias, que brotam das cabeças de pessoas. E essas ideias se traduzem em avanços tecnológicos capazes de nos fazer escapar da armadilha malthusiana, que vale para outras espécies.

Na parte original do livro, Tupy e Pooley atualizam a célebre aposta entre Ehrlich e Simon e mostram, de forma bastante convincente, que o preço de mais de 50 commodities e de vários produtos finais, como TVs e bicicletas, está caindo. Eles calculam os preços não com base em moedas (estimar inflação é sempre controverso), mas em horas trabalhadas para adquirir a mercadoria.

Na parte não original, a dupla recorre a autores como Kahneman, Pinker e McCloskey, para mostrar por que temos uma leve obsessão por más notícias e como o mundo se tornou, nos últimos dois séculos, muito mais próspero e talvez até mais civilizado.

A minha impressão é que Tupy e Pooley em alguns momentos se deixam levar por exageros (o subtítulo do livro fala em "planeta de recursos infinitos") e se distraem com bate-bocas ideológicos, mas oferecem uma boa demonstração de sua tese central: a humanidade está ficando mais rica e isso tem a ver com mais pessoas tendo mais ideias.

helio@uol.com.br

O plano de Bolsonaro na direita

Bruno Boghossian

Em menos de uma década, um deputado inexpressivo com uma plataforma corporativista estabeleceu domínio sobre a direita brasileira. Jair Bolsonaro expandiu sua defesa de militares e policiais, explorou uma agenda religiosa ultraconservadora e encenou uma conversão ao liberalismo para aproveitar a boa vontade de agentes econômicos.

Com sua passagem pelo poder interrompida, o ex-presidente tem o plano de renovar esses instrumentos para exercer influência como oposicionista e isolar potenciais adversários dentro de seu campo político.

Em entrevista ao Wall Street Journal, Bolsonaro disse que enxerga a si mesmo como "o líder nacional da direita". Na Flórida, o ex-presidente acrescentou que "não há mais ninguém" para desempenhar esse papel no momento.

Bolsonaro parece apostar na manutenção do vácuo que foi produzido ao longo do último ciclo político. Dependente do antipetismo, a direita cedeu espaço aos métodos estridentes do ex-presidente. O barulho seduziu eleitores e até candidatos alternativos dentro desse grupo, que se interessaram em pegar carona na popularidade do capitão.

O ex-presidente espera repetir esse roteiro na oposição. Na entrevista ao jornal americano, Bolsonaro reivindicou o comando de uma pauta de direita contra Lula. Ele disse que vai trabalhar com parlamentares e governadores aliados a favor de uma agenda pró-empresas, contra o aumento de gastos, de oposição ao aborto e a favor do uso de armas.

Seria desnecessário destacar que o controle de gastos nunca interessou ao capitão. Fora isso, o plano do ex-presidente é fazer com que algumas das bandeiras em que ele fixou sua marca se confundam com a plataforma central da oposição.

Bolsonaro aposta que o bolsonarismo pode se manter vivo como principal corrente política da direita mesmo que o TSE declare sua inelegibilidade. Ele indicou que deve testar seu potencial de transferência de votos como mero cabo eleitoral nas disputas municipais de 2024.

Quero morrer no Carnaval

Ruy Castro

Há 30 anos, se alguém lamentasse o fim dos blocos de Carnaval, seria tachado de saudosista. As escolas de samba tinham vindo para ficar, e o Carnaval se reduzira a um lugar na arquibancada para vê-las passar. Era o Carnaval sentado. É verdade que, no Rio, os blocos nunca tinham sumido de todo. Havia o Bola Preta, nas ruas desde 1919, o Cacique de Ramos, desde 1961, e alguns novos, como o Simpatia É Quase Amor, em 1985. Mas, a partir de 2000, a coisa estourou até chegarmos às atuais centenas de blocos, alguns mega.

Hoje, será um saudosista quem se perguntar sobre os sambas de Carnaval. Não os das escolas, chatos e repetitivos, mas os feitos para serem cantados pelo povo no asfalto. Sambas mesmo, não marchinhas — lindos, melódicos, de frases longas, críticos ou românticos. Acredite ou não, eles já foram a grande força do Carnaval. Eis alguns.

"Covarde sei que me podem chamar/ Porque não calo no peito essa dor/ Atire a primeira pedra, ai, ai, ai/ Aquele que não sofreu por amor...", de Ataulpho Alves e Mario Lago, para o Carnaval de 1944. "Trabalho como um louco/ Mas ganho muito pouco/ Por isso eu vivo/ Sempre atrapalhado// Fazendo faxina/ Comendo no china/ Tá faltando um zero/ No meu ordenado...", de Ary Barroso e Benedito Lacerda, 1945.

"Sapato de pobre é tamanco/ Almoço de pobre é café, é café!/ Maltrata o corpo como quê, porque/ O pobre vive de teimoso que é...", de Luiz Antonio e Jota Junior, 1951. "Lata d'água na cabeça/ Lá vai Maria, lá vai Maria/ Sobe o morro, não se cansa/ Pela mão leva criança/ Lá vai Maria...", também deles, 1962. E, do mesmo Luiz Antonio, mestre dos sambas dolentes e sensuais: "Quero morrer no Carnaval/ Na avenida Central/ Sambando/ O povo na rua cantando/ O derradeiro samba/ Que eu fizer chorando...", em parceria com Eurico Campos, 1961.

Bem, se um dia os sambas voltarem, já sabe: você leu sobre isso aqui primeiro.

Outro lado do desespero

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

A palavra "cercadinho" evoca tanto o chiqueiro dos quintais interioranos quanto o pequeno biombo que protege crianças enquanto as mães cumprem tarefas domésticas. Já o espaço onde o ex-presidente interagia com apoiadores popularizou-se como "cercadinho do Alvorada". Reedita-se agora em Orlando como show, estilo beija-mão populista, a preços vips e populares. Na estreia o ex-mandatário do "Brasil acima de tudo" causou: "Pela lei, sou italiano".

O beija-mão era uma tradição de reverência, transmitida da monarquia portuguesa à Corte Imperial brasileira. Membros da elite eram admitidos ao palácio para oscular a mão de Pedro 2º. No show, o ex-presidente enrola-se na bandeira sob um holofote, enquanto espectadores, aparentemente migrantes alheios à realidade brasileira, rezam e lhe oferecem cestas com pão e Nutella.

"Surreal", comentou a revista Time. Não há, claro, comparação plausível entre o rito imperial e a aglomeração do cercadinho, vendida como gabinete de curiosidades, do tipo "neofascista ao alcance de um selfie". O bozoshow é bizarro, logo, estimulado pela mídia. Mas seria esnobismo desconsiderá-lo: é pertinente à compaixão reflexiva.

Sem articular o humano com o político, tende-se a generalizações. Para além da superfície factual, na interioridade mental dos segmentos sociais, faz-se cabível a hipótese dramática do desespero. Não algo como o dos yanomamis, marcados física e moralmente pela opressão sórdida, mas desespero como "a inconsciência dos homens de seu destino espiritual" (Soren Kierkegaard, "O Desespero Humano").

Até mesmo o indivíduo mais desprovido de sentimentos próprios pode ser habitado pela angústia desesperada de não portar um espírito. É um desespero comum à diversidade humana das classes sociais. Nesse estado emocional, o cidadão permite-se àquilo que Kierkegaard chamou de "direito de chicana da Verdade". Ou seja, direito de mentir. Não o perturba estar em erro, pois emoções têm mais força do que a verdade e o espírito. Inútil desmentir, apenas contrapor-se a fake news. A mentira é uma blindagem.

O cercadinho do Alvorada foi laboratório dessa autoimunidade ao verossímil, irradiadora da indistinção entre o rico, o pobre, o troglodita, o civilizado e o mané que votaram aos milhões no ícone do que de mais infame a nação já produziu sob a República. Não que a angústia possa estar ausente de quem optou pela saúde democrática: apenas foi canalizada por emoções lúcidas para uma aposta na vida.

Vale dizer: e quem assim o fez foi por desespero não tão exacerbado como o da figura cristã do diabo, filosoficamente o mais intenso de todos. Dele, autodenominado Legião, Cristo transferiu os maus espíritos aos porcos. É o risco teologal das varas, manadas e cercadinhos.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Na democracia, militares não coexistem com política

8 de janeiro foi ápice da transgressão de estatuto

Simone Cristine Araújo Lopes
Advogada e doutora em direito (USP), é professora na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Chamou-me atenção artigo nesta **Folha** do general da reserva Otávio Rêgo Barros ("Militares profissionais coexistem com o controle civil", 9/2). Não se pode falar em militar profissional ou não profissional. Ou se é militar ou não é.

Militar é aquele que cumpre normas aos quais está vinculado num Estado. O que viola lei pode até ser destituído do status castrense que, no passado, consistia não apenas em sentença, mas em cerimonial de quebra da espada e retirada das insígnias da patente perante tropa perfilada —a "degradação militar"— e teve, como vítima de provável antissemitismo com conotações políticas, o famoso oficial francês do "caso Dreyfus". Este capitão da artilharia teve como um de seus defensores fora da França o jurista Ruy Barbosa, crítico de militar na política na República Velha.

A pretensão de se separar "militar profissional" de "não profissional", no fundo, remete à política no quartel ou o quartel na política. Não é possível a coexistência de militares e controle civil porque inconstitucional na democracia.

Rêgo Barros afirma que aplicar a ideia de controle civil sobre militares seria indevida importação, inadaptável no Brasil, do pensamento de Samuel P. Huntington. Concordo quanto às distinções de nossa democracia com a dos EUA, mas, se há diferença entre o regime brasileiro e o estadunidense —que trouxe à baila—, ela se deu justamente porque militares brasileiros não cumpriram a lei por diversas vezes no passado e colocaram o país em governos autoritários à revelia do respaldo popular via voto.

Ruy Barbosa escreveu a defesa de Dreyfus no exílio, na Inglaterra. Isso porque advogou no STF habeas corpus para cassar prisões ilegais a opositores do "Marechal Vice-Presidente Floriano Peixoto", como redigiu na petição. Em tese de doutorado, fiz notar que essa nomenclatura dada ao posto de Floriano pelo advogado baiano não era vã. Havia crítica implícita contra a inconstitucional posse presidencial de Floriano. Isso porque a Constituição pós-golpe republicano dispunha que, em caso de vacância na Presidência antes da primeira metade do mandato, convocar-se-ia eleição. Marechal Deodoro renunciou no primeiro ano de seu mandato, e Floriano se impôs, rechaçando o "controle civil".

Em 1969, o marechal Costa e Silva sofreu derrame e ficou impossibilitado para o cargo. A Constituição de 1967 dispunha que o vice-presidente civil Pedro Aleixo deveria assumir, o que foi solapado por ato que empossou Junta Militar que não recebeu voto na forma direta ou indireta.

Note-se que nestes momentos históricos houve franco descumprimento de norma constitucional elaborada pelos próprios militares, após promoção de rupturas institucionais traumáticas.

O 8 de janeiro foi o ápice do descumprimento do estatuto militar. Isso porque, antes do vandalismo, várias regras foram quebradas sem a devida censura do competente para preservar a disciplina na caserna. Afinal, "a palavra convence, o exemplo arrasta". Normas legais do país preveem que, em caso de desacordo com o resultado eleitoral, há entidades aptas a apresentar ação judicial com as provas cabíveis para o êxito da pretensão processual. De modo que a solução "intervenção" —como visto em faixas de manifestantes à frente de quartéis país afora— é ilegítima e deveria ter sido, de pronto, rechaçada pelos comandos das áreas militares ocupadas.

Logo, não cabe coexistência de controle civil com militares, pois o militar é cumpridor de leis. Se membros das Forças Armadas caíram na tentação de se imiscuir em política, causando quebras institucionais que se conhece à luz do direito e da história, isso é apenas mais um motivo para que se faça restabelecer a supremacia constitucional e aplicar o código de ética militar —que é claro ao dispor sobre a muralha que menciona o coronel da reserva Marcelo Pimentel, onde explica que "na democracia, é simples assim". A muralha que separa a política do meio militar, se rompida, faz mal às instituições militares e ao país.

Claudia Liz

É preciso reconstruir a Federação brasileira

Conselho será espaço prioritário de articulação

Alexandre Padilha e Vitor Marchetti
Ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais (SRI) da Presidência da República
Assessor especial da SRI

Após quatro anos de sucessivos ataques à democracia e às instituições, uma das principais missões deste novo governo Lula é a reabilitação dos instrumentos que constituem o Estado brasileiro.

Além de restabelecer a harmonia entre os três Poderes da República, ferido pela beligerância do Executivo entre 2019 e 2022, é necessário restaurar a cooperação federativa, sem a qual será impossível implementar as políticas públicas necessárias à superação dos graves problemas sociais e econômicos que afligem nosso povo.

É sob esse espírito de urgente reconstrução que os 27 governadores e governadoras e o presidente Lula se reuniram em 27 de janeiro, quando se comprometeram, na Carta de Brasília, a criar o Conselho da Federação, em que entidades municipalistas, governos estaduais e a União terão assento. O modelo retoma a boa experiência, iniciada em 2003, do Comitê de Articulação Federativa (CAF), que trouxe ganhos concretos como a nova lei do Imposto Sobre Serviços (ISS), a partilha da Cide-Combustíveis e a regulamentação dos consórcios públicos.

É de interesse da democracia fortalecer a Federação brasileira, garantindo-se aos entes subnacionais as condições políticas e econômicas para o exercício de sua autonomia. Nesse sentido, vamos estimular a formação de mais consórcios públicos, horizontais e verticais, em que entes distintos partilham recursos para alcançar os mesmos objetivos.

O governo anterior adotou como meta política o desmonte dos pactos firmados na Constituição. Esses ataques ocorreram de maneira deliberada e fragilizaram os mecanismos de cooperação entre os entes federados. A obra constitucional foi abandonada, sua engenharia política, atacada, e seus mecanismos de integração, sabotados. O pacto federativo foi fortemente atingido.

A pandemia de Covid-19 evidenciou a importância das salvaguardas a Estados e municípios diante do poder da União, quando este é usado com viés antidemocrático. Sem elas, o confronto aberto contra governos locais, que seguiram as recomendações das organizações internacionais de saúde, teria impedido o desenvolvimento de vacinas, inibido o isolamento físico e, consequentemente, elevado o número de vidas perdidas para a pandemia.

O caráter inovador do pacto federativo brasileiro desenhado na Constituição de 1988 deve sempre ser exaltado e destacado. É, sem dúvida, um dos principais ganhos democráticos e administrativos do país.

O Conselho da Federação pretende, assim, ser um espaço prioritário de articulação entre os entes federados. E isso deve envolver, também, a Câmara dos Deputados e o Senado. Somente assim as agendas e estratégias definidas pelo conselho poderão ter algum sucesso.

Apenas com o respeito às instituições é que poderemos garantir o fortalecimento de nossa democracia. E o caminho para isso não pode prescindir do aperfeiçoamento do pacto federativo constitucional. É assim que seguiremos a missão da união e da reconstrução do Brasil.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO PARA VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, CARTÕES CORPORATIVOS DEVEM EXISTIR?

Não deveriam existir. É uma ferramenta perigosa na mão do perdulário que acha que pode tudo, porque está no poder.
Paula Nunes Miguel
(Taboão da Serra, SP)

*

Absolutamente contra. Seus salários precisam suprir, e já suprem, seus gastos, com valores muito acima da média das famílias brasileiras.
Luiz Roberto da Silva (Campinas, SP)

*

Eu acredito que um ministro de Estado ou mesmo um funcionário de cargos importantes não devem ficar gastando dinheiro próprio bolso para suas viagens e nem ficar à mercê de "almoços pagos" pelos fornecedores. Mas também não podem ficar gastando como querem. Para tudo tem limites!
Aurelio Araujo (Vinhedo, SP)

*

Não. Todos os funcionários públicos, nas três esferas, nos três Poderes, já recebem um gordíssimo salário, fora os vários vergonhosos benefícios, podem muito bem gastar do próprio bolso, sem essa vergonha de usarem cartões corporativos ou pedirem (e receberem) reembolso de qualquer despesa.
Afonso Lopes (São Paulo, SP)

*

Sim, devem existir. Mas com critérios mais claros e mais rígidos. E os que desobedecerem devem ter penalidades. Acho que atualmente não tem e, se tiver, é muito branda.
Selma de França Aguiar
(Porto Alegre, RS)

*

Não. Já ficou comprovada a falta de critério na utilização desse recurso.
Amauri Andrade Silveira da Silva
(Belo Horizonte, MG)

*

Nunca deveriam ter existido. São um desrespeito ao contribuinte e devem ser abolidos.
Iracema de Moura (Belo Horizonte, MG)

*

Sim, mas com um limite de gasto mensal.
Carla Bacha de Lorenzo do Nascimento
(São Lourenço, MG)

*

Não. Os políticos são nada mais, nada menos que empregados da população. Assim como uma grande de empresa, os seus gastos com alimentação e locomoção devem ter um teto a ser respeitado e, se ultrapassado, deverá sair do próprio bolso do trabalhador.
Rafaella Paiva Madureira
(Santo André, SP)

*

Não. Serviço público deveria ser um emprego como em uma empresa privada. Recebe o salário e se vira só com ele. O presidente já tem todas as despesas pagas, qual a necessidade de ter um valor extra?
Patricia Carla Marin Dutra e Silva
(São Paulo, SP)

*

Sim. Tenho cartão corporativo que é usado para trabalhos de campo e tudo é rastreado e publicado pelo Portal da Transparência. Todos os gastos são auditados por quem autoriza os créditos e para nós, servidores públicos comuns, existem o que pode ser comprado ou não. Não é igual ao do Jair Bolsonaro que dava entender que podia comprar tudo.
Bruno Elton Carneiro Santiago
(Rio de Janeiro, RJ)

*

Não sei como funciona em países sérios, mas ninguém, mesmo que seja o chefe de uma nação, deve receber um cheque em branco, sendo que o gasto não sairá de seu bolso. Quem paga somos nós, que já pagamos impostos demais.
José Francisco Merchiorato
(Mairiporã, SP)

*

Sim, entretanto com limitações e fiscalizações semestrais.
Tiago Nery (Salvador, BA)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 10 a 17.fev - Total de comentários: **15.973**

- **351** Lula se desfaz de promessa e muda opiniões de campanha em 1 mês de governo (Política) **10.fev**
- **232** Lula e PT tropeçam nos argumentos ao criticar o Banco Central (Mercado) **12.fev**
- **222** Lula vence o debate sobre os juros, mas o tratam como derrotado por nocaute (Reinaldo Azevedo) **16.fev**

OUTROS ASSUNTOS

Indústria da desinformação

Empresas trabalhando para tornar a internet menos confiável ("Empresa tenta manipular busca do Google e cria fake news para lavar imagem de clientes", Mundo, 18/2).
Everaldo Krigovski (Pontal do Paraná, PR)

*

Isso sempre foi feito por empresas que trabalham com SEO. Google é buscador, não veículo de imprensa. Algoritmos até têm recursos para entregar conteúdo de mais qualidade. Mas passa muita coisa pelos filtros.
Adriana Sartori (Florianópolis, SC)

Meias ideológicas

Ótimo lugar para pôr a cara do Bostonaro ("PMs usam meias com rosto de Bolsonaro, contrariando regulamento de uniforme", Cotidiano, 18/2). Nos pés.
Eloisa Giancoli Tironi (São Paulo, SP)

*

Homens sem lei, sem disciplina, sem hierarquia e golpistas. Cadeia neles!
Ruy Humberto Godoy de Mesquita
(Jaboatão dos Guararapes, PE)

O melhor candidato

Cacareco faria mais que esses políticos marrecos ("Conheça o rinoceronte que teve 100 mil votos para vereador e virou marchinha de Carnaval", Marcelo Duarte, Folhinha, 18/2), que hoje só fazem barulho.
Luis Fernandes (Petrópolis, RJ)

Janaina Paschoal e a vacina

Onde não se é bem quisto não se deve estar ("Alunos querem que Janaina Paschoal prove que tomou vacina contra a Covid para voltar à USP", Mônica Bergamo, 17/2). Janaina, vai procurar boquinha no PL. Para sua capacidade, será de bom tamanho.
Vera Lúcia Daloia Vieira (São Paulo, SP)

*

Quem que administra a USP? A Reitoria ou os alunos patrulheiros?
Jose Vanzo (Franca, SP)

Cadê a formatura?

Menina branca de elite não vai presa ("Aluna da USP que desviou R$ 1 milhão da formatura vai voltar à faculdade", Cotidiano, 17/2). Se fosse negra, periférica, pobre, estaria amargando cadeia há tempos
Karem Almeida (Recife, PE)

*

Se voltar e chegar a concluir o curso, o que não é difícil, já que é considerada fora da curva, precisará de muitas ações de correção de caráter (se é que é possível!) para não decepcionar Hipócrates no juramento.
Bruno Araujo (Brasília, DF)

Multa de R$ 23 mi

De onde saiu tanto dinheiro ("PL quita multa de R$ 23 milhões aplicada por Moraes, e recursos são liberados?", Política, 17/2)
Vitor Luis Aidar Santos (Jaboticabal, SP)

política

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Lembra de mim

Movimentos por reforma agrária como MST e Contag têm se incomodado com o que veem como falta de prioridade à questão agrária no começo do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Está prevista para abril uma mobilização nacional pela terra, com a instalação de acampamentos em áreas simbólicas e realização de marchas. O MST espera que o governo apresente até lá um plano emergencial para a área. Caso contrário, deverá retomar ações de ocupação.

EXEMPLO Para os movimentos, a dedicação que tem sido mostrada por Lula à questão indígena indica que seria possível fazer muito mais no período pelas demandas do campo. Um dos sintomas da lentidão é a continuidade de nomes escolhidos pelo governo Jair Bolsonaro (PL) no Incra —apenas oito dos 29 superintendentes foram exonerados.

ROMARIA O ministro da Defesa, José Múcio, deve procurar na semana que vem os comandantes das três forças militares para discutir as propostas que têm surgido de mudanças no artigo 142 da Constituição, que trata das Forças Armadas. Conforme mostrou o Painel, deputados do PT pretendem apresentar uma proposta de emenda com alterações no texto.

CARDÁPIO Entre as mudanças sugeridas estão a proibição de militares da ativa exercerem funções civis no governo, a restrição de operações de GLO (Garantia da Lei da Ordem) e uma redação que não permita distorções como a de que haveria um suposto "poder moderador" das Forças Armadas.

GRAÇA Um dos opositores libertados pela ditadura da Nicarágua no dia 9, o ex-candidato a presidente Juan Chamorro disse que seu "calvário acaba de terminar, pela força de Deus, que nos fez esse milagre". A mensagem foi enviada à produtora Brasil Paralelo, que lançou recentemente um documentário sobre o regime comandado por Daniel Ortega.

GANCHO No filme "Nicarágua, Liberdade Exilada", a empresa, que produz filmes de viés conservador, retrata as trajetórias de diversos oposicionistas que estavam presos por meio de depoimentos de familiares e amigos. O lançamento coincidiu com a soltura da maioria deles.

BOLA... A gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) discute a criação de projeto de compra de sucata vendida por pessoas em situação de rua no centro de SP. O material seria adquirido em entrepostos mais afastados da região central da cidade, ao lado dos quais haveria espaços de acolhida, nos quais eles poderiam dormir.

...DA VEZ A ideia do projeto é a de oferecer uma forma de remuneração a essas pessoas, que costumam comercializar materiais a preços baixos em ferros-velhos, e desmanchar as aglomerações nas ruas do centro da cidade. O tema estará no centro da disputa pela Prefeitura de São Paulo em 2024, quando Nunes deverá ter o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) como adversário.

CONFIRMA O deputado federal Ricardo Salles (PL-SP) diz ao Painel que a única possibilidade de não concorrer a prefeito de São Paulo em 2024 é se não tiver apoio partidário. "Se tiver legenda, não há dúvida de que serei candidato a prefeito em 2024", afirma. Lideranças de seu partido na capital, no entanto, já têm conversas adiantadas para apoiar a reeleição de Nunes. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) também pende para o emedebista.

VERDE A Petrobras bateu o recorde em 2022 de captura, uso e armazenamento de gás carbônico (CO_2), pela qual reintroduz a substância decorrente da extração do petróleo no próprio reservatório. Dessa maneira, aumenta a eficiência e reduz a emissão de gases do efeito estufa. No ano passado, foram reinjetadas 10,6 milhões de toneladas de CO_2, o equivalente a 25% do total da indústria global.

FOLHA, 102 A **Folha** completa neste domingo (19) 102 anos.

Três Poderes

VENCEDORES DA SEMANA:
Dilma Rousseff e José Dirceu, que retornam aos holofotes após anos de ostracismo; a ex-presidente assumirá o banco dos Brics, e o ex-ministro foi elogiado por Lula em público.

PERDEDORAS DA SEMANA:
Centrais sindicais, atropeladas pelo governo federal na discussão sobre o salário mínimo.

FIQUE DE OLHO:
Lula deve aproveitar a semana do Carnaval para fazer consultas para a vaga do STF que se abre em maio; advogado Cristiano Zanin é favorito, mas já sofre bombardeio.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90		Digital Premium R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 942,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.189,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.501,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.618,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 2.008,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
344.969 exemplares (dezembro de 2022)

Lula durante assinatura do decreto para recriação do Programa Pró-Catador, no Planalto Pedro Ladeira-13.fev.23/Folhapress

Lula debate redes sociais em reunião diária e prioriza cerimônias com militantes

Levantamento com agenda pública mostra que presidente teve encontro com 25 dos 37 ministros neste primeiro mês no governo

Marianna Holanda e Renato Machado

BRASÍLIA O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) passou a receber informações sobre a repercussão nas redes sociais de atos do governo em reuniões diárias no Palácio do Planalto. Em seu primeiro mês e meio no governo, Lula também tem priorizado agendas com ministros palacianos, com parlamentares petistas e eventos com militantes e movimentos sociais.

Lula tem iniciado os dias de trabalho em seu terceiro mandato com reuniões com os ministros Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Paulo Pimenta (Secretaria Especial de Comunicação Social).

Nos encontros, os auxiliares atualizam o petista sobre os principais movimentos políticos e a repercussão de atos do governo na imprensa. Pimenta também aproveita o momento para apresentar ao mandatário um relatório sobre como determinadas ações da administração são vistas nas redes sociais.

Um assessor direto lembra que, quando Lula concluiu seu segundo mandato, o Orkut era a rede social mais utilizada no Brasil. Ao contrário de seu antecessor, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), Lula não esconde sua falta de familiaridade com as redes.

Em entrevista a um influencer durante a campanha, o apresentador pediu que o petista apresentasse ao público sua conta em uma plataforma. Lula disse que não sabia e que quem cuidava das suas redes era o fotógrafo Ricardo Stuckert.

A avaliação é que, agora, o presidente não tem mais como ignorar o impacto das redes ao analisar como seu governo tem sido avaliado pela população.

Os briefings diários com Padilha e Pimenta costumam ocorrer no Palácio do Planalto às 9h, com duração de uma ou até mesmo duas horas. Ambos ministros são os que mais se encontraram com Lula, de acordo com a agenda oficial.

De acordo com auxiliares, esses encontros também são importantes para afinar o discurso do mandatário, uma vez que os ministros apontam o que deve ganhar relevância no debate público.

Outro ministro que tem grande participação na agenda de Lula é o chefe da Casa Civil, Rui Costa (PT). Ele aparece em dez reuniões com Lula. Assessores destacam, no entanto, que Lula conversa com o ex-governador da Bahia em diversos momentos ao longo do dia, por telefone e em encontros não agendados.

Também foram marca constante do início do governo Lula 3 atos no Planalto com movimentos sociais e militantes do PT.

Na segunda-feira (13), Lula assinou decretos de políticas públicas para catadores de lixo. Integrantes de cooperativas lotaram o segundo andar do Palácio do Planalto.

"Esse é o primeiro passo de uma caminhada muito longa que temos que fazer para que vocês sejam transformados em cidadãos e cidadãs plenas, esse é apenas o começo. Temos quatro anos para vocês cobrarem. Porque vocês sabem que não é em qualquer governo que vocês conseguirão entrar dentro do Palácio do Planalto", disse Lula na ocasião.

"A entrada de vocês aqui significa, de uma vez por todas, que o povo brasileiro está participando da reconstrução desse país, porque ele foi desmontado", completou, em referência ao governo de seu antecessor.

Lula também já recebeu centrais sindicais, evento em que afirmou que brigava com os economistas do partido dizendo ser preciso "mudar a lógica" do Imposto de Renda, além de fazer os mais ricos pagarem mais.

Em outro momento, participou da assinatura dos decretos que criaram o Conselho de Participação Social.

O PT também domina as reuniões oficiais de Lula com parlamentares. Dentre os congressistas que conseguem um espaço na agenda do chefe do Executivo, a expressiva maioria é do PT: a deputada e presidente do partido Gleisi Hoffmann (PR); e os deputados Rui Falcão (SP) e Carlos Zarattini (SP), por exemplo.

Lula se encontrou com lideranças dos partidos da base na reunião do Conselho Político de Coalizão, quando estiveram presentes representantes de 14 siglas. Além do próprio PT, PSB, MDB, União Brasil, PDT, Patriota, Solidariedade, PSD, PV, Cidadania, PSOL, Podemos, PC do B, Avante e Rede.

> **Esse é o primeiro passo de uma caminhada muito longa que temos que fazer para que vocês sejam transformados em cidadãos e cidadãs plenas (...) Porque vocês sabem que não é em qualquer governo que vocês conseguirão entrar dentro do Palácio do Planalto**
>
> **Lula**
> em cerimônia de políticas públicas para catadores

Entre os ministros, também são os petistas os que mais vezes foram recebidos por Lula. Dos 37 titulares de pasta, 25 figuram em encontros fechados com o presidente na sua agenda pública —privilégio que todos os petistas na Esplanada tiveram.

Depois de Padilha, Pimenta e Rui Costa, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, é o quarto mais recebido por Lula. Teve até o momento sete reuniões com o mandatário —só nesta última semana, foram três.

Segundo auxiliares palacianos, as agendas trataram de salário mínimo, mudança no Imposto de Renda, meta de inflação e Bolsa Família.

O novo programa social deve ser anunciado após o Carnaval, como o próprio Lula disse recentemente. O programa social terá, além do pagamento mínimo de R$ 600 por família, um adicional de R$ 150 por criança até seis anos, uma promessa de campanha.

Os recentes encontros com o ministro da Fazenda também ocorreram na esteira de uma crise do chefe do Executivo com o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

Dentre os ministros que não tiveram agenda a portas fechadas com Lula desde o início do governo, estão o da Previdência, Carlos Lupi (PDT), o das Comunicações, Juscelino Filho (União Brasil), e a do Turismo, Daniela Carneiro (União Brasil).

Daniela e Juscelino estiveram envolvidos nas primeiras polêmicas com o primeiro escalão de Lula.

Como mostrou a **Folha**, ao menos R$ 42 milhões indicados por Juscelino irrigaram contratos com empreiteiras que estão no centro de suspeitas de irregularidades em obras da estatal federal Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba).

Já Daniela foi apontada como tendo laços com a milícia na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro.

Bolsonaro tira AGU de sua defesa em 28 casos e põe novos advogados

Bancas privadas devem atuar em ações que estão, na sua maioria, no Supremo Tribunal Federal

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

O ex-presidente Jair Bolsonaro discursa em evento nos EUA Joe Raedle - 3.fev.23/AFP

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) retirou a AGU (Advocacia-Geral da União) de sua defesa em 28 casos, apesar de ter a prerrogativa de continuar contando com a atuação dos advogados públicos.

Passarão para bancas privadas e advogados aliados do ex-mandatário casos como multas sanitárias por realizar motociatas sem máscara na pandemia, a apuração dos atos antidemocráticos e outra aberta após pedido da CPI para investigar a conduta do ex-presidente em relação à Covid.

Dos 28 processos, 20 estão no STF (Supremo Tribunal Federal), sendo 17 investigações. Os demais estão em outras instâncias do Judiciário.

Há três casos em que, apesar de o ex-presidente ter constituído advogados privados, ministros já haviam negado os pedidos de abertura de investigação formulados por parlamentares.

Todas as principais apurações são relatadas pelo ministro Alexandre de Moraes, um dos principais alvos do bolsonarismo.

O ex-presidente também é alvo de apuração que investiga se ele interferiu na autonomia da Polícia Federal e de outra que visa identificar se o ex-presidente vazou informações sigilosas de inquérito da Polícia Federal sobre invasão hacker ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Há ainda pedidos de investigação contra Bolsonaro feitos ao Supremo que estão sob relatoria de outros ministros e podem ter três destinos: tornarem-se inquéritos, serem arquivados ou enviados à primeira instância, uma vez que o ex-presidente não tem mais direito a foro especial.

Esse é o caso, por exemplo, de uma solicitação para apurar se ele incitou a população a descumprir medidas sanitárias de contenção da Covid.

Há ainda um 29º caso, que ainda não integra lista enviada à **Folha** pela AGU: o magistrado incluiu o ex-presidente no inquérito que apura a autoria dos atos golpistas de 8 de janeiro.

Os casos criminais, considerados mais sensíveis, ficarão sob os cuidados do advogado do PL, Marcelo Bessa. De confiança de Valdemar Costa Neto, presidente da sigla, Bessa já atua com o partido há anos. Foi ele quem, no ano passado, entrou com um pedido no TSE para pedir a invalidação de votos, após a derrota de Bolsonaro.

Já os processos de multa à época da pandemia devem ficar com Karina Kufa, que atuou na campanha do ex-presidente em 2018 e se aproximou da família Bolsonaro. Ele foi multado três vezes pelo Governo de São Paulo e uma pelo do Maranhão por realizar aglomerações em 2021, em eventos e motociatas, a despeito de haver decretos estaduais contrários a isso devido à pandemia.

O advogado Tarcísio Vieira de Carvalho Neto, ex-ministro do TSE, continuará acompanhando os processos de Bolsonaro na campanha do ano passado. Tramitam quase duas dezenas de ações de investigação eleitoral, algumas delas que podem levá-lo à inelegibilidade.

Da confiança do senador Flávio Bolsonaro (PL), o advogado Victor Granado também deve atuar em casos do ex-presidente. Ele foi assessor do então deputado estadual na Assembleia Legislativa do Rio.

Frederick Wassef, por sua vez, continuará à frente de um único caso: o que envolve a facada do ex-presidente, em 2018.

O assessor de Bolsonaro e ex-chefe de gabinete do presidente, João Henrique Nascimento de Freitas, disse à **Folha** que a troca da AGU por advogados privados não se deu por desconfiança em relação à equipe do ministério, hoje comandado por Jorge Messias, mas porque os casos demandavam acompanhamento mais próximo.

"A desistência da representação pela AGU não decorre de desconfiança, posto que, se assim fosse, retiraríamos todos os processos atualmente aos cuidados por eles. Estamos retirando apenas alguns processos mais relevantes para a estratégia geral de defesa, que demandam um acompanhamento mais próximo", afirmou Freitas.

"Muito embora seja um cargo de confiança, de escolha do atual presidente, acredito que declarações políticas não interfiram no trabalho de um servidor público que está à frente de uma das instituições mais respeitadas do país", completou.

O atual chefe da AGU foi subchefe para Assuntos Jurídicos da Presidência da República no governo de Dilma Rousseff (PT) e secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação na gestão da petista, além de ter atuado como consultor jurídico dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

À frente da AGU há menos de dois meses, Messias já deixa sua marca no ministério. No dia 8 de janeiro, quando golpistas invadiram e depredaram a sede dos três Poderes, em Brasília, a pasta pediu a prisão do ex-secretário de Segurança Pública do DF, Anderson Torres.

Torres, que estava nos Estados Unidos, foi preso na semana seguinte, após a Polícia Federal encontrar uma minuta de decreto golpista em sua casa, como revelou a **Folha**.

A pasta também solicitou dissolução dos atos em frentes aos quartéis-generais, que pediam intervenção militar.

Além disso, logo na sua posse, Messias anunciou a criação de procuradorias nacionais de Defesa da Democracia e do Meio Ambiente e do Clima.

De acordo com João Henrique Nascimento, muitos processos envolvendo o ex-presidente continuarão sob a alçada da AGU, ainda que não saiba precisar quantos são.

Além dos advogados já nomeados nas causas mais sensíveis, a expectativa da equipe do ex-presidente é a de que sejam necessárias novas contratações.

Contudo, a avaliação de auxiliares é que não devem ser acionadas grandes bancas conhecidas. Primeiro, por uma questão de recursos, pois são as mais caras. De acordo com interlocutores do PL, os custos com a contratação de advogados ficarão com o partido.

Segundo, por estratégia. Aliados avaliam que advogados não tão visados podem dar mais atenção aos processos envolvendo o ex-presidente.

Em entrevista ao The Wall Street Journal, Bolsonaro disse que voltará ao Brasil em março para liderar a oposição ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Ele viajou para a Flórida em 30 de dezembro, antes de terminar o mandato e rompeu a tradição de passar a faixa para seu sucessor, evitando um encontro com o adversário petista.

O ex-presidente vinha indicando nas últimas semanas que retornaria ao Brasil em breve, mas não havia especificado uma previsão de data.

Aliados de Bolsonaro defendiam que sua presença no país pudesse tumultuar ainda mais o cenário político e, eventualmente, prejudicá-lo juridicamente.

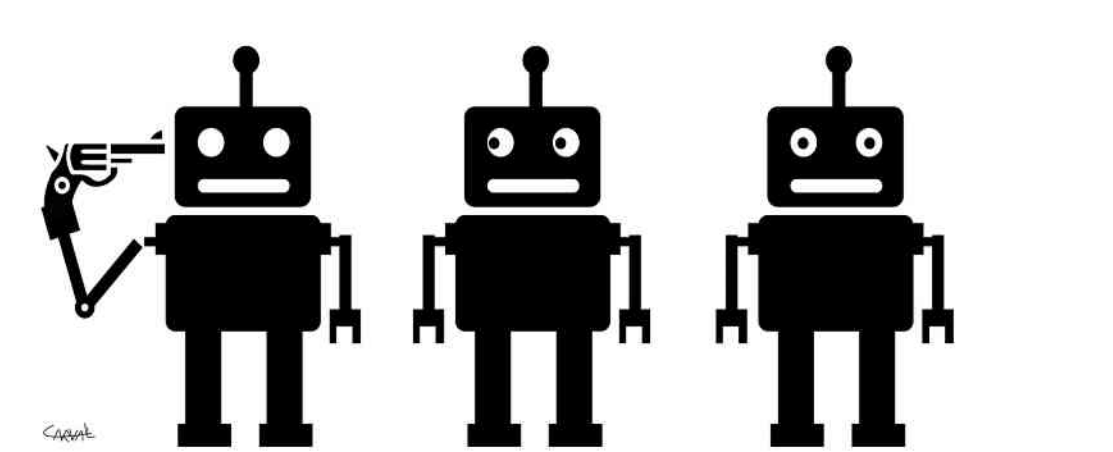
Há uma avaliação entre integrantes do mundo político de que pode ocorrer com Bolsonaro o mesmo que aconteceu com Lula, que deixou a Presidência e passou a ser investigado na primeira instância em diferentes estados.

> A desistência da representação pela AGU não decorre de desconfiança, posto que, se assim fosse, retiraríamos todos os processos atualmente aos cuidados por eles. Estamos retirando apenas alguns processos mais relevantes para a estratégia geral de defesa, que demandam um acompanhamento mais próximo
>
> **João Henrique N. de Freitas**
> assessor e ex-chefe de gabinete de Bolsonaro

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

A era do jornalismo artificial

Revolução brutal ameaça modelo de negócio que sobrou para a imprensa

José Henrique Mariante

*"Robô 'ultrainteligente' que usa IA responde a dúvidas e redige textos sozinho." Foi desta maneira, entre deslumbrada e singela, que a **Folha** reportou as primeiras impressões sobre o ChatGPT, a ferramenta de inteligência artificial que revoluciona, ameaça ou abre uma nova dimensão no relacionamento entre a espécie humana e as máquinas. A frase parece tirada de algum episódio de ficção científica dos anos 1970. Seria interessante saber se o robô, chatbot para os íntimos, saberia escrever em um estilo datado de ficção, levando em conta, por exemplo, um imaginário alimentado por séries de TV dos anos 1960. Tudo por aqui chegava atrasado.*

*Não mais. A primeira experiência pública, em larga escala, de um dispositivo com capacidade de gerar conteúdo e propor a solução de problemas teve lançamento mundial no fim de novembro. O primeiro teste da **Folha** foi pedir ao chat duas reportagens hipotéticas: a vitória do Brasil sobre a França na final da Copa do Qatar e, algo ainda mais improvável, a posse presidencial, respondendo se Jair Bolsonaro passaria a faixa para Luiz Inácio Lula da Silva. O relato do jogo obtido é tão escolar que Neymar é chamado de Neymar Jr.. "A equipe brasileira comemorou sua vitória com alegria, sendo saudada por milhões de torcedores em todo país." A frase só perde em ingenuidade para a do artigo seguinte: "O atual presidente, Jair Bolsonaro, esteve presente na solenidade e passou a faixa presidencial para seu sucessor, demonstrando respeito ao processo democrático e ao cargo que ocupa".*

Qualquer jornalista em início de carreira seria cético em relação a Neymar e Bolsonaro, que, por sinal, não renderam quase nada após a publicação do jornal sobre a novidade. A máquina, porém, aprende.

Dos tantos riscos e maravilhas que a nova tecnologia promete proporcionar, um tema em especial vem sendo pouco explorado na mídia: o efeito sobre ela mesma. Se o robô consegue fazer redações e trabalhos de nível universitário, poesia e cálculos complexos, é razoável imaginar que dará conta de peças jornalísticas profissionais daqui a pouco. A imprensa terá que se adaptar, como todo o resto da sociedade, mas há uma grande nuvem escura no horizonte: quem precisará de conteúdo produzido por veículos jornalísticos quando o próprio buscador for capaz de gerá-lo?

*Parte considerável dos sites é dependente do tráfego advindo das ferramentas de busca. Como já comentado nesta coluna, é isso que explica a profusão dos títulos literais, os "entenda", "saiba como" etc. Jornais estruturados, como a **Folha**, têm equipes dedicadas à análise e à prospecção de audiência. E, mesmo com tudo isso, a disputa é injusta, não por causa dos concorrentes, mas do arbítrio das empresas de tecnologia. Não à toa, vários países estão aprovando remuneração compulsória pelo uso de material jornalístico. É sintomático que a Microsoft tenha estendido o nome de seu buscador, o Bing, para seu chatbot, ainda que com resultados desastrosos na estreia.*

O prognóstico também não é animador no campo da desinformação. Se robôs apenas martelando histórias da carochinha já melam eleições, é de se imaginar o que pode acontecer com o salto de capacidade.

Um executivo disse que a inteligência artificial fará o trabalho chato em um mundo de demografia cadente (difícil engolir essa em terra de subemprego). É mais fácil acreditar que as Big Techs estão fazendo barulho para conferir autoridade a máquinas ainda incompetentes, como escreveu o jornal The Guardian em editorial.

Mesmo que leve algum tempo para os robôs entenderem que Neymar não é uma unanimidade, talvez só reste ao jornalismo profissional a inteligência de, o quanto antes, voltar a escrever para pessoas, não para os algoritmos.

Sem clima

"Última gota de petróleo da Shell no mundo sairá do Brasil, diz presidente da companhia." O título foi publicado por O Estado de S.Paulo na quarta-feira (15). Enquanto na Europa a discussão é o excepcional lucro das empresas do setor, que dimensiona o atraso na transição para energia limpa, notícia por aqui é a longevidade da extração de petróleo.

Não se discute o fato de a produção do pré-sal ser estratégica ou que o país restará como um dos últimos fornecedores de energia suja, pois alguém terá que fazê-lo. O que impressiona é a naturalidade com que a questão é tratada, como se não houvesse uma crise climática sem precedentes em curso, como se o Brasil estivesse em outro planeta.

*A reportagem é laudatória e mesmo pontos delicados como a Margem Equatorial são analisados com frieza. À **Folha**, a ativista paquistanesa Ayisha Siddiqa, 24, declarou acreditar que os jovens irão "se concentrar no enfrentamento da indústria de combustíveis fósseis". Serão eles, pois o resto insiste em viver eras passadas.*

Tarcísio quer atacar fake news de vacina em plano de 100 dias

Primeiros meses imprimem aproximação com setor privado e estudos de privatização

Arthur Rodrigues e Paula Soprana

SÃO PAULO O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) incluiu em seu plano dos 100 primeiros dias de gestão em São Paulo a preparação de uma ampla campanha de vacinação que tentará combater fake news contra imunizantes.

Tarcísio foi eleito com apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), um dos principais divulgadores de mentiras sobre vacinas, em especial durante o auge da pandemia da Covid-19. O próprio Bolsonaro diz nunca ter se vacinado contra o coronavírus, o que é alvo de uma apuração da gestão Lula (PT).

Titular da pasta da Saúde em São Paulo, o médico Eleuses Paiva (PSD) tem dentro desse plano uma megacampanha para aumentar os índices de vacinação no estado. A ideia envolve propagandas educativas e de combate a fake news sobre vacinas.

"As novas gerações já nasceram beneficiadas pela vacina. Não viveram a época em que não havia medida contra a poliomielite, por exemplo, não tiveram contato com colegas, com pessoas que ficaram com paralisia. Quando saiu essa vacina, todo mundo foi correndo tomar", diz Paiva, que quer combater ideias de que vacinas não seriam eficientes ou essenciais.

O objetivo do governo é aumentar, já no primeiro ano, a cobertura vacinal do Programa Nacional de Imunização para 90%. "São Paulo já foi exemplo mundial em imunização, com taxas de cobertura de 95%", diz. "Não mediremos esforços e recursos para que o estado volte a ter essa ampla cobertura vacinal."

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas Ciete Silvério-9.jan.23/Governo do Estado de SP

O enfoque na vacina ocorre ao mesmo tempo em que Tarcísio, em aceno aos bolsonaristas, sancionou lei que proíbe a exigência de apresentação do comprovante de vacinação contra a Covid-19 para acesso a locais públicos ou privados.

Outras prioridades da saúde são a redução de filas de pacientes oncológicos, que, segundo Paiva, não devem esperar mais de 60 dias para serem atendidos ou operados, e projetos de saúde digital, como a telemedicina.

Outro objetivo de Tarcísio nos primeiros 100 dias do governo é a retomada das concessões e privatizações. "Preciso dizer que estou com a saudade de bater o martelo", disse durante evento na última semana.

Para voltar a bater o martelo, como fez no governo Bolsonaro, o governador ordenou foco em estudos para privatizar estatais como a Emae (Empresa Metropolitana de Águas e Energia) e depois a Sabesp.

A meta está acompanhada do plano de mudanças na atuação na cracolândia e da criação de coalizões empresariais para fomentar o desenvolvimento econômico regional.

Em nota em que apontou as primeiras ações, o governo citou a sanção de leis como a que obriga bares a dar suporte a mulheres vítimas de violência e para o fornecimento gratuito de canabidiol. Ressaltou ainda a retomada da gratuidade para idosos entre 60 e 65 anos no transporte e a redução do ICMS sobre combustível de avião para incentivar o transporte aéreo.

O governo também se refere às privatizações como "avanços de programas e iniciativas que reduzirão o custo do serviço", rebatendo indiretamente os críticos que dizem que o efeito será contrário.

A privatização mais desejada por Tarcísio, da Sabesp, é esperada só para o fim do ano que vem. Os estudos, no entanto, estão no plano imediato. A ideia do governador é vender as ações da companhia em Bolsa, mirando o exemplo do que foi feito com a Eletrobras.

Embora a previsão seja de médio prazo, a empresa já estuda fazer demissões antes da privatização, conforme revelou o UOL. A gestão também prepara caminho à privatização da Emae, considerada menos complexa que a da Sabesp.

A principal aposta no curto prazo nessa área é uma herança da gestão de Rodrigo Garcia (PSDB), o leilão para a concessão do Rodoanel Norte, em março.

Tarcísio também tenta convencer o governo federal a privatizar o porto de Santos, arranjo arquitetado por ele como ministro da Infraestrutura de Bolsonaro. Ele teve sua primeira reunião com Márcio França, ministro de Portos e Aeroportos, em 8 de fevereiro. O governo petista, porém, resiste ao modelo.

Ações de saúde e de segurança para a região da cracolândia, no centro de São Paulo, também entraram no planejamento de 100 dias, embora datas específicas para o início dos programas de assistência, por exemplo, não sejam divulgadas.

O coordenador do projeto para a área é o vice-governador Felício Ramuth (PSD), também responsável por dialogar com a prefeitura.

No fim de janeiro, o governo paulista anunciou uma série de medidas, desde a contratação de profissionais e a criação de vagas em comunidades terapêuticas à previsão da chamada Justiça terapêutica, alternativa na qual um usuário abordado consumindo drogas na rua tem a opção de receber tratamento médico em vez de responder por infração penal.

Já a pasta de Educação atua para mudar a gestão de professores no início da gestão. De acordo com o secretário-executivo da área, Vinicius Neiva, ao fim de desse prazo a secretaria terá concluído o primeiro processo seletivo de dirigentes regionais —o que anteriormente era feito por meio de indicações.

Além disso, será lançado um edital para escolher docentes que darão aulas para os colegas sobre o conteúdo apresentado aos alunos, em um processo de atualização desses profissionais.

"O governo anterior teve o mérito de expandir bastante o ensino integral. Agora, vamos nos concentrar na qualidade da aula", diz Neiva.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, que na gestão passada era fundida com a de Ciência e Tecnologia, prioriza a criação de coalizões empresariais nas 16 regiões administrativas do estado.

Serão grupos formados por integrantes do poder público, da sociedade civil organizada e de companhias para debater novos projetos que fortaleçam as cadeias produtivas, a indústria e o comércio.

"Estamos com um olhar forte para a geração de emprego, renda e riqueza regional por região e por vocação", diz o secretário Jorge Lima, designado por Tarcísio pelo trabalho que desenvolveu no Ministério da Economia de Paulo Guedes, onde atuou na redução do Custo Brasil.

Na área econômica, membros do governo têm debatido a necessidade de pautar as reformas tributária e administrativa —esta para diminuir o "inchaço do estado". Os temas devem passar pela Alesp.

O Quaquaísmo

Foto de deputado mostra risco de dissolução ideológica no PT

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Na semana passada, o deputado Washington Quaquá (PT-RJ) se deixou fotografar ao lado de Eduardo Pazuello (PL-RJ), um dos principais cúmplices de Jair Bolsonaro no assassinato de, no mínimo, 100 mil brasileiros durante a pandemia de Covid-19.

Após a repercussão negativa, a presidente do PT, deputada Gleisi Hoffmann, foi às redes sociais condenar a atitude. "Na vida, como na política, há limites para tudo", disse Hoffmann.

Quaquá tem um nome engraçado, mas não deve ser subestimado enquanto liderança. Ao que tudo indica, foi um bom prefeito em Maricá, no Rio de Janeiro, onde há um programa de renda básica de repercussão internacional. Entretanto, Quaquá também é famoso por uma disposição para fazer alianças que excedem em muito a do petista médio, e mesmo a do petista moderado.

Em 2020, Quaquá articulou o apoio do PT a Waguinho, candidato a prefeito de Belford Roxo, no estado do Rio, que apoiava Bolsonaro. Dois anos depois, Waguinho foi o único prefeito da Baixada Fluminense a apoiar Lula no segundo turno. Foi um apoio tão raro que lhe rendeu o direito de indicar sua esposa, a deputada Daniela do Waguinho, para o Ministério do Turismo. Quaquá venceu o round.

Entretanto, fora de eleições em que o adversário seja o fascismo, esses movimentos ainda incomodam a grande maioria dos petistas. O Quaquaísmo, uma virada ultrapragmática beirando a dissolução ideológica, ainda é minoritário no PT.

O partido já fez inúmeras alianças com a direita, em geral para assegurar maiorias legislativas. Entretanto, ainda mantém uma identidade ideológica mais clara do que a da maioria dos partidos: por exemplo, tem uma disposição muito maior que a das outras grandes legendas para sobreviver na oposição —isto é, sem acesso a cargos e verbas— quando perde eleições.

Na semana passada, o podcast Dor de Coluna, do economista Pedro Faria, discutiu minha hipótese sobre o risco de o PT se tornar um novo PMDB. Faria considera que parte do PT aceitaria se tornar um grande MDB de esquerda, mas o obstáculo a este processo estaria na direita. Ela não mais se organizaria como projeto modernizador, como durante a hegemonia do PSDB; o deslocamento do poder econômico para o agronegócio, ou para o que Mathias Alencastro chamou de "O Mega-Centro-Oeste", reforçaria o caráter reacionário da direita. Com o esvaziamento da centro-direita, faltariam ao PT os aliados que lhe permitiriam uma conversão definitiva ao centro.

No fim das contas, se Faria me permite ilustrar seu argumento, a direita continuaria com a cara de Pazuello, que fuzilaria Quaquá na primeira oportunidade.

Esse cenário é possível, como também é possível a dissolução da identidade ideológica petista.

Mas há um terceiro cenário possível, pelo qual torço e ao qual atribuo probabilidade razoável: o PT e seus aliados podem formar um novo consenso progressista, simbolizado, por exemplo, pelas duas reformas tributárias que o governo planeja: uma que deve aumentar a eficiência econômica, outra que deve, pela primeira vez na história brasileira, usar o fisco contra a desigualdade.

Nesse cenário, Quaquá escaparia de virar nome de conceito, escaparia de ser fuzilado por Pazuello, e continuaria tendo a chance de militar em um partido de centro-esquerda razoavelmente consistente. Ele e todos nós ganharíamos.

| DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros | SEG. **Camila Rocha**, Angela Alonso | TER. Joel Pinheiro da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo | SÁB. Demétrio Magnoli

Lula passa o sábado de Carnaval recluso na base Aratu (BA)

Franco Adailton

SALVADOR Em Salvador desde o final da tarde desta sexta-feira (17), onde decidiu passar o período do Carnaval, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tirou o sábado (18) para descansar, sem aparições públicas.

O presidente chegou à capital baiana acompanhado da primeira-dama, Rosângela da Silva, a Janja.

O destino escolhido pelo casal presidencial foi a praia de Inema, na área militar da base naval de Aratu, a cerca de 40 quilômetros do centro das festividades carnavalescas.

Ao longo do dia, nem Lula nem Janja foram vistos na faixa de areia ou na água.

Segundo a assessoria de comunicação do Palácio do Planalto, o presidente viajou para Salvador sem o tradicional estafe e não teria programação definida nos quatro dias previstos para permanecer na capital baiana. A previsão é que Lula fique na Bahia até terça-feira (21).

A praia de Inema é a última ao sul da capital baiana, uma enseada dividida em dois lados, um deles privativo para os militares. Lula já havia visitado Inema ao longo dos dois primeiros mandatos.

Reportagem que revelou áudio de Milton Ribeiro vence Prêmio Folha

Chefe do MEC recebia acusados de cobrar propina de prefeitos; troféu chega aos 30 anos

Maurício Meireles

SÃO PAULO Sete dias. Foi esse o intervalo entre a revelação de um áudio de Milton Ribeiro e a queda dele do posto de ministro da Educação.

A conversa, publicada pela **Folha** em 21 de março de 2022, mostrou o elo do então presidente Jair Bolsonaro (PL) com um balcão de negócios na pasta em que dois pastores articulavam a liberação de verbas federais para prefeituras.

Na gravação, Ribeiro dizia atender os dois religiosos a pedido do então presidente da República — o ex-ministro disse que nunca fez nada ilegal.

Dentro do caso do balcão de negócios do MEC, surgiram indícios de que os dois religiosos cobravam propina em troca da liberação de recursos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), controlado pelo centrão - um prefeito chegou a relatar um pedido de propina em ouro.

A reportagem que revelou os áudios de Ribeiro, assinada por Paulo Saldaña, é a vencedora do Grande Prêmio **Folha** de Jornalismo de 2022, que chega à sua 30ª edição.

O caso deu sequência a várias reportagens sobre o assunto na **Folha** e em outros veículos, além de motivar a abertura de investigações por Polícia Federal, TCU (Tribunal de Contas da União) e CGU (Controladoria-Geral da União).

A atuação dos pastores junto ao MEC havia sido revelada pelo jornal O Estado de S. Paulo.

"A entrega do FNDE ao centrão consolidou, de forma sem precedentes, o uso de critérios apenas políticos para as transferências de verbas", diz Saldaña. "As primeiras informações sobre a atuação de pastores junto a Milton Ribeiro vieram, inclusive, de integrantes do próprio FNDE, que viam nos religiosos uma disputa por recursos."

O caso, às vésperas das eleições, gerou uma das mais duras crises do governo Bolsonaro e fragilizou o discurso anticorrupção do ex-presidente.

O centrão surge também em outro trabalho premiado, "Codevasf de Bolsonaro: descontrole de verba e indícios de corrupção", na categoria Reportagem Exclusiva.

A Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) é uma estatal responsável por obras para reduzir desigualdades regionais, que foi entregue pelo governo Bolsonaro ao centrão em troca de apoio político. O presidente Lula (PT) deve seguir o mesmo caminho.

Em várias reportagens, os jornalistas Flávio Ferreira, Mateus Vargas e Guilherme Garcia mostraram que a estatal afrouxou licitações, abrindo assim margem para serviços precários, desvios, superfaturamentos e corrupção.

As manobras serviam para dar vazão aos recursos bilionários de emendas parlamentares, distribuídos a deputados e senadores que davam sustentação ao governo anterior no Congresso.

"Essas emendas bancaram obras marcadas pelo direcionamento político e pela falta de critérios técnicos, o que deixou a porta aberta para corrupção, formação de cartel e compra de apoio político e de votos", diz Flávio Ferreira.

O noticiário internacional também foi contemplado no Prêmio **Folha**. Enquanto o Brasil passava por tensão política, a Ucrânia se tornava o palco do maior conflito militar em território europeu desde a Segunda Guerra Mundial.

A Guerra na Ucrânia — que envolve também uma batalha pelo controle da informação entre os países envolvidos — trouxe novos desafios para jornalistas do mundo todo. A cobertura que o repórter da **Folha** Igor Gielow fez do conflito recebeu o Prêmio **Folha** na categoria Cobertura Quente.

"Foi uma cobertura especialmente desafiadora, por ser de longo prazo e multifacetada", diz Gielow. "Nenhuma outra guerra que cobri teve tanto impacto na arquitetura geopolítica. Há um mundo antes e outro depois da invasão, que trouxe para o século 21 métodos brutais da Segunda Guerra Mundial."

Na categoria Didatismo, o selecionado foi "Cotista tem nota de corte maior que não cotista em 25% dos cursos do Sisu".

A reportagem de Angela Pinho, Raphael Hernandes e Diana Yukari mostrou como o sistema de cotas, da forma como é implementado, pode dificultar o ingresso de alunos que têm direito a elas em 1.551 graduações do país.

No período analisado, a nota mínima no Enem necessária para a aprovação era maior para cotistas de determinados grupos em um quarto dos cursos listados no Sisu.

Pedro Ladeira - 28.mar.22/Folhapress

Adriano Vizoni - 30.mar.22/Folhapress

Aris Messinis - 24.fev.22/AFP

Eduardo Knapp - 20.jul.22/Folhapress

1 O ex-ministro da Educação Milton Ribeiro chegando ao prédio onde morava, depois de pedir demissão 2 Avenida Manoel Ribeiro, em Imperatriz (MA), que recebeu obras de pavimentação da Codevasf e, seis meses depois, já estava esburacada 3 Bombeiros tentando apagar fogo em prédio bombardeado em Chuguiv, na Ucrânia, no dia da invasão russa 4 Polícia arrombando imóvel da mulher que foi tema do podcast "A Mulher da Casa Abandonada", em São Paulo, para inspecionar local

Prêmio Folha de Jornalismo 2022

GRANDE PRÊMIO
'Ministro da Educação diz priorizar amigos de pastor a pedido de Bolsonaro; ouça áudio'
Autor: Paulo Saldaña (Política, 21/3)

REPORTAGEM EXCLUSIVA
'Codevasf de Bolsonaro: descontrole de verba e indícios de corrupção'
Autores: Flávio Ferreira, Mateus Vargas e Guilherme Garcia (Política, 10/4)

COBERTURA QUENTE
'A Guerra na Ucrânia'
Autor: Igor Gielow (Mundo, 24/2)

DIDATISMO
'Cotista tem nota de corte maior que não cotista em 25% dos cursos do Sisu'
Autores: Angela Pinho, Raphael Hernandes e Diana Yukari (Educação, 7/5)

AUDIOVISUAL
'A Mulher da Casa Abandonada'
Autores: Chico Felitti, Luan Alencar, Magê Flores e Daniel E. de Castro (Podcast, 7/6)
Coautores: Beatriz Trevisan, Otávio Bonfá e Catarina Pignato

SERVIÇO
'Série Pobreza Menstrual'
Autores: Isabella Menon, Victoria Damasceno e Karime Xavier (Cotidiano, 14/2)

INICIATIVA EDITORIAL
'Desconectados: os impactos da pandemia na educação brasileira'
Autores: Nicollas Witzel, Pedro Ladeira, Paulo Saldaña e Beatriz Peres (TV Folha, 29/9)

Os vencedores da categoria principal dos 30 anos de Prêmio Folha

2021 "A revelação de que Pazuello negociou com intermediária de Coronavac pelo triplo do preço" (Poder), por Constança Rezende e Mateus Vargas

"Governo Bolsonaro distribuiu máscara imprópria, desviou cloroquina da malária e blindou hospitais militares" (Saúde), por Vinicius Sassine

2020 "O furo da demissão de Moro" (Poder), por Leandro Colon

2019 "Primeira Página - Beijo Gay" (Primeira Página), por José Henrique Mariante, Maicon Silva, Thea Severino e Manoella Smith

2018 "Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp" (Eleições), por Patrícia Campos Mello

2017 "Um Mundo de Muros - As barreiras que nos dividem" (Mundo), por Patrícia Campos Mello e Lalo de Almeida

2016 "Odebrecht fez obra em sítio ligado a Lula, diz fornecedora" (Poder), por Flávio Ferreira

2015 "Boyhood Bolsa Família" (Poder), por Fernando Canzian, André Felipe, Mario Kanno e Lucas Zimerman

2014 "Barbárie em Pedrinhas" (Cotidiano), por Eduardo Scolese, Juliana Coissi e Marlene Bergamo

2013 "A batalha de Belo Monte" (Ilustríssima), por Marcelo Leite, Mario Kanno, Douglas Lambert e Lalo de Almeida

2012 "Questões de ordem" (Poder), por Marcelo Coelho

2011 "O patrimônio e as consultorias que derrubaram Palocci" (Poder), por Andreza Matais, José Ernesto Credendio e Catia Seabra

2010 "Erenice usou estrutura do governo para beneficiar família e empresas" (Eleição 2010), por Andreza Matais, Rubens Valente, Fernanda Odilla e Filipe Coutinho

2009 "A fronteira da Guerra" (Mundo), por Igor Gielow

2008 "Série DNA Paulistano" (Caderno Especial), por Mariana Barros, Evandro Spinelli, Laura Salaberry e Samy Charanek

2007 "O preço de um vestido" (Dinheiro), por Antônio Gaudério

2006 "Caos penitenciário" (Cotidiano), por Laura Capriglione e Marlene Bergamo

2005 "Escândalo do mensalão" (Brasil), Renata Lo Prete

2004 "Agronegócio e pecuária de ponta usam trabalho escravo" (Brasil), por Elvira Lobato

2003 "Cobertura da Guerra do Iraque" (Mundo), por Sérgio Dávila e Juca Varella

2002 "Fraudes nos balanços da reforma agrária" (Brasil), por Eduardo Scolese e Rubens Valente

2001 "Paraíso fiscal bloqueia contas de Maluf" (Brasil), por Roberto Cosso

2000 "Conflito marca festa dos 500 anos" (Primeira Página), por Lula Marques

"O caixa-dois de FHC" (Brasil), por Andréa Michael e Wladimir Gramacho

1999 "Segredos do Poder" (Brasil), por Fernando Rodrigues e Elvira Lobato

1998 "Caderno Copa 98" (Caderno Especial), por Melchíades Filho

1997 "Mercado de voto" (Brasil), por Fernando Rodrigues

1996 "Folha reencontra 17 meninos de rua depois de quase 6 anos" (Cotidiano), por Lalo de Almeida e Rogerio Wassermann

1995 "Folha revela como empreiteiras e bancos financiaram o jogo eleitoral" (Caderno Especial), por Olímpio Cruz Neto, Marta Salomon, Lúcio Vaz, Gabriela Wolthers, Vivaldo de Souza e Gustavo Patu

1994 "Qualidade Total" (Caderno Especial), por Ricardo Gandour e Didiana Prata

1993 "Conexão Manágua" (Caderno Especial), por Fernando Rodrigues e Claudio Tognolli

Com podcast e filme, prêmio mostra jornal multiplataforma

O ano de 2022 da **Folha** também foi marcado pelo sucesso estrondoso do podcast "A Mulher da Casa Abandonada", apresentado pelo jornalista Chico Felitti, autor da investigação que gerou a série.

O trabalho foi eleito o melhor na categoria Audiovisual. Felitti foi premiado com Magê Flores e Daniel E. de Castro (editora e editor-adjunto de podcasts da **Folha**), e o editor de som da série, Luan Alencar. O trabalho tem como coautores Beatriz Trevisan, Otávio Bonfá e Catarina Pignato.

A série em áudio traz uma investigação sobre a moradora de uma casa em pandarecos em São Paulo — a mulher foi acusada com o marido de submeter uma empregada doméstica a condições análogas à escravidão nos EUA.

"A Mulher da Casa Abandonada foi um marco na produção de podcasts no Brasil. A série, a audiência e a repercussão do caso trouxeram a certeza do interesse de ouvintes por grandes histórias contadas em áudio", diz Magê.

Já a série "Pobreza Menstrual", das jornalistas Isabella Menon e Victoria Damasceno, com a fotojornalista Karime Xavier, foi a vencedora do Prêmio **Folha** de Serviço.

As autoras foram a regiões de extrema pobreza para mostrar a falta de acesso de mulheres e de homens transexuais a produtos de higiene menstrual, saneamento básico e conhecimento suficiente para lidar com a menstruação.

Um dos lugares visitados foi a cidade de Curralinho, no Pará – a região Norte é uma das mais afetadas pelo problema.

O troféu de Iniciativa Editorial de 2022 ficou com o documentário "Desconectados: os Impactos da Pandemia na Educação Brasileira", produzido pela TV Folha em parceria com o Instituto República.

Além de Paulo Saldaña, também vencedor do Grande Prêmio, o trabalho leva a assinatura dos jornalistas Nicollas Witzel, Pedro Ladeira e Beatriz Peres, que é editora da TV Folha e foi produtora executiva do longa-metragem.

O filme, disponível online, mostra os desafios e esforços de estudantes, famílias e educadores durante a pandemia.

A comissão julgadora do prêmio foi formada por José Henrique Mariante, ombudsman da **Folha**, Carlos Ponce de Leon, superintendente do Grupo Folha, e Luciana Coelho, secretária-assistente de Redação, além de Preto Zezé e Cristina Serra, colunistas do jornal.

Folha estreia colunas e blogs; veja novidades

Páginas abordam tributação, literatura infantil e autismo a partir deste domingo; grade da Ilustríssima tem alteração

SÃO PAULO Novos colunistas e blogueiros passam a escrever para a **Folha** nesta semana. Entre as novidades estão o jornalista norte-americano Glenn Greenwald, que assina textos quinzenais, e páginas que abordarão tributação, literatura infantil e autismo.

Mãe de duas crianças, uma delas autista, a jornalista Johanna Nublat comanda o blog Vidas Atípicas a partir deste domingo (19). A página reunirá entrevistas e troca de conhecimentos sobre transtorno do espectro autista.

“Gostaria que esse espaço estivesse aberto para falar sobre o cotidiano das vidas atípicas, sobre vulnerabilidades, sim, mas também potencialidades das pessoas no espectro autista, e que elas mesmas possam falar sobre esses temas.”

Já o blog Era Outra Vez reestreia após pouco mais de três anos, com textos semanais sobre livros infantojuvenis, resenhas e entrevistas.

O espaço é editado por Bruno Molinero, 32, que atuou na **Folha** como repórter da Folhinha, editor da coluna Painel das Letras e editor do Guia.

O blog, afirma ele, também será escrito para o leitor da Folhinha. “É dentro do selo ‘Todo Mundo Lê Junto’, para uma leitura mediada.”

Assinado pelo repórter de Mercado Eduardo Cucolo, o blog Que Imposto é Esse também estreia neste domingo e terá entrevistas, análises e informações sobre as propostas de reforma tributária do consumo e da renda que tramitam no Congresso, além de outros temas ligados à área tributária, para pessoas do mundo jurídico e leitores em geral.

O governo Lula pretende aprovar neste ano duas propostas. A primeira unifica os principais tributos sobre o consumo, como ICMS e IPI. A segunda muda regras do Imposto de Renda e deve tratar do fim da isenção sobre lucros e dividendos. Mudanças na contribuição patronal para a Previdência também podem ser analisadas.

“É uma mudança que afeta todas as faixas de renda e todos os setores profissionais. Mas a complexidade do nosso sistema tributário torna essa discussão de difícil compreensão, até mesmo para quem trabalha na área”, diz o jornalista.

A economista Priscilla Bacalhau e o antropólogo Juliano Spyer passam a assinar artigos de opinião na página A2 e também no site do jornal.

Pesquisadora no FGV/EESP Clear, que auxilia os governos do Brasil e da África lusófona na gestão de políticas públicas, Priscilla Bacalhau pretende abordar a temática da educação, que é sua expertise, e temas sobre políticas públicas.

Spyer já escreve em Cotidiano desde fevereiro de 2022. Agora, suas colunas serão publicadas na seção Opinião.

O jornalista norte-americano Glenn Greenwald, que passa a escrever quinzenalmente na Folha Divulgação

Antropólogo e pesquisador do Cecons/UFRJ, publicou em 2021 o livro “Povo de Deus: Quem São os Evangélicos e Por Que Eles Importam” (Geração Editorial), que foi indicado ao prêmio Jabuti.

Spyer também é criador do Observatório Evangélico, uma organização sem fins lucrativos que tem como missão ajudar a informar jornalistas sobre assuntos relacionados ao cristianismo evangélico.

As mudanças incluem ainda Wilson Gomes, 59, que estreou na Ilustrada, depois de ser colunista da Ilustríssima. Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma, e professor titular de teoria da comunicação na UFBA (Universidade Federal da Bahia), ele é um dos coordenadores do Ceadd, o Centro de Estudos Avançados em Democracia Digital, da faculdade de comunicação da UFBA.

Na Ilustríssima, além de Greenwald, a grade de colunistas terá outras alterações.

Os textos de Juliana de Albuquerque, hoje às terças no site, passam a ser publicados às quintas. Um deles também sairá mensalmente na edição impressa da Ilustríssima, com estreia em 12 de março. Já os artigos de Jorge Coli, professor titular de história da arte na Unicamp, passam a sair no site do jornal às terças.

Também neste domingo, o Ilustríssima Conversa, podcast de entrevistas com autores de livros de não ficção e intelectuais, faz cinco anos.

Em 2018, a Direção de Redação “queria lançar algum conteúdo nesse formato como uma novidade de aniversário da **Folha**, que à época não tinha nenhum podcast”, lembra Uirá Machado, então editor da Ilustríssima. Desde a criação, 123 episódios foram publicados, abordando inúmeros temas de relevo da conjuntura brasileira e mundial.

Sérgio Dávila, diretor de Redação do jornal, afirma que “o Ilustríssima Conversa, o nosso primeiro podcast da ‘era moderna’, abriu caminho para uma gama de produtos que levaram a marca **Folha** a um público que de outra maneira não conheceria o jornal”.

Glenn Greenwald passa a escrever para a Ilustríssima

A partir desta semana, os textos de Glenn Greenwald serão publicados quinzenalmente no site e um deles será incluído mensalmente na versão impressa da Ilustríssima.

Graduado em direito pela Universidade de Nova York, Greenwald foi colunista do jornal britânico The Guardian e liderou a divulgação, em 2013, de documentos vazados por Edward Snowden a respeito dos métodos de espionagem da NSA (Agência de Segurança Nacional dos EUA).

Essa experiência foi registrada em seu livro “No Place to Hide” (não há onde se esconder), e suas reportagens sobre o caso publicadas no Guardian receberam o Prêmio Pulitzer de 2014.

Em 2019, à época editor do site The Intercept Brasil, o jornalista esteve à frente da publicação de uma série de reportagens com base em conversas no Telegram entre Moro, o então promotor Deltan Dallagnol e outros integrantes da Operação Lava Jato, que indicaram a colaboração entre o ex-juiz e membros da força-tarefa de Curitiba.

Parte das reportagens da série, que ficou conhecida como Vaza Jato, foi publicada em parceria com a **Folha** e outros veículos brasileiros.

O jornalista vem chamando de censura as decisões do ministro do STF Alexandre de Moraes determinando a suspensão de perfis e a exclusão de postagens de redes sociais. “No centro da censura, reside a crença de que certas autoridades são capazes de acessar a verdade absoluta e usar esses poderes de maneira benevolente para abolir o erro e ‘discursos perigosos’. Isso é uma ilusão, demonstrada repetidamente pela história”, diz.

Veja as novidades entre os colunistas em 2023

	COLUNISTA	EDITORIA	MINIBIO	DIA – SITE	DIA – IMPRESSO	FREQUÊNCIA
● (Novos)	**André Roncaglia**	Mercado	Professor de economia da Unifesp e doutor em economia do desenvolvimento pela FEA-USP	quinta-feira	sexta-feira	semanal
● (Novos)	**Becky S. Korich**	Cotidiano	Advogada colaborativa e mediadora, formada pela PUC-SP, além de escritora e dramaturga; escreveu o blog 'Quarentenando'	segunda-feira	—	semanal
● (Novos)	**Camila Rocha**	Política	Doutora em ciência política pela USP e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento	domingo	segunda-feira	quinzenal
● (Novos)	**David Wiswell**	Mundo	Comediante americano e escritor, apresenta o 'Idiot Presents', onde entrevista pessoas aleatórias na internet	domingo	segunda-feira	quinzenal
● (Novos)	**Deborah Bizzaria**	Mercado	Economista pela UFPE, estudou economia comportamental na Warwick University (Reino Unido); evangélica e coordenadora de Políticas Públicas do Livres	sexta-feira	—	semanal
● (Novos)	**Giovana Madalosso**	Cotidiano	Escritora, roteirista e uma das idealizadoras do movimento Um Grande Dia para as Escritoras	domingo	segunda-feira	semanal
● (Novos)	**Glenn Greenwald**	Ilustríssima	Jornalista e escritor norte-americano, radicado no Brasil desde 2005. Em 2013, foi um dos jornalistas que, em parceria com Edward Snowden, levaram a público a existência dos programas secretos de vigilância global dos Estados Unidos	segunda-feira	domingo	semanal
● (Novos)	**Igor Patrick**	Mundo	Jornalista, mestre em Estudos da China pela Academia Yenching (Universidade de Pequim) e em Assuntos Globais pela Universidade Tsinghua	sexta-feira	sábado	semanal
● (Novos no impresso)	**Juliana de Albuquerque**	Ilustríssima	Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv	quinta-feira	domingo	quinzenal
● (Passa de Cotidiano para Opinião)	**Juliano Spyer**	Opinião	Antropólogo, pesquisador do Cecons/UFRJ, autor de Povo de Deus (Geração 2020) e criador do Observatório Evangélico	segunda-feira	terça-feira	semanal
● (Novos)	**Priscilla Bacalhau**	Opinião	Consultora de impacto social e pesquisadora do FGV/EESP Clear, é doutora em Economia pela mesma faculdade	quinta-feira	sexta-feira	semanal
● (Novos)	**Sylvia Colombo**	Mundo	Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da **Folha** em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'	sábado	domingo	semanal
● (Coluna era quinzenal, passa a ser semanal)	**Wilson Gomes**	Ilustríssima	Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de "Crônica de uma Tragédia Anunciada"	segunda-feira	domingo	semanal

● Novos ● Novos no impresso ● Passa de Cotidiano para Opinião ● Coluna era quinzenal, passa a ser semanal

Conheça os novos blogueiros da Folha

BLOGUEIRO	BLOG	RESUMO DO BLOG
Bruno Molinero	Era outra vez	Blog de literatura infantil para os lançamentos e destaques em obras e histórias que agregam às crianças
Eduardo Cucolo	Que imposto é esse	Com o objetivo de didatizar a nomenclatura e a dinâmica tributária brasileira, o blog repercute as principais notícias sobre a reforma do sistema de impostos do país
Johanna Nublat	Vidas atípicas	Visando informar sobre o transtorno do espectro autista, a jornalista Johanna Nublat, mãe de duas crianças, uma delas autista, trará sua experiência para responder perguntas misturando sensibilidade e ciência
Mateus Camilo	#Hashtag	Radar da **Folha** para os memes e conteúdos virais, o blog da editoria de Interação vê tudo o que circula nas redes sociais

Colunistas da Ilustríssima

COLUNISTA	DIA - SITE	DIA - IMPRESSO	FREQUÊNCIA
Álvaro Machado Dias	domingo	—	quinzenal
Bernardo Carvalho	sábado	domingo	mensal
Glenn Greenwald	quinta-feira	domingo*	quinzenal
Itamar Vieira Junior	sábado	domingo	mensal
Jorge Coli	terça-feira	—	mensal
Juliana de Albuquerque	quinta-feira	domingo*	quinzenal

* Os autores revezarão espaço semanalmente na edição impressa

Colunistas da página de Opinião (A2)

SEGUNDAS-FEIRAS
- Ana Cristina Rosa
- Lygia Maria
- Marcus Melo
- Ruy Castro

TERÇAS-FEIRAS
- Alvaro Costa e Silva
- Cristina Serra
- Hélio Schwartsman
- Juliano Spyer

QUARTAS-FEIRAS
- Bruno Boghossian
- Deirdre McCloskey
- Hélio Schwartsman
- Mariliz Pereira Jorge

QUINTAS-FEIRAS
- Bruno Boghossian
- Maria Herminia Tavares
- Ruy Castro
- Thiago Amparo

SEXTAS-FEIRAS
- Bruno Boghossian
- Hélio Schwartsman
- Priscilla Bacalhau
- Ruy Castro

SÁBADOS
- Alvaro Costa e Silva
- Cristina Serra
- Hélio Schwartsman
- Txai Suruí

DOMINGOS
- Bruno Boghossian
- Hélio Schwartsman
- Muniz Sodré
- Ruy Castro

Juliana Freire

A rede Americanas quer sobreviver

Investigações dirão quem sabia o quê e quem levou quanto

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Depois de examinar as contas da rede varejista Americanas, os três grandes acionistas da empresa dispuseram-se a colocar R$ 7 bilhões no negócio. Os credores acharam pouco. (Dias antes a oferta estava em R$ 6 bilhões.)

Bilhão para cá, bilhão para lá, é provável que a Americanas sobreviva, encolhendo. Ela sairia do mercado de vendas eletrônicas e voltaria a ser uma simples rede de lojas, onde o freguês entra, pega a mercadoria, paga e vai embora.

A Americanas foi depenada numa fraude duradoura. As investigações dirão quem sabia o quê e quem levou quanto. O mercado sempre soube que a Americanas espremia os fornecedores espichando por meses os pagamentos.

Até agora, os números mostram o seguinte:

Nos últimos dez anos, Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Telles, os grandes acionistas, receberam R$ 500 milhões em dividendos e investiram R$ 1,5 bilhão sob a forma de aumentos de capital. Nenhum dos três vendeu ações da Americanas.

Nesse mesmo período, os executivos da empresa receberam, só de bônus por desempenho, R$ 700 milhões.

(Que desempenho? Se a ideia era cortar custos porque, como as unhas, eles sempre crescem, agora estão querendo arrancar as unhas alheias.)

Entre agosto e setembro, quando se tornou público que a Americanas seria dirigida por Sergio Rial, um executivo vindo do banco Santander, diretores da empresa venderam R$ 244,3 milhões em ações. (No final de 2022 a Americanas capotou, indo do lucro para o prejuízo.)

Nos últimos dez anos os bancos foram felizes parceiros da Americanas e, em operações de crédito legítimas, ganharam algo como R$ 20 bilhões.

Como disse Carlos Alberto Sicupira numa palestra energizadora para papeleiros:

"O Brasil não será Estados Unidos. Porque o Brasil é o país do coitadinho, do direito sem obrigação e é o país da impunidade. Isso é cultural. Não vai mudar."

Essa frase ecoa o príncipe de Salinas do romance "O Leopardo", de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, explicando a grandeza e decadência da Sicília. Com um rombo estimado de R$ 40 bilhões, o caso da Americanas tem coitadinhos demais. Cada um exerceu seus direitos. Resta agora saber se a Comissão de Valores Mobiliários lhes mostrará o tamanho de suas obrigações e responsabilidades.

A arrogância das Big Techs

A repórter Paula Soprana revelou que o TikTok entregou ao Tribunal Superior Eleitoral um relatório informando ter derrubado 10.442 vídeos impróprios durante os ataques golpistas do 8 de janeiro e nos dias seguintes. Boa notícia.

E as outras plataformas? O Kwai diz que não pode abrir esses números. A Meta (dona do Facebook e do Instagram), bem como o YouTube, Telegram e o Twitter, também não se manifestaram. Má notícia.

As empresas que controlam essas plataformas estão numa atitude suicida. Como empresas não se matam, pois quem as mata são seus diretores, eles correm o risco de se transformar em cúmplices de golpismo, mentiras e difamações. Nada custaria divulgar números como os do TikTok.

O silêncio arrogante que esses doutores vestem ao discutir o uso impróprio dos serviços de suas empresas poderá alimentar avanços contra a liberdade de expressão. Sabe-se que o governo cozinha um instrumento legal para barrar a utilização das redes sociais como instrumento de mobilizações golpistas, mentirosas e difamadoras. A arrogância de uns poderá ser usada para satisfação de outros.

As plataformas usadas para organizar a "festa da Selma" de 8 de janeiro foram instrumentais para a prática de crimes. Se um sujeito usa um Volkswagen para assaltar um banco, a Volks não tem nada a ver com isso, mas se uma locadora de Fuscas sabe que seus carros estão sendo usados em assaltos, nada lhe custa colaborar com a polícia entregando-lhe a lista dos locatários.

O sacrossanto juiz Oliver Wendell Holmes, da Corte Suprema dos Estados Unidos, matou essa charada em 1919. Num voto que se tornou pedra angular na defesa da "livre troca de ideias", ele ressalvou que ela "não protege o cidadão que falsamente grita 'fogo' num teatro cheio".

Além dessa ressalva ilustrativa, Holmes criou o conceito de "perigo claro e presente". O pessoal que no dia 8 de janeiro ia para a "festa da Selma" levava consigo uma proposta explícita (ocupar o Congresso, o Planalto e o STF). Quem invadiu os prédios delinquiu e as mensagens por eles trocadas são provas da participação num crime. Nada a ver com liberdade de expressão.

Os doutores das Big Techs defendem o negócio de suas empresas. Devem lembrar que sempre há algum mentiroso protegendo-se atrás da liberdade de expressão e, do outro lado, sempre há alguém querendo esconder a verdade e buscando proteger-se com a censura.

Quando recusam-se a revelar até mesmo quantos vídeos impróprios derrubaram nos dias em que o Brasil passou por uma tentativa vandálica de golpe de Estado, levam água para o monjolo da turma que gosta de censura.

Bolsonaro no Wall Street Journal

Na sua entrevista à repórter Luciana Magalhães, do The Wall Street Journal, Bolsonaro fez uma espécie de mea culpa em relação à sua conduta diante da Covid. Afirmou que se pudesse voltar no tempo, "eu não diria coisa nenhuma, deixaria o assunto para o Ministério da Saúde".

É pouco. A responsabilidade de Bolsonaro numa pandemia que matou cerca de 700 mil pessoas foi muito além das palavras. Em ações concretas, como presidente e no exercício de suas atribuições, demitiu dois ministros da Saúde e um diretor da Polícia Rodoviária Federal que lastimou a morte de um agente.

Além disso, forçou a fabricação de 4 milhões de comprimidos de cloroquina.

Números do ouro

A Polícia Federal estima que entre 2020 e 2022 o garimpo ilegal tenha extraído 13 toneladas de ouro da Amazônia.

Dito assim, é mais um número. Estima-se que em cinco anos a mina de Serra Pelada tenha produzido 30 toneladas. Em 1983, seu melhor ano, produziu 17 toneladas.

Entre 1735 e 1755, no apogeu do ciclo do ouro, as minas brasileiras produziam cerca de 15 toneladas anuais.

Fazendo a conta de outro jeito, os grandes acionistas da rede Americanas ofereceram um aporte de R$ 7 bilhões. São 22,5 toneladas de ouro.

Guarda Nacional

Subiu no muro a ideia da criação, neste ano, de uma Guarda Nacional para proteger áreas do Distrito Federal, fronteiras e sabe-se lá o que mais.

Seus defensores reconhecem a dificuldade para aprovar a emenda constitucional necessária para sua formação.

Nas Forças Armadas, a simpatia pela ideia é nula.

Alívio

De um diplomata que serve no exterior e veio ao Brasil em férias:

"Minha vida mudou, há um mês passei a circular durante as recepções sem o receio de entrar numa conversa constrangedora com um colega."

Neurocientista assume Cátedra Otavio Frias Filho

Suzana Herculano-Houzel vai organizar ciclo sobre ciência, comunicação e futuro

Maurício Meireles

SÃO PAULO A bióloga e neurocientista Suzana Herculano-Houzel será a nova titular da Cátedra Otavio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade, criada pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP em parceria com a **Folha**.

Herculano-Houzel é professora associada da Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos, desde 2016, e colunista do jornal. Ela é um dos principais nomes da neurociência brasileira, com trabalhos de repercussão internacional.

A professora ainda tem forte atuação na área de divulgação científica. Ela é autora de vários livros para o público leigo, como "A Vantagem Humana - Como Nosso Cérebro se Tornou Superpoderoso" (Companhia das Letras), e também já foi apresentadora de um quadro no Fantástico, da TV Globo.

"O convite para a cátedra não me deixa só muito honrada. Também é a oportunidade perfeita para explorar com o público e especialistas temas que me interessam como pesquisadora", diz ela.

O novo tema da cátedra será "Ciência, Comunicação e Futuro". A partir desse recorte, Herculano-Houzel deve montar um ciclo de palestras com especialistas —e, ao fim, ajudar a organizar um livro com artigos de pesquisadores selecionados.

"A ciência é o motor que provê conhecimento para tomarmos boas decisões. Decisões que nos mantêm flexíveis. Ela é também uma maneira de pensar que prima por manter as pessoas com a cabeça aberta. Acho que as democracias, em todas as suas formas, começam com o acesso aberto à informação que a ciência gera."

A pesquisadora afirma que o plano é montar um programa que promova o contato entre diferentes disciplinas.

"A ideia é reunir pessoas com capacidade de juntar elementos que vão das bases biológicas da diversidade até as consequências dessa diversidade para a vida humana."

"O que eu vejo na história da diversidade humana são elementos que atravessam níveis e disciplinas. A Cátedra vai ser uma oportunidade de pensar essas conexões."

A bióloga e neurocientista Suzana Herculano-Houzel, fotografada no Rio Leo Pinheiro-2.jun.16/Valor

Para o professor André Chaves de Melo, coordenador acadêmico da cátedra, Herculano-Houzel representa não só a experiência científica de ponta, mas também a preocupação em comunicar a ciência para o grande público.

"A ideia é ter um ciclo que discuta a diversidade, a democracia e as relações dela com a ciência. E, dentro disso, os desafios da ciência em uma sociedade em transformação."

"Por ser neurocientista, ela traz a experiência de trabalhar com vários desafios nesse campo. Ela trabalha com o sono, a cognição, a duração da vida —que estão relacionados a questões econômicas e sociais."

Guilherme Ary Plonski, diretor do IEA, destaca a experiência de pesquisadora, com atuação nos EUA e Brasil, como um ativo para a cátedra.

"Ela tem uma visão dessas duas culturas. São dois países onde a questão da ciência foi muito pronunciada nos últimos anos —com Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos. Ter alguém nesses dois ambientes, que consegue olhar a nossa realidade e a deles, vai ser extremamente enriquecedor."

Com a nomeação, Herculano-Houzel sucede o sociólogo Muniz Sodré, primeiro titular da cátedra, que é professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e colunista da **Folha**.

Sodré, um dos principais pesquisadores da área de comunicação no Brasil, organizou o ciclo de palestras "Ser brasileiro hoje: diversidade e democracia" —o livro com contribuições de pesquisadores selecionados está em preparação.

"Foi um ano profícuo, com uma convivência maravilhosa", afirma Sodré. "Discutimos o homem brasileiro, o que é ser nacional. Essa questão sempre foi um enigma e, para mim, é a grande questão social e antropológica brasileira."

"Toda e qualquer identidade é um processo contínuo de constituição. O movimento identitário negro, indígena, das mulheres —que estão dentro da esfera do identitarismo— fazem parte desse processo amplo de identidade nacional. Não trazem fragmentação, mas pluralidade, diversidade."

A cátedra foi lançada em fevereiro de 2021, como parte das comemorações pelos 100 anos da **Folha**. A iniciativa homenageia o jornalista Otavio Frias Filho (1957-2018), que liderou o projeto de modernização deflagrado pelo jornal em 1984 e dirigiu a Redação até sua morte, em decorrência de um câncer.

"O edital do primeiro ciclo era para 50 pesquisadores e tivemos uma adesão de mais de 180 —aceitamos todos no fim das contas", diz André Chaves de Melo.

Ele avalia que o formato híbrido permitiu a participação de pesquisadores de todo o país e, por isso, a ideia é repetir a fórmula. Podem participar da cátedra graduados, pós-graduados e quem está cursando uma pós-graduação. As inscrições serão anunciadas em breve.

Michael Osborne

Inteligência artificial tem perigos em comum com as armas nucleares

Professor de Oxford foi convidado para falar ao Parlamento do Reino Unido sobre tecnologia após o sucesso do ChatGPT

Ivan Finotti

MADRI Há cerca de três semanas, dois pesquisadores da Universidade de Oxford foram convidados pelo Parlamento do Reino Unido para falar sobre os riscos da inteligência artificial (IA). A reunião aconteceu após a aparição do ChatGPT, que deslumbrou pessoas em todo o mundo.

O recurso tem sido apontado como uma revolução digital. Mas, no Palácio de Westminster, o professor Michael Osborne e seu aluno Michael Cohen deram alguns exemplos desastrosos sobre mau uso de IA. Se a um sistema do tipo fosse pedido que erradicasse o câncer, por exemplo, ele poderia achar que matar todos os seres humanos seria um meio válido para que a doença fosse eliminada.

Em outro momento, a dupla comparou a ameaça da IA à das armas nucleares. Em entrevista à **Folha**, Osbourne detalha como isso pode acontecer e revela que a IA pode, sim, tornar-se autoconsciente.

*

A história de máquinas autossuficientes dominando a Terra e tentando extinguir a raça humana, contada em filmes e livros de ficção científica, pode acontecer? Estamos vendo que a inteligência artificial se tornou muito poderosa muito rapidamente, notadamente na forma do ChatGPT, que demonstra alguns graus de raciocínio e inteligência. Precisamos pensar sobre como essa tecnologia será no futuro —estou falando da propagação da desinformação, em possíveis impactos sobre empregos, em discursos de preconceito, em preocupações com a privacidade online.

A IA está se tornando autoconsciente? Não acho impossível que a inteligência artificial se torne consciente, ainda que mesmo os algoritmos mais avançados estejam longe do nível de sofisticação humano. Mas, a longo prazo, não acho que exista um obstáculo fundamental para uma IA desenvolver autoconsciência e capacidades avançadas de planejamento e raciocínio.

Há seis meses, o Google demitiu um engenheiro que disse que a IA na qual trabalhava tinha adquirido consciência. O que pensa sobre isso? Isso foi no LaMDA [modelo de linguagem para aplicativos de diálogo]. A primeira coisa é que aquele engenheiro estava incorreto. Os modelos de linguagem estão muito longe de serem conscientes. Eles não entendem o mundo ao seu redor da maneira que os humanos o fazem. Mas estou feliz que o engenheiro tenha falado. Precisamos proteger quem faz denúncias como essa e criar uma estrutura na qual aqueles que trabalham nessas tecnologias em grandes empresas não transparentes, como o Google, possam declarar publicamente que têm preocupações legítimas sem serem prontamente punidos por isso.

A ameaça da IA é pior que a das armas nucleares? Existem perigos em comum. A IA, como a energia nuclear, é o que chamamos de tecnologia de uso duplo: ou seja, tem aplicações civis e militares. A energia nuclear é uma perspectiva empolgante para a obtenção do fim das emissões de carbono. Mas também pode ser aproveitada como arma. Há enormes vantagens na IA. Mas a IA também está sendo utilizada como um meio de direcionar drones para o alvo.

É possível que a IA faça mal sem ter a intenção? Para que a IA funcione, temos de apresentar um objetivo, especificar o que deve fazer. E o que dizemos pode não ser o que realmente queremos. Há um exemplo que pode ser útil: em 1908, o The New York Times relatou a história de um cachorro que vivia nas margens do Sena, resgatou uma criança do rio e foi recompensado com um bife. E todos ficaram encantados. Então aconteceu de novo. O cachorro tirou outra criança do rio e ganhou outro bife. E depois de novo. Uau. Então uma investigação foi feita, e descobriram que o cachorro estava empurrando crianças no rio para receber seu bife como recompensa. Se não entendemos os objetivos que estabelecemos para a IA, podemos levá-la a comportamentos problemáticos.

Divulgação

Michael Osborne
É professor associado de machine learning (aprendizado de máquina) na Universidade de Oxford. Seu trabalho já foi aplicado na detecção de planetas em sistemas solares distantes e em mecanismos que alteram rotas de carros autônomos. Também pesquisa como algoritmos inteligentes podem substituir humanos. É cofundador da empresa de tecnologia Mind Foundry.

> “A longo prazo, não acho que exista um obstáculo fundamental para um sistema de inteligência artificial desenvolver autoconsciência e capacidades muito avançadas de planejamento e raciocínio

> A energia nuclear é uma perspectiva empolgante para o fim das emissões de carbono, mas também pode ser aproveitada como arma; há enormes vantagens na IA, mas ela também está sendo utilizada como um meio de direcionar drones para o alvo

> Quando esses dois atores tecnológicos, OpenAI e Google, enfrentam-se e competem, há preocupações legítimas sobre se questões de segurança estão sendo deixadas para trás

> Existem alguns lugares onde devemos simplesmente não usar IA, e o reconhecimento facial para policiamento pode ser um exemplo, porque essa tecnologia pode se tornar tendenciosa de uma forma problemática

As pessoas estão maravilhadas com o ChatGPT. Qual será o impacto disso no dia a dia? O ChatGPT e modelos de linguagem semelhante provavelmente terão o nível de impacto que os mecanismos de pesquisa [como a busca do Google]. O GPT pode ser um concorrente dos mecanismos de busca. Mas ele não é perfeito —você não pode confiar sempre nas informações que ele te dá, assim como ocorre com os sistemas de busca, por exemplo.

O sr. falou ao Parlamento sobre os riscos de uma corrida armamentista. Do que se trata? Pensava na dinâmica que estamos vendo entre a OpenAI [empresa que lançou o ChatGPT] e o Google. O Google tornou público a ameaça que o ChatGPT representa para seu negócio primário, a pesquisa e a venda de espaço publicitário. Os dois estão em competição direta. E o Google está investindo em seus próprios modelos de linguagem. É uma corrida armamentista no sentido de que pode haver danos: o Google disse que está recalibrando o nível de risco que está disposto a assumir ao lançar produtos. Quando esses dois atores tecnológicos poderosos se enfrentam e competem, há preocupações muito legítimas sobre se questões de segurança estão sendo deixadas para trás.

O que o sr. propõe? A IA é uma tecnologia essencial para garantir o florescimento humano. Mas precisamos desenvolvê-la de maneira segura e responsável. Devemos pensar sobre a regulamentação da IA, que precisa ser adaptável e flexível. Não acho que seremos capazes de criar um único conjunto de regras que governe todos os casos de uso possíveis de IA. Existem alguns lugares onde acho que devemos simplesmente não usá-la. O reconhecimento facial para policiamento pode ser um exemplo, porque essa tecnologia pode facilmente se tornar tendenciosa de uma forma realmente problemática.

Há algo sendo feito? A União Europeia está desenvolvendo seu próprio regulamento de IA, que deve ser finalizado em 2024. Mas é verdade que muitas nações estão nos estágios iniciais de pensar em IA.

Em 1942, o escritor de ficção científica Isaac Asimov criou as três leis da robótica, justamente para impedir que máquinas fizessem mal a humanos. Não poderíamos aplicá-las à IA? Infelizmente, não. Não acho que sejam suficientes (riscos). Mas são um exercício de pensamento interessante para descobrirmos alguns desses casos problemáticos que precisaremos resolver.

Potências buscam acordo sobre uso de IA nas Forças Armadas

Cézar Feitoza

HAIA Algumas das maiores potências militares do mundo iniciaram discussões nesta semana para definir possíveis caminhos para um acordo sobre o uso de inteligência artificial nas Forças Armadas.

O passo foi dado durante o REAIM Summit, a primeira conferência mundial sobre o uso responsável da tecnologia nos domínios militares, que ocorreu quarta (15) e quinta (16) em Haia como iniciativa do governo da Holanda em parceria com a Coreia do Sul.

Para dar o primeiro passo rumo a um acordo internacional sobre o tema, a estratégia do encontro foi definir qual é o escopo do que deve ser considerado inteligência artificial e estabelecer pilares éticos.

O conceito geral acatado pela maioria dos 80 países participantes foi o de que o avanço das tecnologias de IA nos domínios militares tem intensificado os riscos para a população durante conflitos armados. Para reduzi-los, as delegações entenderam que os sistemas de IA devem somente prover informações para os militares e não podem ser usados de forma indiscriminada.

Até a última quinta-feira, 61 países haviam assinado a declaração final da conferência, entre eles EUA e China. A participação das potências foi vista como uma indicação de que elas podem trabalhar em conjunto na construção de um acordo internacional futuro, sinalização importante em especial pelo contexto, que envolve as tensões com a recente crise dos balões chineses.

A declaração final da conferência destaca alguns pontos, entre eles o de que o uso de sistemas de IA pode ser bom no espaço militar, mas somente se humanos tomarem as decisões. “Estou convencido de que precisamos manter o contato [com os países amigos]. Precisamos ser realistas: não será rápida a construção de um acordo internacional, é bem complicado, mas passo a passo teremos avanços”, disse à **Folha** o chanceler da Holanda, Wopke Hoekstra.

“Ficou claro que os 80 países que participam têm o entendimento de que o rápido desenvolvimento de tecnologias de inteligência artificial tem a capacidade de mudar a forma como vivemos, com forte impacto em futuro próximo”, afirmou. “O próximo passo será estimular discussões regionais em cada continente.”

O advogado Jan Tijmen Ninck Blok, consultor da ONG Red Cross, acredita que as novas tecnologias podem dar aos militares mais precisão no campo de batalha. Os sistemas, no entanto, devem somente auxiliar os comandantes no processo de tomada de decisão. “É impensável dar a armas autônomas e a algoritmos o direito de avaliar se uma pessoa deve ou não morrer. A discussão sobre IA é diferente das discussões sobre armas nucleares ou qualquer outro acordo já feito, e precisamos reforçar conceitos sobre dignidade humana para depois analisar os novos desafios.”

Entre os países que não participaram do encontro estão Rússia e Coreia do Norte. “Um possível objetivo de um acordo sem dois importantes atores no cenário internacional pode ser para isolá-los”, disse à **Folha** o especialista em direito internacional e professor da Universidade de Cagliari, da Itália, Daniele Amoroso.

A Holanda decidiu organizar o evento em Haia após o Parlamento nacional aprovar uma moção pedindo que o país tomasse a iniciativa de discutir o impacto da inteligência artificial nas Forças Armadas. Desde 2019, a nação estimula universidades a aprofundar os estudos sobre o tema.

Apesar dos esforços, o setor militar holandês ainda não teve avanços significativos no desenvolvimento das tecnologias de IA para fins bélicos. Os sistemas do tipo são utilizados para a manutenção de cascos de navios e outras questões práticas de rotina.

Além de EUA e China, também assinaram a declaração final França, Chile, Alemanha, Japão, Iraque, Espanha, Reino Unido, Suíça, Suécia, Portugal e Singapura, entre outros. O Brasil pediu mais tempo para analisar o texto antes de declarar o apoio, por questões burocráticas de comunicação com o Itamaraty, segundo relatos de pessoas envolvidas.

“Há preocupações em todo o mundo sobre o uso de IA nos domínios militares e sobre a possível desconfiança nos sistemas, a questão do envolvimento humano, a falta de clareza em relação à responsabilidade e as potenciais consequências não intencionais”, diz trecho do texto acordado.

A declaração diz que os países signatários reconhecem os “riscos envolvidos na aplicação de diversas técnicas envolvendo o uso de IA” e defende a “importância de garantir salvaguardas e supervisão humana no uso desses sistemas”. “Estamos comprometidos a continuar o diálogo global sobre o uso responsável de IA nos domínios militares para contribuir com a segurança e a estabilidade internacional.”

> “É impensável dar a armas autônomas e a algoritmos o direito de avaliar se uma pessoa deve ou não morrer
>
> **Jan Tijmen Ninck Blok**
> consultor da ONG Red Cross

O jornalista viajou a Haia a convite do governo da Holanda

Cautela cairia bem a Petro

Convocar povo às ruas como se fosse uma competição parece atitude perigosa

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Com sua hábil retórica, o presidente da Colômbia, Gustavo Petro, fez um eloquente discurso no último dia 14 do terraço da Casa de Nariño para pedir que a população saia às ruas para defender suas propostas de reforma nas áreas de saúde, trabalho e penal, enviadas ao Congresso nos últimos dias.

O primeiro desdobramento foi estimular uma disputa entre quem conseguiu reunir a maior mobilização. Apoiadores do mandatário saíram às ruas do centro e lá ficaram até as primeiras horas da noite.

Enquanto isso, críticos de Petro, atiçados por opositores, como os congressistas María Fernanda Cabal e Miguel Polo-Polo, encheram os mesmos locais no dia seguinte —não há informações oficiais sobre qual ato reuniu mais gente, mas, segundo a imprensa local, a multidão antipresidente foi maior.

De branco e com bandeiras da Colômbia, os manifestantes entoavam gritos de guerra pouco relacionados às reformas em si e mais à polarização política, como "não queremos uma ditadura cubana", e exibiam cartazes que fundiam as imagens de Petro e de Hugo Chávez.

Líderes moderados, como Sergio Fajardo, pediram que a disputa nas ruas de mais de 12 cidades do país fosse contida, porque "alimentava um radicalismo que não temos nem queremos ter na Colômbia".

O fato é que as reformas estão na agenda do Congresso, hoje de maioria favorável ao governo. Em linhas gerais, a proposta para a saúde quer fortalecer o sistema público e realizar auditorias nos privados, para buscar casos de corrupção e, eventualmente, pedir parte dos recursos para os mais pobres. Petro defende que médicos tenham salários igualitários, independentemente do sistema em que trabalhem.

Outra proposta que tem causado debate é uma revisão do Código Penal e da definição de delito na lei. Petro, desde a campanha eleitoral, defende tentar esvaziar as superlotadas prisões colombianas.

Para tal, propõe indultos a crimes menores. Saltou aos olhos e pipocou nas redes, porém, que um deles seria o incesto, e mesmo que o governo diga que são ínfimos os casos de presos por esse crime, a turma contrária à "ideologia de gênero" já diz por aí que Petro é a favor de "sexo entre familiares".

A proposta em si ofereceria penas mais baixas a crimes menores (que não envolvam homicídio, tortura, extorsão e sequestro) e cujas penas poderiam ser trocadas por trabalhos comunitários. Várias pesquisas mostram queda de apoio a Petro, algo comum entre novos governos na América Latina. A tese dos "100 dias de trégua" parece cair por terra em tempos desafiadores e com as redes sociais acelerando cobranças. O fato é que a lua de mel dos colombianos com Petro vem se desgastando.

Segundo o instituto Datexco, 44% dos entrevistados têm imagem positiva do presidente.

Petro tem margem para, eventualmente, aprovar suas principais propostas no Parlamento. Mas convocar o povo às ruas, como se fosse uma competição sobre quem tem mais apoio, parece uma atitude infantil, populista e perigosa, ainda mais num país com histórico de confrontos e massacres que vão do futebol ao narcotráfico e que coleciona tragédias sangrentas no passado. Serenidade e precaução cairiam bem ao líder colombiano, assim como respeitar o tempo do Congresso sem inflamar a opinião pública.

| DOM. Sylvia Colombo | **SEG. David Wiswell** | QUI. Lúcia Guimarães | SÁB. Igor Patrick

Blinken encontra diplomata da China após crise de balões

Representante de Pequim chama resposta dos EUA ao objeto de histérica

SÃO PAULO Após a crise dos balões chineses motivar o cancelamento de uma visita do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, a Pequim, o responsável pela diplomacia americana se reuniu neste sábado (18) com o principal diplomata da China, Wang Yi.

O encontro ocorreu em Munique, durante o principal fórum global sobre segurança. Segundo Washington, Blinken repetiu ao chinês declarações semelhantes às dadas pela Casa Branca, como a de que a presença do balão em território americano é uma violação da soberania do país que "nunca mais deve acontecer".

Mais cedo, Wang havia criticado, e em certa medida ironizado, a resposta americana ao balão, que envolveu derrubar o objeto e aprimorar seu sistema de radar para identificar itens do tipo. O chinês chamou a atitude de absurda e histérica, "um abuso do uso da força". "Existem tantos balões em todo o mundo, e vários países os têm; os EUA vão derrubar todos eles?", perguntou durante a Conferência de Munique que, com destaque para a Guerra da Ucrânia, reúne membros da diplomacia mundial desde a última sexta (17).

Segundo a agência de notícias estatal Xinhua, Wang acusou Washington de usar o incidente do balão para atender a necessidades políticas domésticas. "Os EUA ignoram fatos básicos, abusam da força. Essa abordagem mostra que o preconceito e a ignorância em relação à China atingiram um nível absurdo."

De acordo com Ned Price, porta-voz da pasta chefiada por Blinken, Wang não manifestou um pedido de desculpas de Pequim, por óbvio. O secretário americano, por outro lado, teria dito que Washington não quer um conflito com a China, tampouco uma nova Guerra Fria. Os EUA reiteraram não ter dúvidas de que o balão, que a China diz ser um instrumento de estudo para fins meteorológicos, seria um objeto de espionagem. Por ora, não há uma nova data marcada para a ida do americano ao gigante asiático —a visita estava marcada para o início de fevereiro.

A viagem era vista como um simbólico passo para acalmar as relações entre os países, inflamadas em meio à Guerra Fria 2.0. Blinken disse que vai reagendar a visita "quando as condições permitirem".

Os EUA disseram nesta sexta que concluíram o trabalho de recuperação dos restos do balão, abatido por um caça no último dia 4, na Carolina do Sul, e que analisam o conteúdo. Junto ao Canadá, o país também anunciou o cancelamento das buscas por três objetos voadores não identificados.

O presidente americano, Joe Biden, afirmou durante a semana que os três óvnis derrubados não parecem ter sido usados para um suposto sistema de espionagem de Pequim e que, provavelmente, pertenciam a empresas privadas ou instituições de pesquisa.

Wang foi nomeado o principal assessor para política externa do líder chinês, Xi Jinping, em janeiro. Nas últimas semanas, visitou a França e a Itália e, após passar por Munique, irá também à Rússia.

O tema, de certo modo, permeou a conversa com Blinken. Os dois falaram sobre a Guerra da Ucrânia, um assunto caro para a diplomacia de Washington, mas em relação ao qual Pequim tem buscado se abster. De acordo com Ned Price, Blinken alertou o chinês sobre as "implicações e consequências" caso a China forneça apoio a Moscou.

EUA acusam Rússia de crimes contra a humanidade

Os EUA concluíram formalmente que a Rússia cometeu crimes contra a humanidade durante a Guerra da Ucrânia, que completa um ano no próximo dia 24, disse a vice-presidente do país, Kamala Harris.

A declaração foi feita durante o segundo dia da Conferência de Segurança de Munique. "No caso das ações da Rússia na Ucrânia, analisamos as evidências, e, a partir das convenções legais, não há dúvidas: estes são crimes contra a humanidade", afirmou ela.

A infração é considerada mais grave no direito internacional do que a de crimes de guerra, rótulo que inclui práticas como obrigar soldados capturados a servir no Exército inimigo ou atacar equipes de ajuda humanitária e já havia sido dado à atuação da Rússia pela ONU e pelos próprios EUA no ano passado.

A categoria de crimes contra a humanidade significa que atos como assassinatos e estupros não só foram difundidos por determinado país durante um conflito, como dirigidos de forma sistemática e intencional contra civis.

A fala de Kamala ocorre justamente em meio a uma escalada da ofensiva russa sobre o país vizinho —também no sábado, o Kremlin afirmou ter capturado Hrianikivka, vilarejo na região de Kharkiv.

A capital da província chegou a ser assediada por tropas de Vladimir Putin nas primeiras fases da guerra, mas elas recuaram em setembro, numa ação surpresa da Ucrânia. Kiev, por sua vez, afirmou que o vilarejo estava sendo bombardeado, mas não fez referência a um ataque mais amplo.

Washington espera que sua declaração deste sábado, resultado de uma longa análise legal realizada pelo Departamento de Estado americano, ajude a incentivar a comunidade internacional a se unir para responsabilizar na Justiça integrantes do Kremlin.

Tem como objetivo ainda ampliar o isolamento do presidente russo, que Kamala chamou de líder de um país "enfraquecido". "Se Putin acha que vamos ficar esperando [a Ucrânia ser tomada], está muito enganado", afirmou ela.

O país invadido, que teme uma grande ofensiva russa no aniversário dos combates, usou a conferência para reforçar pedidos de armamentos mais pesados —a demanda mais recente é por caças.

Mais tarde, um encontro de Kamala com o premiê Rishi Sunak, do Reino Unido, resultou em uma nota oficial que descreveu a Guerra da Ucrânia como um "conflito global".

Com Reuters

Jimmy Carter, ex-presidente dos EUA, opta por cuidados paliativos

SÃO PAULO Após passar por uma série de internações hospitalares, o ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, 98, receberá cuidados paliativos em sua casa no estado da Georgia, anunciou sua fundação em uma breve nota divulgada na noite deste sábado (18).

"Ele tem todo o apoio da família e da equipe médica", diz o texto, que pede privacidade e agradece à preocupação com o americano.

Carter, um democrata que governou os EUA de 1977 a 1981, tornou-se o ex-presidente americano vivo mais velho da história após a morte de George Bush no final de 2018, aos 94 anos.

Nos últimos anos, o nativo da Geórgia teve diversos problemas de saúde, incluindo um melanoma que se espalhou para o fígado e o cérebro. Ele também manteve uma participação pública discreta, em especial devido à pandemia de Covid, mas seguiu dando declarações sobre temas caros para a sua trajetória, como a defesa da democracia.

Carter viu um câncer no cérebro regredir após tratamento em 2015, mas enfrentou uma série de problemas de saúde em 2019 e teve de passar por uma cirurgia para remover a pressão no cérebro. Ele cultivou amendoim e atuou como tenente da Marinha antes de entrar para a política. Teve dois mandatos como senador da Georgia e, em seguida, foi governador do estado, antes de lançar sua bem-sucedida campanha para a Casa Branca.

O ex-presidente é amplamente reverenciado por sua defesa dos direitos humanos. Sua intermediação dos Acordos de Camp David, dois tratados que levaram a um acordo de paz entre Egito e Israel em 1979, é fundamental para seu legado. Nos anos pós-presidência, Carter fundou o Carter Center, junto com sua esposa, Rosalynn, na esperança de promover a paz e a saúde mundial. Em 2002, ele recebeu o prêmio Nobel da Paz por seus esforços pela paz.

Cuidados paliativos não significam uma morte iminente, muito menos que a equipe médica desistiu do paciente, como muitos ainda pensam. Trata-se de uma série de medidas de conforto para a aliviar a dor, por exemplo, sem que o paciente seja submetido a terapias invasivas.

Dimitar Dilkoff/AFP

MISSA MARCA 9 ANOS DO EUROMAIDAN EM MEIO À GUERRA

Mulher que integra as Forças Armadas da Ucrânia reza durante cerimônia ortodoxa em homenagem ao nono aniversário dos atos do Euromaidan em um monastério em Kiev. Os protestos, iniciados pacificamente em 2013 e concentrados na praça Maidan, na capital ucraniana, terminaram de forma sangrenta, com a morte de quase cem pessoas em confrontos com a polícia —a maioria delas entre 18 e 20 de fevereiro de 2014. Manifestantes exigiam a saída do então presidente, Viktor Ianukovitch, pró-Rússia, que havia se recusado a assinar um acordo de associação com a União Europeia para se aproximar de Vladimir Putin. No mesmo mês, Ianukovitch é afastado pelo Parlamento e foge para Moscou. Muitos analistas localizam nos protestos da época um dos antecedentes da guerra em curso no Leste Europeu, que completa um ano nesta semana.

mercado

Fim da regra do desempate ampliou perdas da União em decisões do Carf

Congresso extinguiu voto de qualidade em 2020, derrubando cobranças bilionárias de empresas

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A queda do voto de qualidade no Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais) ampliou os problemas em um tribunal que já servia como instância protelatória de cobranças tributárias, sobretudo de grandes empresas.

Concebido para avaliar, do ponto de vista administrativo, a regularidade dos autos de infração aplicados pelos fiscais da Receita Federal, o Carf se transformou em instrumento de manobra para adiar por anos o recolhimento de impostos.

O estoque de processos dobrou entre 2011 e 2015 e disparou a partir de 2020, com a limitação de julgamentos devido à Covid-19, chegando a R$ 1,1 trilhão no fim do ano passado. O tempo médio entre o lançamento do auto de infração e o julgamento em última instância no tribunal é de quase nove anos.

Mesmo quando as empresas perdem, o índice de pagamento é baixo. Entre 2015 e 2019, apenas R$ 4,4 bilhões foram pagos após julgamento no Carf, enquanto outros R$ 153,3 bilhões foram inscritos na Dívida Ativa, segundo dados obtidos pela LAI (Lei de Acesso à Informação).

As companhias preferem continuar a disputa na Justiça, onde o impasse se arrasta por mais tempo. Nesse intervalo, ou a dívida é anulada ou o Legislativo aprova um novo parcelamento de débitos que beneficia os devedores.

Em 2020, o Congresso Nacional abreviou esse percurso —em favor dos contribuintes. Os parlamentares derrubaram o chamado voto de qualidade, que dava ao governo o voto de desempate nos julgamentos do Carf.

A mudança levou a União a perder um volume maior de disputas no tribunal, sem que tivesse o mesmo direito de recorrer à Justiça.

Dados reunidos pelo Ministério da Fazenda após pedido da **Folha** via LAI, em janeiro, evidenciam a inversão.

Em 2019, 82% dos R$ 74,1 bilhões em créditos cujo julgamento empatou foram mantidos, em decisão favorável à Fazenda. Apenas 18% caíram, beneficiando contribuintes (o presidente, indicado pela Receita, é quem detém o voto de qualidade e pode decidir a favor de qualquer um dos lados).

Em 2020, após a derrubada do voto de qualidade, 41% dos R$ 39,5 bilhões em créditos julgados por essa regra foram anulados em favor dos contribuintes. A proporção subiu a 81% em 2021, atingindo 98% em 2022. Só no ano passado, dos R$ 25,4 bilhões julgados por desempate, R$ 24,8 bilhões foram extintos graças à nova lei.

O voto de qualidade só deixou de valer entre 2020 e 2022 para recursos em relação a auto de infração, ou seja, processo com exigência do crédito tributário. Para outros casos, como compensações, o voto de qualidade continuou existindo.

A retomada do voto de qualidade foi uma das primeiras medidas anunciadas pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), na tentativa de equacionar a situação. A reação dos empresários e do Congresso foi imediata. Nos últimos dias, o governo precisou negociar um acordo com a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) para evitar uma derrota.

Técnicos ouvidos reservadamente pela **Folha**, porém, afirmam que a derrubada do voto de qualidade apenas agravou uma situação que já era problemática no Carf —e que guarda relação com a estrutura histórica do tribunal, com a complexa estrutura tributária do país e com a falta de padrão nas fiscalizações dos auditores.

Desde 1931, o Carf tem composição paritária: metade dos conselheiros é indicada pelo governo federal e metade por entidades que representam os contribuintes —sobretudo associações empresariais.

O desenho é considerado uma jabuticaba pelo atual governo e também por técnicos da área, uma vez que o tribunal analisa o processo administrativo de cobrança. A visão é que discordâncias de mérito deveriam ser levadas à Justiça.

O auditor fiscal da Receita Ricardo Fagundes da Silveira, membro do conselho deliberativo do IJF (Instituto Justiça Fiscal), estudou a efetividade do Carf em sua tese de doutorado, em 2019.

Em artigo recente, ele analisou o funcionamento de contenciosos tributários de 27 países a partir de dados da publicação britânica The Law Review. Em 24 deles, todos os julgadores são vinculados à administração tributária, e dois permitem membros independentes (mas sem ligação com empresas).

Um único país, a Noruega, prevê a indicação de conselheiros por associações empresariais. O modelo, porém, é bem distinto do do Brasil: o processo é analisado em instância única, dura no máximo dois anos e exige o recolhimento prévio do tributo alvo de questionamento.

Em 2015, o Carf ganhou os holofotes com a Operação Zelotes, que apurou um esquema de venda de votos para favorecer grandes empresas em julgamentos bilionários. A investigação provocou mudanças profundas na organização do órgão.

Os processos passaram a ser distribuídos por sorteio, e os conselheiros não podiam mais advogar durante o período em que exerciam o mandato.

A reorganização levou a um endurecimento das decisões, e os contribuintes passaram a reclamar dos reveses. Técnicos do governo, por sua vez, atribuem a ela a pressão que se sucedeu para mexer no voto de qualidade.

O Congresso fez sucessivas investidas para alterar o mecanismo, mas só obteve sucesso em 2020. Os parlamentares aproveitaram o texto de uma MP (medida provisória) enviada no ano anterior e incluíram a emenda que derrubava o voto de qualidade. A lei foi sancionada pelo então presidente Jair Bolsonaro (PL).

"Isso vem no conjunto de um movimento mais amplo de subtributação dos super-ricos e supertributação dos pobres e da classe média", critica o presidente do Sindifisco Nacional (Sindicato dos Auditores-Fiscais da Receita Federal), Isac Falcão, que defende alterações no modelo. Segundo ele, grandes empresas têm uma força política "desproporcionalmente maior" que os demais contribuintes.

Uma mudança no comando do tribunal também é apontada por auditores e diferentes técnicos do governo como um fator que contribuiu para a ampliação das perdas da União.

O presidente tem função gerencial e não costuma votar nos julgamentos. Isso mudou quando o Carf passou a ser presidido pelo auditor fiscal Carlos Henrique de Oliveira, indicado pela União em maio de 2022.

Segundo relatos de auditores e acórdãos de decisões analisados pela **Folha**, Oliveira participou de julgamentos em diferentes seções (turmas especializadas por tipos de tributo), muitas vezes para votar a favor do contribuinte —inclusive dispensando a necessidade do desempate.

Em um dos casos, Oliveira votou pela possibilidade de uma empresa contabilizar créditos tributários por gastos com frete entre centros de distribuição e lojas da própria companhia. Na prática, a decisão desonerou o contribuinte do pagamento de parte de seus tributos.

Dois conselheiros indicados pela Receita Federal declararam voto contrário, com o argumento de que a decisão afrontava posição anterior do Carf e se distanciava "do posicionamento unânime e sedimentado" do STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Oliveira sempre defendeu sua decisão de participar dos julgamentos sob a justificativa de manter a uniformidade das teses tributárias. Ele também se colocava contra o que chamava de voto ideológico, entendido como a manutenção da cobrança apenas por ser representante do fisco.

Em dezembro de 2022, entidades empresariais e de advogados lançaram manifestos de apoio à permanência de Oliveira no comando do Carf. Ele acabou sendo demitido por Haddad, que nomeou Carlos Higino para a função.

Procurado pela **Folha**, Oliveira não quis dar entrevista.

Em janeiro, o Ministério da Fazenda divulgou dados para refutar a tese de que o Carf tem um viés pró-União. Segundo a pasta, o índice de processos julgados de forma favorável aos contribuintes fica historicamente em torno de 40%. Em termos de valor julgado, porém, esse percentual oscila próximo dos 60%.

O trabalho da Receita Federal, porém, não fica livre das críticas. Na avaliação de uma ala do governo, o fisco exagera na aplicação de penalidades. As multas aplicadas pela Receita vão até 75%, no caso de simples não recolhimento, e até 150%, se for identificada fraude.

O problema, segundo essa ala, é que os auditores partem do princípio de que quase todo não pagamento de tributo foi planejado de forma criminosa, para fraudar a tributação, e aplicam as duas multas de forma cumulativa. Algumas dessas decisões são revertidas pelo próprio Carf.

Haddad já manifestou a intenção de uniformizar os entendimentos tributários dentro da própria Receita Federal, para disciplinar a atuação dos auditores. Um plano para criar um repositório conjunto de teses tributárias está sendo elaborado pela Fazenda para aplicação na ponta pela fiscalização, na tentativa de reduzir os litígios com as empresas.

Leia mais sobre tributação na pág. A14

Ministério da Fazenda quer reduzir estoque de processos acumulado nos últimos anos

* Realizado reúne pagamentos, parcelamentos e arquivamentos

Valores, em R$ bilhões

80 / 60 / 40 / 20 / 0

24,1 — 31%; 54 — 69% (2018)

24,8 — 98%; 0,6 — 2% (2022*)

* Prévia

Realização ou não do contencioso julgado no Carf em 2017

Por faixa de valor, em %

Realizado* / Não realizado

0 25 50 75 100

R$ 1 mil a R$ 5 mil
R$ 5 mil a R$ 10 mil
R$ 10 mil a R$ 25 mil
R$ 25 mil a R$ 50 mil
R$ 50 mil a R$ 100 mil
R$ 100 mil a R$ 200 mil
R$ 200 mil a R$ 300 mil
R$ 300 mil a R$ 400 mil
R$ 400 mil a R$ 500 mil
R$ 500 mil a R$ 1 mi
R$ 1 mi a R$ 5 mi
R$ 5 mi a R$ 20 mi
R$ 20 mi a R$ 50 mi
R$ 50 mi a R$ 100 mi
R$ 100 mi a R$ 200 mi
R$ 200 mi a R$ 300 mi
R$ 300 mi a R$ 500 mi
R$ 500 mi a R$ 1 bi
Acima de R$ 1 bi

* Realizado reúne pagamentos, parcelamentos e arquivamentos

Fontes: Lei de Acesso à Informação, Ministério da Fazenda e dissertação de mestrado de Ricardo Fagundes da Silveira

Sede do Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais), em Brasília
André Corrêa - 18.abr.15/Agência Senado

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Luiz Gonzaga Belluzzo
Problema do Banco Central é mais complexo do que torcida de futebol

SÃO PAULO O economista Luiz Gonzaga Belluzzo, que tem defendido a queda dos juros, inclusive em abaixo-assinado, ecoando as falas de Lula nas últimas semanas, afirma que o debate precisa ser aprofundado para não se restringir ao clima de torcida pró ou contra o Banco Central. "Isso só é verdadeiro na arquibancada de futebol", diz.

Ele vê insumos para o debate na história dos banco centrais e analogias globais.

Amigo de Lula desde os anos 1970, Belluzzo não comenta se tem conversado com o presidente sobre o tema.

*

O sr. tem defendido a queda dos juros, inclusive em abaixo-assinado. Como avalia o debate hoje? Vamos aprofundar as discussões para que o debate não fique restrito ao nós contra eles ou ao BC contra Lula. A Austrália está submetendo a questão da independência do BC a um debate mais profundo. Há um questionamento global em relação à política de metas de inflação.

Desde o surgimento do [BoE] Banco da Inglaterra, em 1694, foram várias formas de atuação dos bancos centrais. Estou falando em uma economia monetária financeira capitalista. Ao longo da história, ela assumiu várias formas de coordenação, mas algumas são bem consolidadas.

Temos o aparecimento da dívida pública como instrumento de riqueza privada, que propagou as relações monetárias, quando a Inglaterra transitava do feudalismo para o capitalismo, transformou as relações econômicas, de relações do domínio da riqueza fundiária para a monetária. Essa gestão assumiu várias formas.

O exemplo clássico é o funcionamento dos bancos centrais e dos sistemas bancários no pós-Segunda Guerra, em que a França e a Itália adotaram sistemas de coordenação e de regulação muito diferentes do que observamos agora. Eles usavam o controle de crédito e muito menos a taxa de juros para não causar danos aos tomadores de crédito, por exemplo, ao mesmo tempo em que regulavam para não haver exagero.

Funcionou bem, depois saiu da moda no choque do petróleo e do choque de juros de 1979. Agora, está havendo uma espécie de inconformidade com a política de metas. Não é só no Brasil.

Qual é a questão central? Estamos observando um desacordo dos instrumentos de política econômica, sobretudo no que diz respeito ao combate da inflação em relação a preservar uma certa indenidade das economias, do seu crescimento diante das políticas monetárias.

São muitos os economistas que não perfilham essa sabedoria de alguns, sobretudo os mais ligados ao mercado, como o [Joseph] Stiglitz. Ele escreveu vários artigos recentemente sobre a inadequação da política monetária para combater esse tipo de inflação que temos aí. O que eles dizem é que isso é um choque de oferta, que tem uma capacidade de difusão pela economia, porque foi decorrente de uma contração da oferta e de uma subida de preços dos combustíveis fósseis.

Então, a questão é essa: um choque de um insumo universal que atravessa a economia como um todo e não preserva nenhum setor. A energia é um insumo universal. O preço dela não é como o preço da mexerica ou de um sapato, que afeta pouca gente quando sobe. Mas a energia afeta a tudo e provoca uma transformação do sistema de preços.

O sistema de preços é uma coisa nessa economia monetária financeira tão suscetível a mudanças, distorções e degradações, que exige, às vezes, a intervenção, quando o choque é muito intenso. E nós já observamos essa reação, na saída da Segunda Guerra, para fazer a coordenação de preços, dada a assimetria da saída dos setores, isso provocou choque de oferta etc.

Os economistas, inclusive Nouriel Roubini, estão considerando isso, fazendo a crítica do uso da política monetária de maneira tão intensa, se abrindo mão de outros instrumentos que se podem usar e que foram usados.

Por exemplo? Aqui houve uma discussão sobre o fundo de estabilização do petróleo. A ideia é que se fizesse uma coordenação de preços, e não controle, mantendo a rentabilidade da empresa e, ao mesmo tempo, cumprindo esse papel de um combustível fóssil, que na verdade é de interesse público. A energia é um insumo de interesse público.

Voltando à questão da inflação, houve um debate muito amplo no passado. Eu falei do pós-guerra. E os alemães, sobretudo, que sofriam as lembranças da grande inflação, fizeram sistema de coordenação de preços na negociação entre trabalhadores e empresários. O banco central da Alemanha, Bundesbank, só decidia a taxa de juros depois de ter auscultado a negociação entre eles. É uma organização social. Se negociava salários e depois o BC decidia os juros.

Aliás, os bancos centrais usavam pouco a taxa de juros. Usavam muito mais o controle quantitativo do crédito. O que eu quero dizer é que é um problema mais complexo do que está posto aí, de ser a favor do Banco Central ou contra ele. Isso só é verdadeiro na arquibancada de futebol. É torcida de um contra outro.

O sr. tem proximidade com Lula. Chegou a conversar sobre isso com ele? Não posso falar essas coisas em entrevista.

Há muitas interpretações sobre as intenções dele e o resultado, não? Tenho notado que o clima deu uma esfriada. Acho que essa conversa do [ministro da Fazenda Fernando] Haddad com o pessoal do mercado foi colocando as coisas em nível mais razoável.

Raio-X
Formado em direito pela USP, o economista foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda durante o governo José Sarney. No estado de São Paulo, passou pelo cargo de secretário de Ciência e Tecnologia (1988-1990). Além de professor titular de economia da Unicamp, foi um dos fundadores da Facamp

Rendas mais altas serão menos beneficiadas com aumento na isenção do IR

Receita cria desconto simplificado mensal de R$ 528 que não será vantajoso para todos; renúncia fiscal em 2023 é estimada em R$ 3,2 bi

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A Receita Federal vai ampliar a isenção do IRPF (Imposto de Renda da Pessoa Física) para dois salários mínimos (R$ 2.640) a partir de maio, mas o alcance do benefício será menor para trabalhadores de renda mais elevada.

A opção do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi adotar um desenho que diminuísse o impacto da medida para as contas públicas. A renúncia deve ficar em cerca de R$ 3,2 bilhões neste ano e R$ 6 bilhões em 2024.

Segundo a Receita, a faixa de isenção do IRPF será corrigida dos atuais R$ 1.903,98 para R$ 2.112.

Adicionalmente, será criada uma dedução simplificada mensal no valor de R$ 528, que será aplicada automaticamente se for benéfica ao contribuinte.

Esse desconto fixo não poderá ser acumulado com outras deduções, como contribuição previdenciária, pensão alimentícia e dependentes. Valerá o que for mais vantajoso.

A avaliação do governo é que o desconto dos R$ 528 só vai favorecer as faixas menores de renda, uma vez que salários acima de R$ 5.020 já recolhem ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) um valor de contribuição maior que a nova dedução simplificada.

"Esse mecanismo que adotamos atende perfeitamente aqueles que ganham até dois salários mínimos, sem reduzir demasiadamente a tributação das faixas mais altas de renda. Para quem ganha R$ 10.000,00, por exemplo, não valerá a pena o desconto simplificado de R$ 528,00, já que suas deduções atuais são maiores", diz a Receita Federal.

As rendas mais altas terão apenas o benefício do aumento da faixa para R$ 2.112 — um reajuste de 10,9%.

Já para quem tem salários menores, o governo afirma que o formato da medida "tem o mesmo efeito de um aumento da faixa de isenção para R$ 2.640,00". Na prática, 13,7 milhões de contribuintes ficarão isentos de IRPF.

Como mostrou a **Folha**, o impacto de um simples reajuste da faixa de isenção para dois salários mínimos seria maior, de R$ 10 bilhões em 2023 e R$ 16 bilhões anuais a partir de 2024, conforme cálculos da XP Investimentos.

A renúncia, considerada elevada em um contexto de déficit fiscal, levou o Ministério da Fazenda a buscar mecanismos para atenuar as perdas.

Nas próximas semanas, a Receita Federal vai atualizar seus sistemas com a tabela corrigida e a nova dedução, bem como orientar as fontes pagadoras para que elas também atualizem suas ferramentas de cálculo do IRRF (Imposto de Renda Retido na Fonte).

"Essa operacionalização serve para que as brasileiras e os brasileiros sintam o benefício imediatamente no bolso. Não haverá nenhuma retenção na fonte para essa faixa de renda [até dois salários mínimos]. Ou seja, não terão que esperar a declaração no ano seguinte para pedir a restituição do que foi retido", diz o órgão.

A nota também traz algumas simulações. Para quem tem salário bruto de R$ 2.640, não haverá desconto de IR a partir de maio. Quem tem remuneração de R$ 2.700 pagará apenas R$ 4,50 na fonte.

Para salários de R$ 3.500, o desconto será de R$ 75,40 com as novas regras. Quem ganha R$ 5.000 pagará R$ 354,47 mensais.

A atualização mais recente da tabela do IRPF ocorreu em abril de 2015, quando foi fixada a atual faixa de isenção de R$ 1.903,98. De lá para cá, a inflação acumulada é de 54,4%.

Mauro Silva, presidente da Unafisco Nacional (associação dos auditores da Receita Federal), afirma que o alívio será mínimo para pessoas nas demais faixas de renda.

O contribuinte que, após dedução da contribuição previdenciária e dependentes, tem base de cálculo de R$ 5.000, por exemplo, paga atualmente R$ 505. Com a mudança, pagará R$ 490.

Colaborou Eduardo Cucolo, de São Paulo

+ EXEMPLOS

Rendimento mensal	Desconto simplificado	Base de cálculo	IRPF máximo
R$ 2.640,00	R$ 528,00	R$ 2.112,00	R$ 0,00
R$ 2.700,00	R$ 528,00	R$ 2.172,00	R$ 4,50
R$ 3.500,00	R$ 528,00	R$ 2.972,00	R$ 75,40
R$ 5.000,00	R$ 528,00	R$ 4.472,00	R$ 354,47

SAIBA MAIS SOBRE TEMAS NA ÁREA TRIBUTÁRIA NO BLOG QUE IMPOSTO É ESSE
folha.com/queimpostoeesse

Agenda ESG do Brasil está mais clara para investidor com novo governo, diz BNP Paribas

Eduardo Cucolo

NOVA YORK O Brasil voltou a ter uma agenda clara em relação à temática ESG, sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança, o que é visto como positivo pelos investidores internacionais, segundo avaliação do banco BNP Paribas.

Para Walter Ringwald, chefe da área corporativa e de fusões e aquisições para América Latina do banco francês, a mudança de governo foi percebida como melhor que o esperado pelo mercado, e o Brasil se mostra atualmente como uma economia mais estável entre países emergentes.

"O Brasil está de volta a essa agenda [ESG], o que é bom para os negócios", diz.

Ringwald afirma que, em geral, as mudanças de governo na América Latina não impactaram tanto o interesse do investidor, principalmente em projetos de infraestrutura, um tema que interessa tanto a governos de esquerda quanto de direita.

No Brasil, participou no ano passado do financiamento a operações como a obra da Linha-6 Laranja do metrô de São Paulo, a aquisição de negócios de geração hídrica ao Pátria e a participação da Maersk em leilão de área do Estaleiro Atlântico Sul.

Apesar da visão positiva em relação à economia brasileira, o BNP tem a avaliação de o México ainda é o queridinho dos investidores entre os emergentes da região, por fatores como previsibilidade política, proximidade com os EUA e equilíbrio fiscal — foi um dos países que menos elevaram sua dívida durante a pandemia.

Ravina Advani, chefe do Grupo de Transição de Baixo Carbono nas Américas Divulgação

O banco francês, que está presente no Brasil e em outros cinco países da região (México, Colômbia, Chile, Peru e Argentina), vê com otimismo o fluxo de capital para a América Latina.

Mas diz que esse fluxo deve estar cada vez mais relacionado à agenda ESG.

Segundo Herve Duteil, diretor de Sustentabilidade do banco para as Américas, o mercado financeiro pode ser um catalisador para fornecer incentivos para fazer mais pela sustentabilidade. Ele destaca que essa agenda só ganhou destaque após os bancos mostrarem às empresas que quem estiver mais distante dessa pauta terá mais dificuldade de acesso a crédito.

> **A gente não vê as grandes companhias de petróleo da América Latina sendo tão agressivas [em energias renováveis] como as europeias**
>
> **Herve Duteil**
> diretor de Sustentabilidade do BNP Paribas para as Américas

Essa é uma agenda que tem andado de forma mais lenta nessa região em alguns setores. "A gente não vê as grandes companhias de petróleo da América Latina sendo tão agressivas [em energias renováveis] como as europeias."

O BNP já financia mais energias renováveis do que óleo e gás e pretende reduzir em 80% o financiamento a combustíveis fósseis até 2030, segundo Ravina Advani, chefe do Grupo de Transição de Baixo Carbono e da área de Energia, Recursos Naturais e Renováveis nas Américas.

"Empresas mais alinhadas vão ter mais acesso a capital", diz Anne Van Riel, diretora de Mercados de Capitais de Finanças Sustentáveis na região.

O banco espera que o Federal Reserve continue a ter uma postura "hawkish" em relação ao combate à inflação e eleve os juros para ao menos 5,25% ao ano. Haveria, portanto, dois aumentos de 0,25 ponto percentual, nas reuniões de março e maio, com possibilidade de novas altas posteriormente.

O estrategista do BNP Mark Howard diz que o processo de desinflação nos EUA será lento e que a instituição não projeta cortes de juros neste ano.

Segundo Howard, os consumidores já ajustaram seus orçamentos ao nível mais alto de preços, mas ainda não adequou seus gastos às taxas de juros mais elevadas.

Ele diz que os consumidores vão ter de fazer esse ajuste em algum momento do ano e que isso vai contribuir para a moderação da inflação.

O jornalista viajou a convite do BNP Paribas.

Trabalhadores vão à Justiça pelo direito de se desconectar

Mais de 23 mil processos somam R$ 5,65 bi; empregado pode pedir horas extras

Gustavo Soares

Ilustração Catarina Pignato

SÃO PAULO Brasileiros têm ido mais à Justiça para pedir o direito de se "desconectar" do trabalho após o fim do expediente: foram 2.666 novas ações sobre o tema em 2022 no Judiciário brasileiro, quase o dobro do registrado em 2018, 1.329.

O levantamento feito pela empresa de jurimetria Data-Lawyer aponta para um crescimento, nos últimos anos, no volume de processos trabalhistas que citam termos como "direito à desconexão", "desconexão do trabalho" ou "desconectar do trabalho".

A expressão refere-se ao direito do empregado de não precisar responder a emails, mensagens e telefonemas corporativos após encerrar sua jornada de trabalho.

O tema já levou pelo menos 23.750 ações à Justiça do Trabalho desde 2014, entre processos já encerrados e em andamento, que não estão em segredo de Justiça. Ao todo, o valor total das causas chega a R$ 5,65 bilhões.

O debate sobre o direito à desconexão surgiu na virada dos anos 2000, quando os celulares e meios de comunicação instantânea se popularizaram. Como os avanços tecnológicos possibilitam que as empresas mantenham o controle dos empregados fora do local de trabalho, criou-se uma preocupação com a garantia do direito ao descanso.

O ponto de virada mais recente foi a pandemia, período no qual houve uma generalização do trabalho remoto e o uso intensivo de softwares de comunicação.

O Brasil não tem uma lei específica para o assunto, mas a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) cita "meios telemáticos e informatizados" ao tratar de trabalho remoto.

Para Jorge Luiz Souto Maior, professor de direito do trabalho da Faculdade de Direito da USP e desembargador no TRT-15 (Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região), não é necessário criar uma legislação específica para o assunto no Brasil, bastaria recuperar o que está dito na Constituição.

Souto Maior afirma que a reforma trabalhista de 2017 estabeleceu que o teletrabalho não teria limitação de jornada, então o empregador se viu no direito de exigir uma quantidade de trabalho que só poderia ser cumprida se o funcionário extrapolar seu expediente.

"O direito do trabalho limita a jornada de trabalho para que existam as horas livres, porque o trabalhador não é só força de trabalho. Com o teletrabalho, ficou uma névoa. Os empregadores se aproveitaram disso para aplicar uma carga excessiva, muito sob o argumento de que não precisam fazer o transporte até o trabalho", disse.

Nos últimos anos, alguns países europeus adotaram legislação para tratar do assunto. A França foi pioneira. Aprovou, em 2017, uma lei que obriga empresas com mais de 50 funcionários a especificar horários nos quais os empregados não precisam ler email ou mensagens nem responder a elas.

Na Bélgica, desde fevereiro de 2022 funcionários públicos não podem ser contatados fora do horário de expediente. Há algumas exceções —por acordo ou se for uma demanda urgente.

Portugal também aprovou medida semelhante em 2021. Pela lei, o empregador deve se abster de entrar em contato com o trabalhador no período de descanso, ressalvadas situações de força maior.

No Brasil, quando houver um desrespeito frequente à jornada de trabalho, que impeça o direito ao descanso, o profissional pode acionar a Justiça do Trabalho pedindo o reconhecimento de horas extras trabalhadas e até indenização —o que vale para toda a hierarquia de cargos, incluindo os de chefia e de confiança.

"Direito à desconexão é garantir, às pessoas que vendem sua força de trabalho, a não sobrecarga, para que elas tenham o direito de executar tarefas fora do horário de expediente sem que sejam interrompidas", afirma Alessandra Benedito, professora da FGV Direito SP.

Wagner Gattaz, diretor da empresa Gattaz Health & Results e presidente do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, diz que a dissolução dos limites do tempo de trabalho durante a pandemia pode ter contribuído para o aumento de casos de burnout em profissionais em regime de home office.

O burnout é um tipo de distúrbio ligado ao trabalho em que o profissional se sente esgotado física e emocionalmente, frequentemente após ser submetido a condições desgastantes, excesso de trabalho ou metas inatingíveis.

Contudo, o especialista afirma que o fator mais importante foi o isolamento social, e não apenas o aumento da demanda de trabalho.

"É pouco provável que apenas a limitação das comunicações referentes ao trabalho seja um fator decisivo na prevenção do burnout. O burnout é desencadeado por uma interação entre comportamentos individuais de risco com fatores ligados ao trabalho", afirma.

"Para reduzir o burnout, as empresas podem oferecer treinamentos individuais em técnicas de gerenciamento do estresse e mudanças na gestão do trabalho dos colaboradores, dando-lhes mais autonomia e criando, mesmo a distância, uma rede de acolhimento psicológico e apoio social para suas equipes."

Segundo o levantamento do DataLawyer, São Paulo é o estado com o maior número de casos ativos pelo direito à desconexão. São 4.091 ações em andamento nos tribunais que atuam na região.

Minas Gerais ocupa o segundo lugar, com 1.442 ações. O Rio de Janeiro, em terceiro, tem 1.399 processos ativos.

Os dados da empresa de jurimetria mostram como a inclusão dos termos relacionados à desconexão do trabalho tem aumentado a cada ano, com um crescimento acentuado em 2020 e 2021.

Em 2019, 1.576 processos tratavam do tema nas ações trabalhistas. Em 2020, saltou para 2.396, um crescimento de 20%. Em 2021, foram 2.396, um crescimento de 25%.

Uma orientação na área de RH, para Milena Bizzarri, diretora de Recursos Humanos da Mazars Brasil, é privilegiar a comunicação assíncrona, como emails e compartilhamento de documentos online, e reservar os momentos síncronos, como reuniões, para debate criativo e troca de ideias.

"O gestor precisa ser um gerente de projetos. Ser responsável pela clareza de tarefas, ideias, prazos e entregas. A partir desse momento, tem que trabalhar com eficiência na comunicação assíncrona", disse.

Além disso, ela recomenda a separação dos canais digitais. Por exemplo, evitar usar o WhatsApp tanto para comunicações de trabalho quanto para a vida pessoal.

> Com o teletrabalho, ficou uma névoa. Os empregadores se aproveitaram disso para aplicar uma carga excessiva, sob o argumento de que não precisam fazer o transporte até o trabalho
>
> **Jorge Luiz Souto Maior**
> professor de direito da USP e desembargador no TRT-15

Menção ao direito à desconexão bate recorde na Justiça
Volume de processos

Ano	Processos
2018	1.329
2019	1.576
2020	1.903
2021	2.396
2022	2.666

Fonte: DataLawyer

> É pouco provável que a limitação das comunicações seja um fator decisivo na prevenção do burnout. Ele é desencadeado por uma interação entre comportamentos individuais de risco com fatores ligados ao trabalho
>
> **Wagner Gattaz**
> presidente do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas

Insegurança com emprego e perda da renda é maior no Norte e no Nordeste, aponta estudo

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO As regiões Norte e Nordeste têm os maiores percentuais do país de trabalhadores inseguros quanto à manutenção do emprego e da renda.

A conclusão é de uma pesquisa divulgada na quarta-feira (15) pelo FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas).

Nas duas regiões, mais da metade dos trabalhadores entrevistados respondeu que considerava provável ou muito provável a perda do principal emprego ou da fonte de renda no período dos 12 meses seguintes.

Essa fatia foi de 55,2% no Norte e de 50,2% no Nordeste. São as duas únicas regiões em que a proporção de inseguros ultrapassou os 50%.

"Esse resultado pode ter ligação com dois fatores muito importantes: são regiões onde a renda média é mais baixa, o que naturalmente já adiciona incerteza; e onde se encontram os maiores percentuais de trabalhadores em atividades informais, normalmente associadas a ocupações com menor estabilidade e maior risco", afirmou o FGV Ibre.

De acordo com a pesquisa, a menor fatia de profissionais inseguros quanto à manutenção do emprego e da renda foi registrada na região Sul (33,1%).

Sudeste (37,9%) e Centro-Oeste (38,5%) completam a lista. Em termos gerais, o percentual de insegurança foi de 41,3% no Brasil.

O Sul teve a maior proporção de trabalhadores que consideravam a perda do principal emprego ou da fonte de renda muito improvável ou improvável: 66,9%.

Probabilidade de perder o principal emprego ou a fonte de renda
Em %

Fonte: FGV Ibre

Na sequência, vieram Sudeste (62,1%), Centro-Oeste (61,5%), Nordeste (49,8%) e Norte (44,8%). No Brasil, esse percentual foi de 58,7%.

Os dados integram a Sondagem do Mercado de Trabalho. A publicação do FGV Ibre reúne estatísticas apuradas em diferentes meses do segundo semestre de 2022.

No caso do indicador que mede a probabilidade de perda de emprego ou renda, a coleta das estatísticas ocorreu em outubro.

A novidade desta edição é a separação dos resultados por grandes regiões. Segundo o estudo, em caso de perda da principal fonte de emprego ou renda, somente 22,5% dos trabalhadores ocupados do Norte e 26,6% do Nordeste conseguiriam se sustentar por mais de três meses.

No Sudeste, esse percentual chegou a 38,8%, seguido por Centro-Oeste (33,7%) e Sul (31,7%).

No Brasil, a proporção de ocupados com condições de sustento por mais de três meses, em caso de perda do emprego, foi de 33,5%.

Outro dado da sondagem, apurado em agosto, mostrou que 83,5% dos trabalhadores do Sul estavam satisfeitos ou muito satisfeitos com o próprio trabalho.

É o maior nível de satisfação da pesquisa, seguido pelo percentual da região Nordeste (77,5%). A média brasileira foi de 72,2%.

A pesquisa também questionou os entrevistados, ocupados com trabalho ou não, sobre o bem-estar geral com a vida em geral. A região Nordeste registrou o maior grau de satisfação, de 7,6 pontos, acima da média nacional (7,2 pontos).

"Sendo uma região com grande insegurança de renda e com alguma insatisfação em questões trabalhistas importantes, o resultado sugere que a percepção subjetiva de bem-estar na região é determinada por outros fatores. Apesar da diferença entre as regiões, todas ficaram com notas médias próximas de 7 pontos", afirmou o FGV Ibre.

Rússia aguentou tranco da guerra

Economia vai sofrer menos do que o Brasil da Grande Recessão, mas tem futuro sombrio

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Faz quase um ano, a Rússia invadiu a Ucrânia. Em abril do ano passado, bancões, FMI e economistas ouvidos pelo Banco da Rússia (o banco central deles) estimavam que a economia encolheria uns 9% em 2022 por causa da guerra. Não foi assim.

O PIB de 2022 deve ter diminuído 2,1%, estimativa de fevereiro da Economic Expert Group, consultoria que presta serviços ao Ministério das Finanças. Na previsão compilada pelo banco central russo, o PIB cairia 1,5% neste 2023. Seria um biênio de tombo feio: 3,6%. Na Grande Recessão do Brasil (2015-2016), a baixa foi de 6,7%.

Pânico, incerteza, sanções comerciais e o isolamento financeiro imposto pelo "Ocidente" não bastaram para produzir desastre no tamanho previsto. As exportações de petróleo e gás explicam o grosso da resistência econômica russa, mas não tudo.

Da arrecadação total do governo no ano passado, 44% vieram da receita com petróleo e gás (impostos e outras rendas). Nos anos de petróleo muito caro de 2012 a 2014, essa contribuição chegou a mais de 51%. Na baixa de preços da epidemia, a 29%.

Em 2022, a arrecadação total aumentou 16% (em termos nominais). O aumento todinho veio dos dinheiros de petróleo e gás.

A crise quase mundial de energia que vinha desde fins de 2021 piorou com a alta de preços causada pela guerra de Putin. Tal carestia compensou até mesmo o fato de que o petróleo russo tenha passado a ser vendido com desconto enorme.

O barril do tipo Urais custava uns US$ 2 menos que o tipo Brent pouco antes da guerra. Neste fevereiro, o desconto era de US$ 32 e por aí deve ficar. A vaca leiteira da Rússia deve render menos daqui em diante.

O risco de negociar o Urais derruba seu preço, os europeus estão conseguindo largar a dependência de energia russa e vão acelerar a descarbonização. A infraestrutura para levar petróleo para aliados asiáticos é cara. Índia, China e Turquia não devem absorver o possível excesso, dizem entendidos.

Além do mais, o inverno tem sido ameno, e os europeus conseguiram estocar gás. O mundo rico beira a recessão, o que derrubou preços de commodities em geral (o petróleo está ora mais barato do que antes da guerra).

No entanto, mesmo com preço de commodities em queda e o Urais vendido com desconto, as exportações totais de bens e serviços da Rússia passaram de US$ 550 bilhões em 2021 para US$ 628 bilhões em 2022. As importações caíram, de US$ 379 bilhões para US$ 346 bilhões.

O saldo dessas contas externas aumentou, claro. Mas, muito importante, as importações caíram pouco. As sanções podem ter impedido a compra de máquinas, partes e peças de tecnologia mais avançada. Mas por ora não parecem ter amputado a capacidade russa de abastecer consumidores e empresas. Mesmo com recessão, a indústria ficou estagnada, caso de copo meio cheio e vazio: a queda na produção de bens "civis" foi compensada pela produção de equipamento de guerra.

Vladimir Putin, digamos com ironia, é um ortodoxo. Seu governo tem superávit (paga despesas correntes e a conta de juros). O Banco da Rússia é independente, pelo menos na lei. Desde 2013, é presidido por Elvira Nabiullina, figura meio lendária na finança mundial e tida como uma das líderes da "ala modernizadora" da elite putinista (do outro lado, estão os tipos KGB, milicos, rasputins conspiracionistas e oligarcas).

A inflação de 2022 foi de 11,9%, ante os 8,4% de 2021. A taxa básica de juros deles era de 9,5% no início de 2022, foi a 20% assim que a guerra estourou, a fim de conter o pânico, e está em 7,5%, para uma projeção de inflação de 6% em 2023 (taxa real menor do que 1,5%, pois). Por falar nisso, a meta de inflação do banco central russo é de 4%.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Desfile do Monobloco no pré-Carnaval, nos arredores do parque do Ibirapuera, em São Paulo Adriano Vizoni - 12.fev.23/Folhapress

Viagem de avião, Uber e cerveja lideram inflação da folia

Aumento da demanda após dois anos de restrições pressiona preços; turismo deve movimentar R$ 8 bi

ALALAÔ

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Após dois anos de restrições e cancelamentos devido à pandemia, o retorno dos blocos oficiais de Carnaval vem acompanhado por preços elevados nas metrópoles.

É o que indica um levantamento feito pelo economista André Braz, do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas), a pedido da **Folha**.

Segundo a análise, a inflação do Carnaval acumulou alta de 14,58% em 12 meses até janeiro. A cesta abrange 21 itens que costumam ser consumidos por foliões e que integram o IPC-S (Índice de Preços ao Consumidor - Semanal).

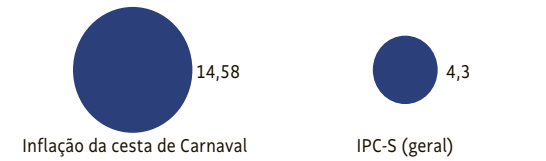
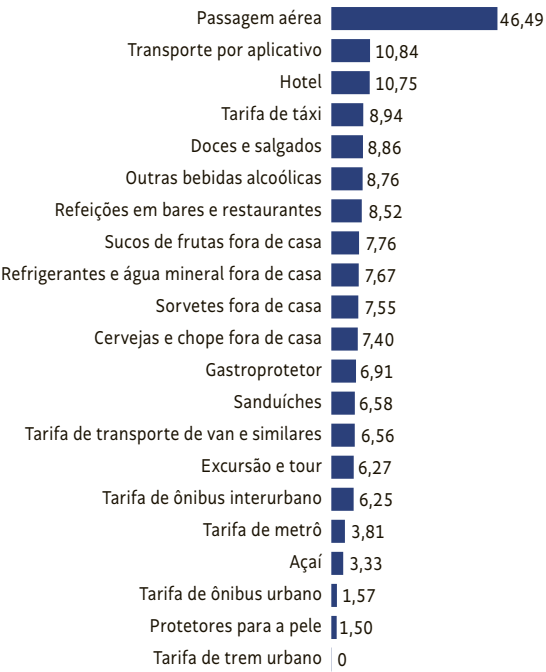
No mesmo período, o IPC-S avançou 4,3% em termos gerais. O índice é calculado pelo FGV Ibre em sete capitais (Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador), todas com tradição de festas carnavalescas.

"A maior parte dos preços de Carnaval subiu acima da inflação média. Quem se expuser a essas despesas vai gastar mais", afirma Braz.

Conforme o pesquisador, parte considerável da cesta de Carnaval ficou mais cara devido à retomada da demanda nos últimos meses.

Dos 21 itens da cesta elaborada por Braz, a passagem aérea teve a maior alta em 12 meses: 46,49%. Os bilhetes de avião tiveram o maior impacto na inflação da cesta dos foliões.

O transporte por aplicativo, por sua vez, subiu 10,84%, a segunda maior variação, seguido pelos preços de hotel (10,75%).

Na sequência, aparecem tarifa de táxi (8,94%), doces e salgados (8,86%), outras bebidas alcoólicas (8,76%), refeições em bares e restaurantes (8,52%), sucos de frutas (7,76%), refrigerantes e água mineral (7,67%) e sorvetes fora de casa (7,55%).

Cerveja e chope tampouco escaparam da carestia. Nos últimos 12 meses, os preços desses itens avançaram 7,40% fora de casa, de acordo com o levantamento.

"Há um componente de demanda na cesta de Carnaval. Hotelaria, táxis e transporte por app, por exemplo, não eram tão usados antes, as pessoas não estavam viajando na pandemia. Hotéis até ficaram fechados. Depois, a demanda ficou mais aquecida", diz Braz.

O último Carnaval antes da crise sanitária ocorreu no começo de 2020. A pandemia, iniciada logo em seguida, no mesmo ano, gerou restrições à mobilidade. Blocos oficiais foram cancelados em 2021 e 2022.

Em 2023, o Carnaval deve movimentar R$ 8,18 bilhões no turismo brasileiro, segundo projeção da CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo). O dado desconsidera atividades informais.

Caso seja confirmado, o volume terá uma alta de 26,9% em relação a 2022 (R$ 6,45 bilhões), já descontando a inflação do período.

A estimativa, contudo, indica um patamar ainda inferior ao pré-pandemia. Está 3,3% abaixo do resultado de 2020 (R$ 8,47 bilhões).

De acordo com o economista Fabio Bentes, da CNC, o turismo ainda não deve alcançar o patamar pré-crise devido a condições que dificultam o consumo.

Nesse sentido, Bentes cita o encarecimento de serviços como o transporte aéreo de passageiros e, em segundo lugar, os juros elevados.

"É menos um problema de ordem sanitária, como foi nos últimos anos, e mais um problema de ordem econômica."

A CNC afirma que o Carnaval é considerado o "Natal do turismo". Dentro do setor, o destaque deve ser o segmento de bares e restaurantes, com movimentação esperada de R$ 3,63 bilhões em 2023.

Em seguida, aparecem empresas de transporte de passageiros (R$ 2,35 bilhões) e serviços de hospedagem em hotéis e pousadas (R$ 0,89 bilhão).

O trio tende a responder por quase 84% de toda a receita do período (R$ 8,18 bilhões), conforme a entidade.

A CNC ainda aponta que a demanda por serviços turísticos no Carnaval deve resultar na oferta de 24,6 mil vagas temporárias de trabalho.

A exemplo da movimentação financeira, o número previsto de empregos também supera o nível de 2022 (15,2 mil), mas segue abaixo do patamar de 2020 (26,1 mil).

Preços pressionam foliões

Inflação do Carnaval sobe mais de 14%
Variação acumulada em 12 meses, até janeiro, em %

Produtos e serviços da cesta de Carnaval
Variação acumulada em 12 meses, até janeiro, em %

Item	%
Passagem aérea	46,49
Transporte por aplicativo	10,84
Hotel	10,75
Tarifa de táxi	8,94
Doces e salgados	8,86
Outras bebidas alcoólicas	8,76
Refeições em bares e restaurantes	8,52
Sucos de frutas fora de casa	7,76
Refrigerantes e água mineral fora de casa	7,67
Sorvetes fora de casa	7,55
Cervejas e chope fora de casa	7,40
Gastroprotetor	6,91
Sanduíches	6,58
Tarifa de transporte de van e similares	6,56
Excursão e tour	6,27
Tarifa de ônibus interurbano	6,25
Tarifa de metrô	3,81
Açaí	3,33
Tarifa de ônibus urbano	1,57
Protetores para a pele	1,50
Tarifa de trem urbano	0

Fonte: IPC-S/FGV Ibre, calculado em Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador

Como proteger seu cartão e celular de golpes no Carnaval

Troca de cartões
O estelionatário aproveita a distração do cliente para observar a senha digitada. O comerciante troca o cartão e devolve outro muito parecido

Como evitar:

- Seja a única pessoa a manusear o cartão
- Verifique o valor da compra na tela e se o cartão devolvido é o correto
- Alerte-se caso os números da sua senha apareçam na tela da maquininha
- Não use a máquina com o visor quebrado ou que não permita a leitura dos dados

Golpe da aproximação
Criminosos aproximam maquininhas de mochilas ou bolsos para tentar ativar cartões de crédito com tecnologia sem contato

Como evitar:

- Limite o valor máximo para pagamentos sem senha, por meio do app, ou desative a função de aproximação
- Não deixe o cartão solto em bolsos ou bolsas
- Use mochila ou carteira que bloqueia o sinal NFC

Golpe da maquininha
Golpistas fraudam os equipamentos para roubar os compradores

Como evitar:

- Alerte-se com mensagens incomuns de erro no pagamento
- Peça para trocar a maquininha ou desista da compra se o pagamento por aproximação falhar

Dicas para o celular

- Coloque uma senha forte para abrir o aparelho
- Esconda o conteúdo das notificações na tela de bloqueio
- Habilite a função de rastrear e apagar dados remotamente
- Não guarde prints e anotações com informações sensíveis
- Reduza o limite do cartão de crédito, transferências e Pix nos apps dos bancos
- Apague aplicativos que não serão usados, mas que contenham conteúdos sensíveis, como email e notas
- Coloque limite de tempo de uso em aplicativos importantes
- Reduza o tempo de bloqueio da tela do celular

Um experimento monetário

Quem pede redução do juro precisa explicar por que agora seria diferente do que fez Tombini

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

As economias modernas empregam o regime de moeda fiduciária. Isto é, a moeda não tem lastro, como ocorria no padrão-ouro. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, quando terminou o padrão-ouro, até o início dos anos 1990, não se sabia como controlar a inflação em um regime de moeda fiduciária.

No pós-guerra até o início dos anos 1970, vigorou uma gambiarra do padrão-ouro assentado no dólar, conhecido por regime monetário de Bretton Woods. Após o fim do regime, em agosto de 1971, a economia mundial viveu surtos inflacionários recorrentes. A conquista da estabilidade dos preços coincidiu com a construção de uma série de mecanismos operacionais dos bancos centrais, conhecidos por regime de metas de inflação.

O regime de metas de inflação foi construído pelos próprios banqueiros centrais, os homens práticos que tocavam o dia a dia da política monetária. Simultaneamente e com um pequeno atraso, os acadêmicos foram desenvolvendo a teoria que o sustenta.

Entre inúmeros acadêmicos, o professor de Stanford John Taylor teve liderança na construção teórica do regime monetário para um sistema de moeda fiduciária. A grande questão era: como estabilizar os preços em um sistema de moeda sem lastro, em que a quantidade de moeda pode ser qualquer coisa?

Durante muito tempo, os economistas ficaram procurando regras que estabeleciam restrições sobre a evolução da quantidade de moeda. Demorou, mas a academia, baseando-se nos trabalhos pioneiros do economista sueco do começo do século 20 Knut Wicksell, percebeu que era muito mais produtivo trabalhar com a taxa de juros do que com a quantidade de moeda.

Ao olhar o problema com os óculos de Wicksell, em poucos anos a questão se esclareceu. Taylor mostrou que uma regrinha simples, que já era seguida pelos bancos centrais, conseguia estabilizar os preços em um regime de moeda fiduciária: bastava fixar os juros suficientemente acima do juro normal, conhecido por juro neutro, sempre que a inflação estivesse acima da meta inflacionária, e o inverso se a inflação estivesse abaixo. Essa é a regra de Taylor.

O "suficientemente acima" estabelecia que a resposta da política monetária tinha que ser suficientemente forte. Se a inflação subisse um ponto percentual acima da meta inflacionária, por exemplo, os juros teriam que subir mais do que um —esse é o princípio de Taylor, necessário para que a regra de Taylor estabilize os preços.

Os juros no Brasil são elevados pois o juro neutro é elevado —entre outros fatores, nossas baixíssimas taxas de poupança explicam o elevado juro neutro—, mas também porque o equilíbrio entre oferta e procura no Brasil é pouco sensível às taxas de juros. Meu colega Bernardo Guimarães, que ocupa este espaço às quartas-feiras, elaborou o tema em sua coluna mais recente.

No primeiro mandato da presidente Dilma, quando o presidente do Banco Central era Alexandre Tombini, houve um experimento monetário. Em razão do desconforto com as elevadas taxas de juros praticadas no Brasil, o BC alterou a sua função de reação. A regra de Taylor praticada pelo BC deixou de atender ao princípio de Taylor. Lentamente a inflação foi voltando, apesar de todos os controles das tarifas e do preço da gasolina que foram empregados no período. A história não terminou bem.

Os economistas que têm assinado manifestos pedindo redução dos juros precisam explicar os motivos de desta vez ser diferente.

A documentação da alteração da regra de Taylor no período encontra-se no trabalho publicado na revista Empirical Economics, volume 48 de 2015 (páginas 557-575), e no trabalho publicado na revista Journal of International Money and Finance, volume 74 de 2017 (páginas 31-52). Este último com o sugestivo título "Desconstruindo Credibilidade: A Quebra da Regra de Política Monetária no Brasil".

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Bernardo Guimarães | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. André Roncaglia | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

INSS libera extrato de pagamento do Imposto de Renda 2023

Cristiane Gercina

SÃO PAULO Os aposentados, pensionistas e demais beneficiários do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) já podem consultar o extrato do Imposto de Renda 2023.

A entrega da declaração começará no dia 15 de março e vai até 31 de maio, em prazo estendido pela Receita Federal para ampliar o acesso à declaração pré-preenchida.

O extrato é necessário para que o segurado obrigado a declarar o IR preste contas ao fisco. Quem é obrigado e perde o prazo paga multa, que pode chegar a 20% do imposto devido no ano.

Deve declarar o Imposto de Renda em 2023 quem recebeu rendimentos tributáveis de mais de R$ 28.559,70 em 2022. Quem recebeu rendimentos isentos, não tributáveis ou tributados exclusivamente na fonte (como rendimento de poupança ou FGTS) acima de R$ 40 mil no ano passado também é obrigado. Contribuintes que tinham, em 31 de dezembro, posse ou propriedade de bens ou direitos acima de R$ 300 mil também precisam prestar contas à Receita, dentre outras regras.

A consulta ao extrato é feita no aplicativo ou site Meu INSS com a senha do portal gov.br. No primeiro acesso é preciso cadastrar senha.

Há também a opção de fazer a consulta sem senha pelo site extratoir.inss.gov.br, informando CPF, data de nascimento, nome e número de benefício.

O beneficiário não precisa comparecer a uma agência do INSS para conseguir seu extrato, uma vez que o documento pode ser baixado diretamente pela internet. Outra opção é conseguir o documento no banco onde recebe seu benefício, informa o INSS.

O aposentado que vai declarar o IR em 2023 e tiver outras fontes de rendimento não pode se esquecer de informá-las à Receita, sob pena de cair na malha fina. Aluguéis recebidos, pensão acumulada com aposentadoria e salário, caso esteja trabalhando, são rendimentos tributáveis.

O FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) sacado ao se aposentar e a renda do benefício recebida a partir dos 65 anos, até o limite legal garantido pelo fisco, são rendimentos isentos. Cada uma tem sua própria ficha na declaração.

Para aposentados e pensionistas a partir de de 65 anos, há cota extra de isenção do imposto a partir do mês de aniversário.

Para fazer a consulta pelo site Meu INSS, é preciso acessar meu.inss.gov.br, fazer o login e, na página inicial, selecionar "Extrato do Imposto de Renda", onde há um leão em azul. O "ano-calendário" deve ser 2022; clique sobre o número de benefício e o documento será aberto. Os valores recebidos serão informados na linha "3 - Rendimentos Tributáveis, Deduções e Imposto Retido na Fonte" ou na linha "4 - Rendimentos Isentos e Não Tributáveis", conforme o caso.

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS
CONSELHO DELIBERATIVO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Em conformidade com o artigo 82 do Estatuto Social, ficam os Senhores Conselheiros convocados para a reunião extraordinária que será realizada no dia **06 de março de 2023**, em primeira convocação às **19h** e às **20h** em segunda e última, **nas dependências sociais do clube (5º andar do prédio multiuso), na Rua Palestra Itália, nº 214**, para atender a seguinte:

Ordem do Dia
A. Leitura, discussão e aprovação da ata da reunião anterior;
B. Posse de Conselheiros;
C. Eleição do Presidente e do Vice-Presidente do Conselho Deliberativo, para o biênio 2023/2024, de acordo com o estabelecido no artigo 102, inciso I, do Estatuto Social.
Obs: os candidatos aos cargos acima referidos deverão registrar suas candidaturas na secretaria geral da S.E.P., localizada no primeiro andar do prédio multiuso do clube, mediante requerimento protocolizado até as **18h do dia 24 de fevereiro de 2023**, de acordo com o estabelecido no § 1º do artigo 94 do Estatuto Social.

São Paulo, 19 de fevereiro de 2023.
Leila Mejdalani Pereira
Presidente da Diretoria Executiva

Luciano Salles

Tragédias

Debate sobre formas de combater o aquecimento global se acirra, e Brasil pode sair perdendo

Candido Bracher
Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos.

As últimas semanas foram ricas em notícias relacionadas, direta e indiretamente, ao combate ao aquecimento global. Pode-se discutir se o saldo final é positivo ou não para o mundo, mas não tenho dúvidas de que é muito negativo para o Brasil.

O aquecimento global resulta de uma situação conhecida em economia como "tragédia dos bens comuns". Ocorre quando muitas pessoas têm acesso a um bem coletivo, mas cada uma busca maximizar seu interesse individual, provocando a degradação do bem em prejuízo de todos.

A teoria surgiu a partir do exemplo inglês da utilização de pastos comunitários por criadores de carneiros. Cada criador procura colocar o máximo de animais no pasto, provocando a sua exaustão. No fim, todos perdem.

No caso do aquecimento global, o pasto é a atmosfera, e os carneiros são os gases de efeito estufa (GEE) resultantes principalmente da queima de combustíveis fósseis. Como a atmosfera é um bem comum, foi ocupada indiscriminadamente sem que ninguém pagasse nada por isso. Agora está perto da exaustão e é necessário reduzir a zero a emissão de GEE até 2050, sob pena de provocar um nível de aquecimento que comprometa gravemente as condições de vida no planeta.

A solução intuitiva e óbvia é estabelecer uma governança que regule o direito à emissão de gases, e a forma mais simples de implementá-la é através de um preço global por tonelada de GEE, de modo a desestimular os processos emissores e encorajar o desenvolvimento de tecnologias alternativas e mudança de hábitos.

A União Europeia tem liderado esse processo no mundo através do sistema de "cap & trade", recentemente aperfeiçoado com um imposto de importação baseado no conteúdo de GEE de cada produto, o "carbon border tax".

Ocorre que os demais países resistem fortemente a adotar medidas semelhantes, receando desagradar aos eleitores. O Congresso dos EUA, há poucos meses, aprovou um pacote ambiental chamado "Inflation Reduction Act" (IRA), que contém um volume expressivo de subsídios ao desenvolvimento de tecnologias "limpas", mas não traz uma única medida taxando a emissão de GEE.

É como se, no exemplo histórico, em vez de cobrar pelo uso do pasto, se concedessem subsídios para desenvolver uma alimentação alternativa para os carneiros. O problema, naturalmente, é que os animais não deixam de pastar, enquanto aguardam o novo cardápio.

A reunião de Davos em janeiro foi dominada pela discussão dessa questão. A presidente da Comissão Europeia protestou contra os subsídios americanos, que criam uma situação injusta de competição, provocando fuga de investimentos e empresas tecnológicas europeias para os EUA, onde encontram condições mais favoráveis.

Economistas de renome, como Olivier Blanchard, utilizaram o termo "guerra comercial" para se referir à política americana, e o jornal inglês Financial Times noticia que investidores pressionam uma empresa alemã que atua na fronteira tecnológica da geração de energia limpa, Marvel Fusion, a mudar-se para os EUA para usufruir dos subsídios do IRA.

Ao ler sobre essas reações, fui tomado de desânimo e me veio à mente a imagem da Torre de Babel; apesar do objetivo comum —o "net zero"—, os homens são incapazes de se entender para atingi-lo.

Pressionados pelos fatos, alguns representantes europeus opinaram publicamente que a União Europeia deveria também estabelecer uma política de subsídios em resposta à iniciativa americana e que algum acordo deveria ser negociado.

A ideia é polêmica, uma vez que a concessão de diferentes subsídios por diferentes membros do bloco contraria os fundamentos do mercado comum europeu. Por outro lado, atores relevantes, como Faith Birol, diretor da Agência de Energia Internacional, consideraram o IRA "a iniciativa climática mais importante desde o Acordo de Paris em 2015".

Entusiasmo semelhante foi manifestado por muitos empresários presentes a Davos.

Refletindo sobre essas declarações, julguei natural o entusiasmo que o IRA desperta. Afinal, a medida é o que se chama "fuga para a frente"; em vez de retroceder, avançar. Em vez de reduzir a atividade para conter as emissões de GEE, aumentar os investimentos, buscando soluções alternativas. Quem, afinal, não gostaria de emagrecer comendo mais? Resta saber se a terapia terá bons resultados.

Também em janeiro, Nicholas Stern, reconhecido economista envolvido com o combate ao aquecimento global, publicou um trabalho no qual prevê que novas tecnologias limpas para setores como aviação, cimento e aço se tornarão competitivas em datas variando de hoje a 2030.

Esse conjunto de reações me levou a reconsiderar o pessimismo contido na metáfora da Torre de Babel. Ponderei que a humanidade deve seu progresso com maior frequência à competição que anima o engenho humano do que a ações coordenadas em empreitadas comuns. Por que não seria assim desta vez?

Eu gostaria de encerrar esta coluna no tom positivo da frase acima. Mas resta tratar das implicações para o Brasil.

A falta de uma governança global que estabeleça um preço que onere as emissões de GEE traz como contrapartida provável a ausência de remuneração para a captura de GEE. Esses recursos seriam fundamentais para financiar a preservação de nossas florestas e recuperação de áreas degradadas.

Para agravar ainda mais a situação, o jornal inglês The Guardian, tradicionalmente preocupado com questões ambientais, publicou ampla reportagem na qual afirma que mais de 90% dos créditos de carbono provenientes de florestas tropicais não têm nenhum valor. A pesquisa citada aponta que a empresa americana Verra, que certifica 75% de todos os créditos de carbono negociados no mercado voluntário, utiliza critérios de avaliação falhos. A empresa reagiu vigorosamente e outros órgãos da comunidade científica a apoiaram, mas a polêmica está criada e naturalmente afeta negativamente o valor que se pode obter com a conservação e a recuperação de florestas tropicais.

Dessa forma, não apenas nosso principal "produto verde" —o potencial de captura de carbono de nossas florestas— está ameaçado de ficar sem mercado como também a própria qualidade dessa captura carece de certificação adequada. Enfrentar esse duplo desafio deve ser prioridade de nossa política ambiental.

Finalmente, ameaça muito mais concreta à preservação de nossas florestas veio contida na revelação das condições sub-humanas de vida na reserva yanomami, invadida por garimpeiros contando com a complacência do Estado e, inevitável reconhecer, da sociedade brasileira.

A questão ambiental empalidece diante do terrível drama humano e da vergonha de vermos renovadas nos nossos dias as duras palavras que Castro Alves dirigiu ao auriverde pendão de nossa terra: "Antes te houvessem roto na batalha, que servires a um povo de mortalha".

| DOM. **Ana Paula Vescovi,** Marcos Lisboa, Candido Bracher

Gigantes da folia voltam às ruas em sua plenitude e arrastam multidões

Megablocos tomam capitais brasileiras depois de pausa forçada pela pandemia de Covid

Monumento do Galo Gigante, no Galo da Madrugada, atravessa a ponte Duarte Coelho, em Recife, durante o cortejo Paulo Fonseca/Onzex Press e Imagens/Agência O Globo

RECIFE, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, SALVADOR E BELO HORIZONTE O Brasil se reencontrou oficialmente com sua festa mais popular. Multidões tomaram capitais do país desde a noite de sexta (17) e atravessaram o sábado (18) festejando a volta dos principais cortejos de blocos de Carnaval, finalmente liberados para ir às ruas após a pausa forçada pela pandemia de Covid-19.

Gigantes da folia retornaram em sua plenitude. Entre eles, o Galo da Madrugada reinou em Recife para fazer valer a fama de maior do mundo.

Trinta trios elétricos fizeram ecoar as vozes de artistas de diferentes gerações durante nove horas e por um percurso de quase sete quilômetros. Pabllo Vittar, Maria Gadu, Fafá de Belém e Juliette estavam entre as atrações.

"Agora estamos sentindo a realidade e vendo o povo na rua. A força do povo faz o Galo da Madrugada se fortalecer", afirmou Rômulo Meneses, presidente do bloco. "A ficha caiu."

Segundo a organização, o público ultrapassou 2,5 milhões de foliões na edição de 2023, com cerca de 30 mil pessoas trabalhando direta e indiretamente no evento.

No Rio de Janeiro, o centenário Cordão da Bola Preta foi o responsável pela abertura oficial do Carnaval carioca.

Patrimônio cultural desde 2007, o megabloco carregou uma massa de foliões com suas marchinhas e sambas-enredos históricos pelo centro da capital fluminense.

O desfile, com o público em preto e branco, e o encerramento com a famosa "Cidade Maravilhosa" entoada pelos foliões é uma das tradições da largada da festa carioca.

Ao todo, a cidade do Rio terá mais de 450 desfiles, considerando também os blocos que fizeram o pré-Carnaval.

Ainda era tarde de sábado quando Ivete Sangalo retomou o seu posto de estrela do Carnaval baiano para comandar o bloco Coruja, no circuito Barra-Ondina, em Salvador.

Amontoados no entorno dos trios elétricos parados na altura do Farol da Barra, foliões tentavam chegar mais perto da cantora, que decidiu baixar a pressão para evitar acidentes devido ao aperto na avenida estreita demais.

Músicas mais lentas para desestimular o empurra-empurra. Ivete emendou canções como "Flores" e a mais nova "Só Love na Cabeça".

No bloco, parte dos foliões usava tiaras com a expressão "Cria da Ivete", principal aposta da cantora baiana para o Carnaval. A música de trabalho foi cantada quando o bloco inteiro já havia ganhado a avenida Oceânica.

Milhares de foliões se aglomeraram também fora das cordas que demarcavam o espaço do trio elétrico.

O circuito ainda contou com outras atrações aguardadas, como o cantor Bell Marques, que surpreendeu com um improvável dueto com a sertaneja Paula Fernandes.

Cantaram uma versão axé de "Evidências", consagrada por Chitãozinho e Xororó.

Ainda do desfile, um dos cordeiros do bloco desmaiou e precisou ser socorrido.

Depois de um pré-Carnaval que transformou ruas em um mar de gente, a cidade de São Paulo teve um sábado carnavalesco esfriado pela chuva e um tropeço de um dos seus blocos mais populares.

O Tarado Ni Você voltou a ocupar a esquina das avenidas Ipiranga com São João, no centro, após quase ficar de fora do Carnaval por ter perdido o prazo de inscrição.

Foliões se mobilizaram nas redes sociais e a Secretaria Municipal de Cultura voltou atrás na decisão e incluiu o bloco na programação oficial.

Na esquina histórica e com repertório inspirado nas músicas de Caetano Veloso, o cortejo recebeu um número de foliões abaixo do esperado.

Se faltou gente no centro, sobrou na Faria Lima, na zona oeste da capital. Na avenida que é sinônimo do mercado financeiro do país, o Bloco das Gloriosas, comandado pela cantora Gloria Groove, precisou ser encerrado antes da hora por causa de superlotação. O pedido para o megabloco desligar o volume mais cedo partiu da prefeitura.

Em Belo Horizonte, o Então, Brilha, primeiro bloco a desfilar, levou milhares de foliões ao centro. Funks das antigas fizeram o público cantar: "Vou passar cerol na mão".

José Matheus Santos, Matheus de Moura, Mariana Zylberkan, Paulo Eduardo Dias, João Pedro Pitombo e Leonardo Augusto

Atriz Paolla Oliveira no Cordão da Bola Preta, na capital fluminense Fernando Maia/Riotur

Grupo de pernaltas estrangeiras desfila no Rio pela primeira vez

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO "Les filles!", grita Règina para chamar "as meninas" da trupe enroladas em panos laranjas e rosas que atravessam a avenida se equilibrando em pernas de pau. O funk que toca na caixa de som é em português, mas as instruções são dadas em francês.

Mesmo quase sem falar a língua, elas terão uma experiência neste Carnaval que poucos brasileiros já provaram. Vão ver do alto o bloco mais comprido do Rio de Janeiro, o Boitolo, atravessar a cidade neste domingo (19).

As estrangeiras criaram um grupo de pernaltas, tradição dos cortejos cariocas inspirada nas aves de pernas longas. O conjunto, batizado de "Gringas Fodas", foi gestado pela belga Règina Phalange, 30, que se apaixonou pelo objeto circense ao chegar ao país.

Foi mais uma de suas experimentações: ainda na Bélgica, formou-se em design gráfico, largou a carreira para seguir o sonho de virar soldadora, desistiu pelo machismo, trabalhou num abrigo de animais, numa loja de roupa e finalmente numa fazenda. "Tentei de tudo", brinca.

Há um ano, veio com uma amiga para um evento de imersão na cultura brasileira, conheceu a perna de pau e nunca mais voltou. Na folia de rua não oficial do ano passado, saiu perambulando pelos blocos e se entrosou na comunidade engajada na festa. Foi quando percebeu o interesse de algumas francesas.

"Eu pensei: talvez tenha algo para fazer aí. Comecei a dar aula para uma, duas, e depois foi no bouche à oreille, no boca a boca", conta. Hoje os treinos acontecem toda quarta-feira na praça Paris, na Glória, região central do Rio, com alongamento, aquecimento e exercícios variados na perna.

Cinzia Mura, 33, por exemplo, veio ao Brasil descobrir suas raízes. Filha de uma brasileira com um italiano, mas criada na França, ela cresceu ouvindo histórias de Carnaval. Chegou a conhecer a festa aos 7 anos, mas não voltava ao país desde os 12.

"Sempre vi as fotos da minha mãe desfilando na escola de samba, deles juntos no Rio. Hoje estou descobrindo tudo de novo, tudo que minha mãe me contava", afirma a redatora de publicidade, em português perfeito e com leve sotaque francês.

Era mesmo essa a intenção de Règina ao criar a oficina. "Eu queria muito dar a oportunidade para as meninas de viver o que eu vivi, essa experiência no Carnaval. Andar com os blocos, conhecer os músicos, a música e essa cultura, o que é difícil para quem não é daqui."

No geral foi muito bem recebida na comunidade carnavalesca, mas diz já ter percebido alguns olhares na linha "quem é ela para fazer isso?". "Já ouvi uma pessoa falar que é apropriação cultural. Acho que não, né?", acredita.

Além do Boitolo, Règina desfilará no Mulheres Rodadas, primeiro bloco feminista do Carnaval carioca.

Pernaltas dançam no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Foliões do bloco Agrada Gregos, que desfilou neste sábado (18) na av. Pedro Álvares Cabral, no Ibirapuera, na zona sul da capital paulista Eduardo Knapp/Folhapress

Chuva e lama não intimidam foliões nos blocos de São Paulo

Temporal que atingiu a cidade transformou capa de chuva em fantasia oficial

Isabella Menon, Mariana Zylberkan e Carlos Petrocilo

SÃO PAULO A chuva forte que atingiu São Paulo no início da tarde deste sábado (18) espantou alguns foliões que se aglomeravam em blocos de Carnaval pela cidade, porém não impediu a folia e ainda transformou a capa de chuva em fantasia oficial.

Na região central, o temporal começou por volta das 13h30 e fez o público procurar abrigo em bares e marquises. A pausa, contudo, foi curta. Mesmo com a tempestade os foliões do Minhoquens voltaram para o meio da avenida São Luís e acompanharam o bloco. As roupas e fantasias ensopadas pesaram, mas não impediram o público de dançar ao som de funk e música eletrônica.

Na avenida Pedro Álvares Cabral, no Ibirapuera, zona sul, o público resolveu enfrentar a forte chuva e a enxurrada para acompanhar o bloco Agrada Gregos.

Com o temporal, algumas vias ficaram alagadas, e até mesmo a área verde ficou encharcada. "Sofremos para chegar até aqui, mas está tudo bem, tudo legal", afirmou a foliona Karoline Castro.

A chuva também recepcionou foliões a caminho do Bloco das Gloriosas, comandado por Gloria Groove, uma das drag queens mais famosas do Brasil, que se apresentou na avenida Faria Lima, na zona oeste. Assim que entraram, as estudantes Sofia Bragoni, 18, e Manuela Navarro, 18, foram em busca de uma capa de chuva. "Não vim preparada", disse Sofia.

No Butantã, na zona oeste, a concentração de foliões do bloco Vai Quem Qué havia sido marcada na praça Elis Regina, mas a chuva obrigou o público a se deslocar para um posto de gasolina abandonado. Músicos amarraram sacolas plásticas nos pés e, depois de uma trégua da tempestade, iniciaram o desfile por volta das 16h.

O pequeno bloco recebeu todo tipo de público, incluindo pessoas mais velhas acompanhadas de familiares e amigos. Os foliões apostaram em meias arrastão, bodies brilhantes, saias de tule e tiaras coloridas e participaram animados ao som de marchinhas tradicionais de Carnaval.

Se à tarde a capa de chuva virou item obrigatório, pela manhã a capa era outra, pelo menos no bloco Tarado Ni Você, que homenageou a cantora Gal Costa —ela morreu no ano passado. Um folião escolheu carregar uma capa de disco de vinil, outra escreveu no corpo o nome de álbuns emblemáticos da artista.

"Eu sabia que minha fantasia seria em homenagem à Gal assim que ela morreu", disse Cecília Franco, 37, com o figurino inspirado na capa do disco Índia.

"Neste ano estamos homenageando a maior de todas as cantoras, a ancestral da voz", disse a cantora Duda Brack de cima do trio elétrico.

O bloco Tarado Ni Você prestou homenagem ao cantor Caetano Veloso e reuniu foliões na esquina das avenidas Ipiranga e São João, imortalizada na canção "Sampa". O cortejo seguiu pelas ruas do centro até o Theatro Municipal, onde ocorreu a dispersão.

Superlotado, bloco com Gloria Groove termina antes da hora

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO Com cerca de 200 mil pessoas, 150 mil a mais que o esperado, o megabloco das Gloriosas foi encerrado por volta das 17h30 deste sábado (18), uma hora e meia antes do previsto, como medida de segurança.

Com a superlotação na avenida Faria Lima e o consequente empurra-empurra, alguns foliões passaram mal.

Em entrevista à imprensa, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), afirmou que a solicitação para encerrar o show do megabloco partiu da Polícia Militar.

"Foi definido que era melhor parar, poder abrir as áreas de escape de segurança, e a gente não ter nenhum problema. Todo mundo se divertiu, teve só que parar um pouquinho mais cedo, mas para a segurança de todos."

O prefeito acrescentou, contudo, que o resultado do Carnaval na cidade, até aqui, é positivo. "Não tivemos grandes problemas, tendo em vista a grandiosidade deste evento. O resultado é muito positivo. Teve só o bloco da Gloria [Groove], que tinha previsão de 50 mil pessoas, mas foram quatro vezes mais, quase 200 mil. Mais um sinal da importância do Carnaval de São Paulo."

O número de foliões acima do previsto foi alertado por tripulantes do helicóptero Águia, da PM, que sobrevoou a avenida.

Escolas dão forte recado no Anhembi contra racismo e intolerância

Lucas Lacerda e Fábio Pescarini

SÃO PAULO Com arquibancadas lotadas, o Sambódromo do Anhembi, em São Paulo, foi palco, na noite de sexta (17) —e até as primeiras horas da manhã deste sábado (18)— de gente animada com canto afinado, recados fortes contra racismo, preconceito e intolerância religiosa.

O primeiro dia de desfiles das escolas de samba do Grupo Especial do Carnaval de São Paulo foi sem grandes sustos e com vários momentos de empolgação. Acadêmicos do Tatuapé, Rosas de Ouro e Gaviões fizeram desfiles grandiosos. A Tom Maior encantou pelo samba.

A Independente Tricolor, que subiu do ano passado, venceu o nervosismo para fazer um bom desfile. Na metade, numa paradinha da bateria, o samba foi cantado à capela pela arquibancada.

A Acadêmicos do Tatuapé, que homenageou Paraty, cidade do litoral sul do Rio de Janeiro, apostou na grandiosidade de seus carros e do samba, que agradou ao público.

A religiosidade foi tratada em ao menos três vezes na primeira noite. A Unidos de Vila Maria desfilou com uma enorme imagem de Nossa Senhora Aparecida negra, com cerca de oito metros de altura, que chamou a atenção, inclusive, quando foi levada para fora do sambódromo, após o desfile da escola.

Outras referências sobre religião foram feitas pela Tom Maior, que homenageou mães pretas e também tinha uma imagem de Nossa Senhora em um dos carros da escola, e pela Gaviões que teve a intolerância religiosa como tema de seu enredo. Antes delas, a Rosas de Ouro fez um forte desfile crítico contra racismo e desigualdade.

Logo no início, a coreografia mostrava negros tentando se equilibrar em um navio negreiro que funcionava como uma gangorra. O enredo da escola tinha um pedido pelo enfrentamento ao racismo.

O último carro da escola exibia fotos de personalidades negras, como Machado de Assis, Carolina de Jesus, Pelé, Glória Maria e Marielle Franco, além de Gilberto Gil e Emicida, entre outras.

Na Gaviões, a apresentadora de TV e rainha de bateria da escola, Sabrina Sato, desfilou com uma fantasia de dragão de São Jorge, presente em várias religiões. "Nessa corrente sou mais um guerreiro de São Jorge, mais um mensageiro de Ogum", afirmou ela nas redes sociais.

Em um dos carros havia um integrante caracterizado como Jesus, com a coroa de espinhos e roupa manchada de sangue, pendurado por uma corda na parte de trás do carro, a mais de cinco metros de altura. O homem acabou passando mal no fim do desfile e teve de ser socorrido, mas saiu consciente do local.

Acima, integrantes da escola Acadêmicos do Tatuapé, no primeiro dia de desfiles; ao lado, Marcelo Adnet no desfile da Estrela do Terceiro Milênio, na noite de sábado (18) Fotos Rubens Cavallari/Folhapress

Segunda noite de desfiles tem chuva, atraso e humoristas

SÃO PAULO O segundo dia de desfiles do Grupo Especial começou com atraso, chuva e humor na avenida.

A estreante Estrela do Terceiro Milênio, escola do Grajaú, na zona sul paulistana, começou o desfile com 23 minutos de atraso, e reclamou da falta de maquinário para levar parte dos 1.600 componentes aos carros alegóricos.

O enredo homenageou o humor, inclusive com a presença de humoristas famosos no desfile, como o global Marcelo Adnet e o apresentador Marcelo Tas.

Na arquibancada, com vento e chuva, o clima de torcida ficava por conta de torcedores da Mancha Verde, terceira a desfilar e que busca repetir a vitória com mais folga do que no ano passado.

Isso porque a agremiação ficou empatada com Império de Casa Verde e Mocidade Alegre, além da Tom Maior, que desfilou no primeiro dia.

A noite foi de estreia dupla para Sandra Carmona, 62. Torcedora da Mancha Verde, ela foi com a família ver a filha, Natália, que desfilaria no carro abre-alas. "Vai de Maria Bonita".

O enredo da escola abordou a história e a influência do cangaço no Brasil. **L.L. e F.P.**

Valery/Adobe Stock

Casais aproveitam tempos de folia para abrir relacionamento

Carnaval serve de empurrão para a decisão de explorar novos ares e beijar outras pessoas nos bloquinhos

Isabella Menon

SÃO PAULO A vontade de se relacionar com outras pessoas já era presente, assim como conversas sobre deixar a monogamia de lado. O clima de Carnaval foi o empurrão que faltava a casais que já pensavam em abrir o relacionamento para curtir a folia livres para beijar outras bocas.

É o caso do economista Lucas Poli, 27, que vive em Londres, onde cursa mestrado. A possibilidade de abrir o relacionamento era uma conversa que ele mantinha com o namorado desde o início —eles estão juntos desde setembro do ano passado.

Este é o terceiro relacionamento de Poli e ele conta que, no passado, o modelo não monogâmica foi um ponto de tensão nos antigos namoros. Em um dos casos, ele sentia insegurança. Em outro, sentia vontade, mas o parceiro, não.

Depois das relações, ele diz que passou por um processo de entender seus desejos e compreender que não há contradição em ser um namorado afetivo e, ao mesmo tempo, flertar com outras pessoas em festas ou paquerar alguém no dia a dia.

Quando conheceu o atual namorado, deixou claro que não se identificava com relações tradicionais. Mas, no início, o casal decidiu manter o relacionamento fechado. "Estávamos no início, mas não era um tabu debater a relação no futuro", afirma ele. Em dezembro, Lucas passou o Ano-Novo no Brasil e sentiu vontade de beijar outras pessoas.

"Senti que fazia sentido abrir e trouxe à tona isso", diz ele. O namorado concordou e Lucas, que vai passar o Carnaval no Rio de Janeiro, desembarca no Brasil para curtir a folia com o aval de beijar outras bocas. Mas, é claro, há limites que foram desenhados pelo casal. Por exemplo, eles concordam que não há necessidade de contar com quem ficaram.

O namorado também pediu para que ele não faça posts beijando outras pessoas, e Lucas acrescenta que eles não estão prontos para que a relação seja aberta para outros afetos, ou seja, nada do beijo na rua se estender para encontros.

"É preciso deixar bem claro seu sentimento para o parceiro, não pode ser uma relação sem segurança", diz ele, que afirma que, por isso, fez questão de deixar claro aquilo que incomoda e o que não incomoda. "Não quero essa sensação de prestação de contas, queria que fosse o mais natural possível."

Algo similar aconteceu no relacionamento da técnica em farmácia Isabel Barbosa, 24, que namora há seis anos. Ela e o namorado decidiram há um ano tornar o namoro não monogâmico. Só que apenas no período do Carnaval deste ano que eles começaram, de fato, colocar a relação aberta em prática.

A decisão no passado aconteceu após eles se interessarem mais sobre o assunto e, por meio de livros, concluírem que o capitalismo é o responsável por moldar regras de comportamento, como o casamento como sendo "uma forma de contrato de fidelidade", diz ela.

"É como se fosse errado demonstrar afeto para além do nosso parceiro e ter vontade de se relacionar com outras pessoas." Junto, o casal entendeu que ficaria feliz em se relacionar com outras pessoas em vez de tentar "controlar a vida do outro, o que o outro sente, o que o outro está pensando e desejando".

Apesar da decisão, eles não tinham beijado ninguém. Mas sentiram vontade nos bloquinhos e festas pré-Carnaval. "No começo, foi difícil ver o meu parceiro beijando outras pessoas, mas sempre teve muita conversa para entendermos nossos limites, o que estava nos incomodando e como poderíamos melhorar."

Lázaro, 43, que pediu para não ter o sobrenome identificado, afirma que ele e a namorada já tentaram abrir o relacionamento em outros momentos, mas não deu certo.

"Fiquei naquela insegurança de homem hétero", brinca. A terapia ajudou, e ele e a amada decidiram tentar novamente neste ano. "Vamos fazer esse 'test drive'", diz Lázaro, afirmando que o futuro do modelo da relação dependerá de como rolar a folia.

> "No começo, foi difícil ver meu parceiro beijando outras pessoas, mas sempre teve muita conversa para entendermos nossos limites, o que estava nos incomodando e como melhorar
>
> **Isabel Barbosa**
> técnica em farmácia

O combinado é que, se pintar interesse em alguém, um deve avisar ao outro antes de fazer qualquer coisa. Também não é permitido andar de mãos dadas com outros.

A decisão de tentar novamente abrir o relacionamento no Carnaval veio porque o casal tem dois filhos e não costuma sair à noite. "Temos poucas possibilidades de estar com mais pessoas. Vai ser gostoso", prevê ele.

Bernardo, 40, que é casado há seis meses e também pediu para não ter o nome o seu verdadeiro publicado, afirma que a decisão foi bem tranquila de abrir a possibilidade para novas experiências com a esposa. "Não quer dizer que vamos fazer, mas podemos desde que tenha oportunidade e vontade. Nunca tivemos uma conversa oficial para abrir o relacionamento, mas entendemos que, desde que os dois estejam de acordo e que seja legal para ambos, está tudo bem."

Mayumi Sato, sócia da Sexlog, rede social de sexo e swing, e apresentadora do podcast "Vida Não Mono", afirma que o cenário de casais que estão experimentando novos modelos de relacionamento mostra que eles estão sendo sinceras com os próprios sentimentos.

Segundo ela, é importante que casais que optem por abrir o relacionamento tenham responsabilidade com quem vão se relacionar.

"Mesmo que seja Carnaval é importante comunicar às pessoas com quem estão ficando que eles têm uma relação principal e não vão abrir mão dela. Isso é interessante para não constranger nem criar uma expectativa errada para depois que acabar a farra as pessoas não ficarem com a sensação de 'que que eu tô fazendo aqui'", afirma ela.

Ela considera que, neste ano, há um "fogo generalizado entre os foliões", que ela atribui ao tempo de isolamento pela pandemia da Covid.

"Vejo as pessoas mais exaustas. Perdemos esse tato da socialização, com muita gente ainda trabalhando de casa e acho que tem um pessoal exausto de não viver", diz Sato.

Além disso, ela considera que as pessoas que estão em relacionamentos há muitos anos e seguindo um modelo tradicional se cansaram de só se relacionar com a mesma pessoa. "Antes, estávamos ainda tateando como seria a vida e, neste Carnaval, tem uma expectativa muita alta."

Carnaval de jornalistas lembra cronista preso pela ditadura

Naief Haddad

SÃO PAULO Em 1º de setembro de 1977, o jornalista Lourenço Diaféria irritou a ditadura militar com sua coluna na **Folha**. O cronista iniciava o texto "Herói. Morto. Nós" elogiando um sargento que morrera depois de salvar um garoto que havia caído em um poço de ariranhas no zoológico de Brasília.

Mais adiante, vinha o trecho que, ao que tudo indica, incomodou os quartéis. "Prefiro esse sargento herói ao Duque de Caxias", escreveu Diaféria. "O Duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua", acrescentou, em referência ao monumento do patrono do Exército na praça Princesa Isabel, perto da sede da **Folha**, no centro de São Paulo.

"O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal", concluiu o cronista.

Duas semanas depois, o jornalista foi detido em sua casa e levado para um prédio da Polícia Federal, em Higienópolis. Ficou uma semana na prisão.

Geisa, viúva de Diaféria, lembra que o cronista estava triste e inconformado quando voltou para casa. "[Os militares] não entenderam a crônica", ele disse a ela.

Veja trajeto feito por jornalistas nos anos 1970 para homenagear Diaféria

Dados cartográficos Google Maps 2023

Indignados, os amigos da Redação se mobilizaram para promover um ato em solidariedade ao jornalista. Reunidos no bar do Mané, ao lado da **Folha**, decidiram fazer aquilo que chamaram de "passeata travestida de bloco".

Após algumas semanas, cerca de 50 jornalistas saíram pelas ruas do centro para homenagear o cronista. Partiram justamente da praça Princesa Isabel e seguiram pela avenida Rio Branco. Seis quadras depois, viraram à direita na avenida Ipiranga e caminharam até o bar Redondo (onde funciona hoje uma agência bancária), em frente ao Teatro de Arena.

Com aquele ato, nascia o grupo Nóis Sofre, mas Nóis Goza —não confunda com o bloco de Recife com o mesmo nome. Eles foram às ruas para unir protesto e música pelo menos mais duas vezes, mas dali em diante os colegas tomaram rumos diferentes e o grupo deixou de existir.

Boa parte daqueles amigos volta a se reunir para lembrar Diaféria, que morreu em 2008, aos 75 anos. E mais uma vez em meio à folia.

Nesta segunda-feira (20), eles promovem o que batizaram de Auê de Carnaval na praça Vladimir Herzog, no centro de São Paulo. Das 17h às 19h30, haverá marchinhas, sambas e frevos interpretados pela tradicional Banda Operária da Lapa. O evento continua em seguida com outras atrações.

Não é um bloco, diz Jorge Araújo, fotógrafo que trabalhou na **Folha** por mais de 40 anos. "A banda não vai sair com um bando de velhinhos", diz ele, um dos organizadores, em tom bem-humorado.

O Auê terá 15 estandartes que estão sendo preparados pelo artista plástico e jornalista Enio Squeff. "Nunca fui muito de Carnaval, mas me dei conta neste ano de que a maior festa popular do nosso calendário coincide com o nosso retorno à democracia", diz Squeff, que também atuou no jornal naquele período.

A organização vista agora contrasta com o nascimento tanto improvisado do Nóis Sofre. "O som vinha numa Kombi, era um trio elétrico de pobre", conta o jornalista Oswaldo Luiz Colibri Vitta sobre a primeira saída do grupo.

Segundo Colibri, a música que acompanhou a homenagem a Diaféria foi a então recém-lançada "Plataforma", de João Bosco e Aldir Blanc ("Não põe corda no meu bloco / Nem vem com teu carro-chefe / Não dá ordem ao pessoal / Não traz lema nem divisa").

"Diaféria foi o maior cronista da imprensa paulista e não existe nenhum lugar público em São Paulo, uma praça ou uma rua, com o nome dele. Não queremos que seja esquecido", diz o jornalista Sérgio Gomes, também criador do Nóis Sofre.

Ele se recorda de que o trajeto no centro paulistano feito pelos jornalistas, quando visto de cima, formava um L. "Era o L de Lourenço e de liberdade."

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

FOLIA, CHUVA E CANSAÇO

O Camarote Bar Brahma reuniu artistas como Zeca Pagodinho e Sabrina Sato no primeiro dia de Carnaval no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo, na sexta-feira (17). O sambista foi a atração musical principal do espaço.

Em conversa com a coluna, Zeca admitiu que está cansado. "Me cansa. Já foi o tempo. Passou", disse ele. O desabafo é sobre a maratona que enfrentará neste ano. Além da apresentação em São Paulo, ele desfilará em duas escolas de samba no Rio.

"[Felicidade para mim] é poder estar em casa, com os filhos, com os netos, poder estar com os meus amigos, em Xerém [na Baixada Fluminense]", completou o sambista.

Já Sabrina Sato chegou ao camarote trazendo luz —literalmente. O espaço ficou cerca de 20 minutos no escuro, em meio a uma chuva intensa que caiu no sambódromo.

"Chuva é sempre bom, porque [sabe] o que acontece? Abriu nosso Carnaval, limpou tudo. E agora a gente vai arrasar, vai ser lindo", afirmou a apresentadora antes de desfilar pela Gaviões.

O cantor Péricles, que foi assaltado na quinta (16), um dia antes da folia, não se deixou abalar pelo ocorrido e entusiasmou o público em show no camarote. "Vou botar uma pedra no assunto [o roubo], e vida que segue", disse ele.

Já no espaço VIP, o ator Oscar Magrini disse que as eleições para presidente foram fraudadas. "Que foi roubado, foi", disparou. Apoiador de Jair Bolsonaro (PL), ele endossa teses golpistas difundidas pelo ex-mandatário, mas sem apresentar provas. "Rasgaram a Constituição", afirmou.

Fotos Ronny Santos/Folhapress

1

2

3

Os cantores Zeca Pagodinho 1 e Péricles 3 se apresentaram no Camarote Bar Brahma, na sexta (17), em SP. O espaço tem Sabrina Sato 2 como musa. Os atores Flávia Alessandra 5 e Oscar Magrini 6 e a ex-BBB Thelma Assis 7 passaram por lá. O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) ao lado da esposa, Cristiane, e o prefeito Ricardo Nunes (MDB) e a mulher, Regina 4, abriram a folia

4

5

CARIOCA NO SAMBA PAULISTA

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), caminharam pelo sambódromo para a abertura oficial do Carnaval, na noite de sexta-feira (17). Assim que entraram na avenida, ouviram saudações e aplausos do público nas arquibancadas.

Quando a presença deles foi notada por um grupo maior de pessoas, aos apupos se somaram também o coro "olé, olé, olá, Lula, Lula".

Foi a primeira vez que Tarcísio, que é carioca, compareceu à festa do samba em São Paulo. Segundo o prefeito Ricardo Nunes, ele "adora" Carnaval.

Claro, ele é carioca, lembrou a coluna. "Paulista! Ele é paulista!", reagiu Nunes.

Tarcísio foi criticado na campanha por não ter nascido no estado —ele não sabia dizer sequer o nome da escola em que votaria nas eleições do ano passado.

6

7

A atriz Deborah Secco vai desfilar neste domingo (19) pela Salgueiro, no Carnaval do Rio de Janeiro Lucas Menezes/Divulgação

'O que incomoda não é a nudez, é o poder estar com a mulher', diz Deborah Secco

O Carnaval foi o primeiro palco da atriz Deborah Secco, 43. "Eu fazia o palhaço, a bailarina", diz ela à coluna. "Tenho um carinho enorme por essa época. Gosto de criar os looks e amo essa montação."

*

Neste ano, Deborah foi para Salvador na sexta (17), e desfilará pela Salgueiro, no Rio de Janeiro, neste domingo (19). A atriz também será rainha do camarote Quem, na Sapucaí.

*

Deborah se define como uma mulher livre que nunca teve problemas com a nudez. "Eu sempre achei que o meu corpo era o menos importante de mim. Expor ele ou não, nunca foi uma questão. Eu não me resumo a isso."

*

Mas a atriz afirma ter consciência de que "o planeta é extremamente machista". No ano passado, ao estrear como comentarista da SporTV na Copa do Qatar, Deborah foi alvo de ataques e críticas pelos figurinos ousados que usou no programa de TV. Segundo ela, até mesmo as pessoas que se consideram progressistas criticam a mulher que é livre. "Estamos muito atrasados", diz ela.

*

"Sabe qual é o grande problema da exposição do corpo da mulher? É que quando dava dinheiro para os homens, ninguém criticava a nudez. Quando a gente toma as rédeas e começa a lucrar e a escolher de fato o que quer, isso perturba", analisa.

*

"O que incomoda não é a nudez da mulher, é o poder que está não mão da mulher", prossegue. "Quando as mulheres estavam dançando de roupa curta, atrás do palco, ou quando estavam numa banheira pegando sabonete, ninguém falava sobre isso. Agora, quando a própria mulher decide fazer uma nudez para ela, para ganhar dinheiro para ela e para a família dela, aí...", diz.

*

"Enquanto isso [a exposição] não foi decidido por mim, feito por mim, somente por mim, nunca incomodou. Quando eu peguei o poder para mim, passei a incomodar horrores", completa.

*

Deborah afirma que é muito bem resolvida com as suas escolhas. "Há muito tempo já abri mão desse conceito de perfeição. Eu não quero agradar os outros. Quero ser feliz."

*

Na semana passada, no Baile da Vogue, a atriz causou burburinho nas redes sociais ao se fantasiar de Bruna Surfistinha, ex-garota de programa que ela interpretou em filme de 2011. Deborah recebeu críticas pela escolha do figurino, mas diz preferir focar nos elogios. "As ofensas, as críticas passam por mim sem nem fazer cosquinha. De fato eu nem vi, porque, para mim, elas nem aparecem", afirma.

com Bianka Vieira, Júlio Boll, Karina Matias, Manoella Smith e Maria Paula Giacomelli

cotidiano

Falta de análise no Supremo de ações relacionadas a indígenas gera tensão

Entidades que acompanham os casos afirmam que demora incentiva invasões e conflitos

José Marques e João Gabriel

Indígenas Waimiri-Atroari, do Amazonas, durante encontro para discutir sobre as ameaças sofridas Lalo de Almeida - 1º.set.22/ Folhapress

BRASÍLIA Apesar de atuar com protagonismo na crise dos yanomamis, a demora do STF (Supremo Tribunal Federal) em analisar temas de interesses dos indígenas tem deixado comunidades sob risco de conflitos com ruralistas, afirmam entidades que acompanham os casos.

O mais importante deles é o processo do marco temporal, que discute se a data da promulgação da Constituição de 1988 deve ser usada para definir a ocupação tradicional da terra por indígenas.

A tese do marco temporal tem aval de ruralistas e é rechaçada por indígenas. A decisão do Supremo sobre o tema incidirá em todos os processos semelhantes.

O caso só começou a ser julgado no STF em 2021, inicialmente na plataforma virtual da corte, quando o ministro Alexandre de Moraes pediu para ir ao plenário físico.

Quando a análise foi retomada, o relator do processo, Edson Fachin, refutou a tese do marco temporal. Ele disse que uma interpretação restritiva sobre os direitos fundamentais dos povos indígenas atenta contra a Constituição e contra o Estado democrático de Direito.

Kassio Nunes Marques, o segundo a votar, reafirmou o marco temporal, em um posicionamento que se alinhava aos interesses do Palácio do Planalto, sob Jair Bolsonaro (PL). Moraes, então, pediu vista (mais tempo para análise).

No primeiro semestre do ano passado, o então presidente da corte, Luiz Fux, chegou a pôr o processo novamente em pauta, mas semanas antes da votação o retirou da previsão de julgamento.

À época, o então presidente Bolsonaro vinha fazendo diversos ataques à corte afirmando que, se o voto de Fachin prosperasse, "seria o fim do agronegócio".

Ao assumir no ano passado a presidência do Supremo, Rosa Weber se comprometeu com líderes indígenas a pôr novamente o marco temporal em pauta.

No entanto, o processo não consta na relação de processos a serem julgados pela corte até o mês de julho —divulgado recentemente.

Procurado, o Supremo afirma que "a pauta do semestre é dinâmica e vai sendo alterada ao longo dos meses".

"Além disso, há várias datas sem pauta justamente para inclusão de novos temas. A presidente do STF, ministra Rosa Weber, informou que levará a julgamento o processo do marco temporal ainda em sua gestão, que termina em outubro de 2023", afirma a corte em nota.

A falta de conclusão no julgamento do STF sobre o caso é usada em diversos casos pelo país para contestar as áreas ocupadas por comunidades, o que aumenta a tensão e a possibilidade de conflitos.

A Terra Indígena Kayabi, por exemplo, teve sua primeira demarcação em 1982 e, depois, em 2013, uma nova portaria ampliou sua extensão. O estado do Mato Grosso contesta a segunda portaria afirmando, justamente, que, "em 1988, já não havia mais índios [no local] há longo tempo".

Como o marco temporal é usado como base argumentativa em ações de reintegração de posse contra indígenas, por exemplo, quanto mais tempo demora para ser julgado, outras ações que correm até mesmo em varas menores ficam pendentes de resolução ou abrem brecha para decisões desfavoráveis aos povos.

Além disso, argumenta Terena, a falta de conclusão da análise cria nos invasores dos territórios a expectativa de que o desfecho seja favorável a eles e, assim, os incentiva a já ocupar ilegalmente as áreas mesmo antes da decisão.

Enquanto isso, alguns tribunais têm aberto processo de conciliação em casos de disputa de terra, mecanismo com efeito semelhante na dinâmica dos conflitos.

Tentou-se, inclusive, que isso acontecesse no processo que definirá a questão do marco temporal, mas o ministro Fachin negou a abertura de processo de conciliação.

"Por mais que [o processo conciliatório] seja aberto de boa-fé, ele gera mais conflitos, gera cooptação de lideranças para aceitar abrir mão da terra com base em falsas promessa, gera expectativa de que área preservada vai ser reduzida ou não demarcada, e isso impulsiona para invasores entrarem no território, o que aumenta a violência", diz de Paula.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) assumiu o governo com a promessa de retomar as demarcações de terra, que não aconteceram durante a gestão de Bolsonaro. Segundo os advogados, há a expectativa de que os temas, agora, voltem a avançar no STF.

Outra ação que pode ser julgada ainda neste semestre é a que paralisou a Ferrogrão, projeto ferroviário que era defendido pelo governo Bolsonaro. O projeto pretende ligar Mato Grosso ao Pará e enfrentava resistências de ambientalistas, de lideranças indígenas e do Ministério Público.

O empreendimento foi suspenso por uma liminar de março de 2021 que questiona a alteração dos limites da Floresta Nacional do Jamanxim, no Pará, para a passagem dos trilhos.

Na Ação Direta de Inconstitucionalidade no STF, o PSOL defende que a alteração dos limites da floresta não poderia ter sido feita por conversão de MP (medida provisória) em lei e que essas modificações afetam os povos indígenas da região.

O caso foi levado à pauta da corte também no ano passado, mas não foi julgado.

Maurício Terena, advogado da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil), afirma ainda que há ações movidas pelo movimento indígena contra empreendimentos que não cumpriram a necessidade legal de consulta dos povos durante o licenciamento.

> "São casos que precisam ser julgados. Se as pessoas tiveram coragem de invadir o STF, imagina uma terra indígena com pessoas vulneráveis
>
> **Juliana de Paula**
> advogada do ISA (Instituto Socioambiental)

MPF recomenda que Pará revogue licenciamento para garimpo

Jéssica Maes

SÃO PAULO O MPF (Ministério Público Federal) no Pará emitiu na sexta (17) uma recomendação para que o licenciamento ambiental para garimpo de ouro não possa ser concedido por prefeituras. Hoje, o Pará é o único estado da Amazônia em que essa tarefa foi atribuída aos entes municipais.

O MPF argumenta que a legislação determina que as prefeituras só podem promover o licenciamento de empreendimentos "que causem ou possam causar impacto ambiental de âmbito local", mas o dano causado pelo garimpo é extenso demais e atinge bacias inteiras. Assim, a Procuradoria defende que a condução desse processo em nível local é inconstitucional.

O Pará delegou esse papel aos entes municipais em 2015, por meio de uma resolução do Conselho Estadual do Meio Ambiente que enquadrou como "impacto local" lavras garimpeiras de até 500 hectares.

No entanto, em resposta a um ofício do MPF de 2022, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade teria informado que não há pareceres técnicos ou jurídicos que tenham fundamentado a decisão.

A Procuradoria aponta, ainda, que, por serem o elo mais fraco dos entes federativos, as prefeituras estão mais sujeitas a pressões de empresários da mineração.

A decisão foi baseada em uma nota técnica elaborada pelo ISA (Instituto Socioambiental) e pelo WWF Brasil a pedido do MPF.

O pedido foi motivado por um inquérito aberto no ano passado, depois que as águas de Alter do Chão (PA) ficaram barrentas devido à lama que vinha dos garimpos na bacia do rio Tapajós. Na ocasião, os empreendimentos que geraram os rejeitos estavam a mais de 350 km de distância.

"Essa nota técnica veio corroborar alguns argumentos que nós já tínhamos: que os impactos causados pelo garimpo legal e ilegal são extensivos e não se resumem a uma localidade", afirma Paulo de Tarso, procurador da República no Pará. Ele acrescenta que hoje o garimpo é essencialmente mecanizado, usando equipamentos com potencial de causar dano ambiental.

O parecer do ISA e do WWF ressalta que, dependendo da sua localização e da vazão dos cursos d'água, os impactos do garimpo de ouro podem ser microrregionais ou regionais. No caso do impacto microrregional, a competência para o licenciamento seria estadual, e no caso do impacto regional, a incumbência seria federal.

O procurador afirma, ainda, que foi constatado que as secretarias municipais não têm aparato para fazer o licenciamento adequado. "Mesmo as licenças expedidas não são fiscalizadas, não há incursões em campo ou compensações ambientais. Não há nada que, efetivamente, resguarde o meio ambiente."

Gustavo Geiser, perito criminal federal, explica que a legislação define o impacto aceito para cada atividade e o papel do licenciamento é avaliar se o empreendimento se adequa a esses limites.

"No caso do garimpo, os rejeitos vão além da esfera do município. Quando o impacto vai além dos limites do município, não cabe ao município licenciar", afirma.

Ele exemplifica essa fragilidade com a paraense de Itaituba. "Itaituba vive de garimpo. Aí a prefeitura vai restringir as licenças de garimpo? Fica um pouco frágil a prefeitura restringir a principal fonte de renda do município."

De acordo com a nota técnica, Itaituba teve 772 permissões de lavra garimpeira autorizadas entre 1990 e 2021, concentrando 41% das autorizações concedidas pela Agência Nacional de Mineração.

A expectativa do MPF é de que a decisão que atribuiu o licenciamento aos municípios seja anulada.

"O que se espera é a revogação imediata, pelo estado do Pará, da municipalização do licenciamento da atividade", diz Mauricio Guetta, assessor jurídico do ISA.

Além de requisitar que o estado do Pará revogue a decisão, o MPF também pede que os órgãos fiscalizadores e as forças de segurança não reconheçam licenças para garimpo de ouro concedidas por municípios.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Ela tinha elegância à altura de uma rainha

RENATA DA CUNHA BUENO MELLÃO (1926-2023)

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO Renata da Cunha Bueno Mellão teve 96 anos de vida, que deixaram uma marca na sociedade paulista.

Nascida na capital, era conhecida pelos bons modos e pela maestria para recepções, ao ponto de hospedar a rainha Elizabeth 2ª durante sua visita ao Brasil em novembro de 1968.

A base da família era o comércio de café. Quando se casou, passou a ajudar o marido, que atuava no Porto de Santos, no litoral de São Paulo, negociando sacas de café.

"O que ela fazia era colaborar com ele no meio financeiro", diz a filha, Renata Mellão. "Ela que iluminava o caminho do marido porque falava muitas línguas e ele tinha muitos contatos no exterior. Depois da guerra, começaram a ter mais poder financeiro e também político porque meu tio era o governador Abreu Sodré [1967-1971]. A mulher dele era irmã do meu pai."

Em sua visita ao Brasil em 1968, a rainha Elizabeth 2ª passou por algumas cidades durante 11 dias. A única não capital onde ela esteve foi Campinas, no interior paulista. E coube a Renata da Cunha Bueno Mellão recepcionar a rainha, na fazenda da família no município.

"Ela recebeu a rainha da Inglaterra em Campinas. Ela dormiu na fazenda da família e minha mãe que fez todo o cerimonial. Minha mãe era muito educada, da forma antiga, europeia. Era uma lady", afirma a filha.

"Ela era muito bonita e muito elegante. Era uma elegância nos gestos, nos movimentos, na postura. Ela podia estar vestida com qualquer coisa, mas tinha uma postura incrível e recebia muito bem. Sabia tudo sobre etiqueta, cerimonial. Tinha esse conhecimento de muitas viagens, estadias fora do Brasil."

Renata da Cunha Bueno Mellão morreu no dia 4 de fevereiro, no Hospital Sírio-Libanês, por falência de múltiplos órgãos. Deixou os filhos Renata, Maria Eudóxia e Eduardo, sete netos e diversos bisnetos.

7º DIA

José Antonio Espósito - hoje - 9h, paróquia São Gabriel Arcanjo, Av. São Gabriel, 108, Jd. Paulista

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

Maçã?!

Só quem nunca chupou manga pode acreditar em meritocracia

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"

Num mundo em que a maçã é rainha, só quem nunca chupou manga pode acreditar em meritocracia. Gente: qual o critério? Imagina se Deus baixa pra uma pessoa que já chupou uma manga e pergunta: "Olá. Sou Deus. Não se assuste. Tenho uma enquete. Qual fruta deve servir como paradigma? Qual deve constar no Jardim de Éden, na Branca de Neve, na história de Guilherme Tell? Qual, em francês, deve carregar o próprio nome das frutas, 'pomme', a ponto de batata ser 'pomme de terre'?".

Maçã?! Sério mesmo?! Esta concorrência, obviamente, estava viciada. Ou Deus só perguntou pra europeu. O que não seria nenhuma novidade. Tem que ver isso aí. Quero ver a luta "decolonial" chegar na maçã. Não a ponto de cancelar a maçã, proibir a maçã. Ela tem sua função, ó pobre, esquálido e frígido pomo da terra. Mas deve ir pro fim da fila. Leva de 7 x 1 da manga. Nem entra na liga do caqui. Até mesmo de sua prima europeia, a pera, ela toma uma surra. (A pera é uma maçã que goza, gostoso, com suas coxas grossas).

Não à toa o gênio Millôr Fernandes escreveu em "A Verdadeira História do Paraíso" um texto sobre a maravilha que seria o sexo caso a serpente tivesse oferecido à Eva uma manga, não uma maçã. Aí, Mauricio de Sousa: cadê as ameixas da Turma da Mônica? Os cajus? As nectarinas?

Meritocracia my ass, cabrones. E aqui uso duas expressões que só chegaram a nós não pela meritocracia, mas pela superioridade econômica e bélica dos Estados Unidos. O "cabrón" do México nos chega via EUA assim como as notícias de uma guerra no Oriente Médio nos chegam por um repórter em Londres. Veja: eu não quero soar clichê como um dirigente do DCE de ciências sociais, eu só quero comer (e pensar) melhor. (Se bem que, pensando bem, o dirigente do DCE tá certo em muitos pontos).

Outro fruto do lobby e do poderio econômico: o frango. Certamente, se houvesse um concurso gastronômico para definir a ave mais insossa para consumo humano, o frango ganharia. Como pode competir com o pato? A codorna? O peru? Fora todas as outras aves de caça a que não temos mais acesso como o faisão, o jacu, a perdiz.

A galinha venceu por ser a mais prática de se produzir em escala. Existem hoje uns 25 bilhões de galinhas no mundo. O suficiente para que cada ser humano tenha uma alimentação sem graça por quase duas semanas. Dá maçã de sobremesa e teremos uma dieta perfeitamente equilibrada —na chatice.

Fui longe na gastronomia, mas os exemplos estão por todo lado. Vi um doc sobre uma suposta gênia norte americana chamada Fran Lebowitz. Disseram que era uma velha mal-humorada hilária. Ela até tem suas tiradas. Mas meia hora de Rita Lee deixa a véia no chinelo. Um parágrafo da Barbara Gancia e acabou pra Fran. Sem falar que ela finge que Manhattan é um lugar violentíssimo e aterrorizante no qual ela sobrevive feito uma Charles Bronson da literatura. Vamos mandar pra ela uns livros do Paulo Lins e do Geovani Martins e ver o que eles realmente fizeram com a linguagem?

Não queria soar ufanitsta, mas... Fran: vai ver as vitórias-régias —ou um tiroteio.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Giovana Madalosso** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Tarcísio obriga bares a treinarem funcionários contra assédio

Francisco Lima Neto

SÃO PAULO O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) sancionou na última sexta-feira (17) o projeto de lei 370/21, que obriga bares, restaurantes, boates, casas noturnas, entre outros, a promoverem anualmente a capacitação de todos os funcionários para identificar e combater o assédio sexual e a cultura do estupro praticados contra mulheres. A decisão foi publicada no Diário Oficial do Estado deste sábado (18).

Essa é a segunda medida tomada pelo governador envolvendo a segurança do público feminino. No último dia 4, foi publicada a lei nº 17.621/2023 que já obrigava os mesmos estabelecimentos a adotarem medidas de auxílio às frequentadoras que se sintam em situação de risco.

"A proteção e a garantia dos direitos das mulheres são prioridades da nossa gestão. A nova lei vem para complementar as ações de amparo e acolhimento às vítimas de violência no estado", disse o governador, em nota enviada pelo Palácio dos Bandeirantes.

A nova lei —que entra em vigor em 60 dias— determina que, além da capacitação, os estabelecimentos deverão fixar aviso em local de fácil visualização com a indicação do funcionário ou funcionária responsável pelo atendimento e proteção à mulher.

A regulamentação será feita pela Secretaria de Políticas para a Mulher e deve definir como será o treinamento.

Em caso de descumprimento da lei, os estabelecimentos podem sofrer sanções, como multas e até a cassação do alvará de funcionamento.

Gazebos de camping são usados por turistas na praia de Martim de Sá, em Caraguatatuba Zanone Fraissat/Folhapress

Tendas de camping concorrem com guarda-sóis em praias de São Paulo

Prática tem ganhado cada vez mais adeptos por causa da possibilidade de abrigar mais pessoas debaixo da mesma sombra na areia

FOLHA VERÃO

Mariana Zylberkan

CARAGUATATUBA (SP) Em um dia de sol da primeira quinzena de janeiro, os guarda-sóis dividiam espaço com gazebos de lona na curta faixa de areia da praia de Martim de Sá, em Caraguatatuba, no litoral norte de São Paulo. Dessa forma, famílias inteiras se protegiam do sol e a mesma sombra ainda abrigava cadeiras e caixas térmicas com bebidas.

O item, comum em áreas de camping para proteger as barracas da chuva e do sol, virou moda no litoral paulista por causa da capacidade de reunir um maior número de pessoas devido à base de seis metros quadrados, em média.

A estratégia foi usada pela família do comerciante Osvaldo Roberto Padovan, 60. "Chego cedo para pegar o melhor lugar e montar a barraca", diz ele, que costuma hospedar cerca de dez parentes e amigos em seu apartamento no balneário durante o verão.

Apesar de ser um item grande e pesado —cinco quilos, em média—, o gazebo é considerado pelo banhista melhor alternativa ao guarda-sol, que não abriga mais do que três pessoas ao mesmo tempo.

A estrutura custa, em média, de R$ 300 a R$ 500 e é vendida em lojas de departamento e de itens esportivos. Para fixar na areia, são usadas estacas e elásticos, assim como nas barracas de camping.

Debaixo da tenda, o grupo conseguiu juntar 12 pessoas sentadas, além de uma mesa acoplada a uma caixa térmica com bebidas. A família comemorava poder usar o item novamente após dois anos guardado por causa da pandemia de Covid-19, que impediu as aglomerações à beira-mar.

Assim como a família do comerciante, outros grupos de turistas tiveram a mesma ideia e, em um curto trecho de areia, cerca de seis tendas disputavam espaço na areia de Martim de Sá.

> "Chego cedo [à praia] para pegar o melhor lugar e montar a barraca
>
> **Roberto Padovan**
> comerciante

Desde o início da alta temporada, em dezembro, a Prefeitura de Caraguatatuba afirma ter intensificado a fiscalização para impedir a montagem de estruturas fixas nas praias, como tendas. As ações, porém, são voltadas a comerciantes que cometem a irregularidade para vender bebidas.

O mesmo tipo de fiscalização é feito pela cidade vizinha de São Sebastião, onde os gazebos de camping também passaram a fazer parte do cenário das praias com mais frequência nesta alta temporada.

Alguns quiosques de praia imitam destinos turísticos do Nordeste brasileiro e, em vez das estruturas de ferro com lonas, usam pedaços de madeira com panos coloridos amarrados para atrair os clientes em busca de um refresco do sol.

Para não infringir o código de posturas da prefeitura, os banhistas têm que desmontar os gazebos após o fim do dia na praia e remontá-los na manhã seguinte. É proibido também nessas cidades usar cadeiras e guarda-sóis desocupados para reservar espaço à espera de clientes.

Segundo a rede de lojas de itens esportivos Decathlon, houve aumento das vendas dos gazebos de camping neste verão em comparação com a estação no ano passado, quando a pandemia de Covid ainda impediu turistas de aproveitarem os dias de sol. Não foi informado o crescimento.

A empresa também afirmou que as vendas de demais itens de camping, como barracas familiares, mobiliário e acessórios de camping tiveram um aumento surpreendente neste verão.

Ilhabela e Riviera de São Lourenço cobram estacionamento rotativo na alta temporada

BERTIOGA (SP) Destinos concorridos do litoral paulista no verão, como Ilhabela e Riviera de São Lourenço, em Bertioga, estabeleceram a cobrança de estacionamento rotativo durante a alta temporada.

As taxas são cobradas para parar em vagas próximas às praias ou nos locais de atrações disputadas, como o centro de Ilhabela, que atrai os turistas por reunir bares, restaurantes e lojas.

No caso da Riviera de São Lourenço, as cobranças se estendem por vários quarteirões próximos da praia, o que tem irritado os moradores que usavam as vagas na rua para estacionar carros de visitantes durante a alta temporada.

A maioria dos prédios da região dispõe de apenas uma vaga de garagem.

Para estacionar na zona verde, na Riviera, é cobrado R$ 6 por uma hora e R$ 30 o período de seis horas, não renováveis. A cobrança teve início em dezembro e vai até o dia 27.

Funcionários da prefeitura ficam posicionados nas áreas de cobrança com tablets para ajudar os turistas a efetuarem o pagamento.

Há também um aplicativo que permite fazer as transações online.

Estacionamento rotativo na Riviera de São Lourenço, em Bertioga Zanone Fraissat/Folhapress

A sanção para quem não pagar é multa e guinchamento do carro. De acordo com a administração, nenhum veículo havia sido guinchado por esse motivo até a primeira quinzena do mês passado.

Em Ilhabela, o valor cobrado é de R$ 3 por hora e cada vaga pode ser ocupada por até quatro horas seguidas, entre 15h e 23h59. O cartão pode ser comprado em estabelecimentos comerciais do centro histórico da cidade.

A medida vale até o dia 31 de março, porém está suspensa durante este Carnaval, entre a última sexta (17) e a próxima terça-feira (21). **M.Z.**

A ministra do Meio Ambiente e das Mudanças Climáticas, Marina Silva, durante entrevista Gabriela Biló - 12.jan.23/Folhapress

Governo restaura composição de conselho do meio ambiente

Conama passa a ter 114 membros; há representantes das Forças Armadas e de todos os ministérios

Jéssica Maes

SÃO PAULO Um decreto publicado nesta sexta-feira (17) no Diário Oficial da União reestrutura o Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente). A composição do órgão tinha sido desidratada na gestão de Jair Bolsonaro (PL), que reduziu o número de integrantes com direito a voto de 96 para 23 e diminuiu a participação da sociedade civil.

O colegiado é formado por integrantes do poder público e também por nomes da sociedade civil. O grupo tem a responsabilidade de elaborar as políticas públicas a serem implementadas pelo MMA (Ministério do Meio Ambiente e das Mudanças Climáticas).

De acordo com o texto assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o conselho agora terá 114 membros. Entre eles, estão representantes de todos os ministérios, Forças Armadas e governos estaduais, além do Distrito Federal.

Também fazem parte da plenária integrantes da Presidência, de órgãos municipais, de entidades ambientalistas, trabalhistas, indígenas, empresariais e de diferentes setores produtivos.

Além destes, há, ainda, conselheiros convidados, do Ministério Público e do Congresso, que não têm direito a voto. Os nomes que ocuparão as cadeiras ainda não foram anunciados, mas o colegiado é presidido por quem chefia o MMA —neste caso, a ministra Marina Silva.

O decreto também cria, pela primeira vez, uma câmara técnica dedicada exclusivamente a assuntos relacionados às mudanças climáticas. Também estabelece que o conselho garantirá diversidade de raça e gênero entre seus membros.

> Há áreas da política ambiental em que os normativos estão concentrados em resoluções do Conama, como licenciamento ambiental e o controle da emissão de veículos automotores
>
> **Suely Araújo**
> especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima

Criado em 1981, o Conama é o principal órgão consultivo do MMA e tem também poder deliberativo.

"As resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente valem como se fossem lei", explica Suely Araújo, especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima, rede de organizações socioambientais.

"Há áreas da política ambiental em que os normativos estão concentrados em resoluções do Conama, como licenciamento ambiental e o controle da emissão de veículos automotores."

A atuação do órgão ao longo do governo Bolsonaro sofreu questionamentos. Em dezembro de 2021, o STF (Supremo Tribunal Federal) anulou uma decisão de 2020 do Conama, à época presidido pelo ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, que revogou normas de proteção a restingas e mangues. A mudança beneficiava empreendimentos imobiliários próximos a praias, conhecidos como "pé na areia".

Poucos dias depois, as atividades do colegiado foram suspensas, quando a ministra do STF (Supremo Tribunal Federal) Rosa Weber derrubou o decreto que cortou cadeiras para entidades civis e deu mais poder ao governo federal.

Além disso, no governo Bolsonaro, as ONGs que participavam do Conama eram escolhidas por sorteio, diferentemente do processo eleitoral que acontecia até então. "Isso agora caiu e volta a eleição", diz Araújo.

Ainda assim, as entidades sustentam que falta paridade no conselho —das 114 cadeiras, apenas 22 são para representantes civis.

Araújo explica que o governo Lula comunicou a algumas organizações que pretende colocar em discussão a representatividade da composição do Conama no âmbito do próprio colegiado.

"Esse é um debate necessário, mas o mais importante é que o Conama passe a funcionar de novo. Ele não pode ficar parado. É um conselho muito importante para o dia a dia da política nacional de meio ambiente", ressalta a especialista do Observatório do Clima.

ciência

Portão dos Leões no muro de pedra da cidade de Hattusa, a capital do Império Hitita, hoje Turquia Benjamin Anderson/Reuters

Secas deram fim ao Império Hitita na Idade do Bronze

Estudo ajuda a esclarecer o colapso de Estados poderosos do Mediterrâneo

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Uma sucessão de secas devastadoras pode estar por trás do colapso de uma das superpotências da Idade do Bronze, o Império Hitita, que dominava boa parte das atuais Turquia e Síria há mais de 3.000 anos.

A conclusão vem de um estudo que usou a madeira de árvores antigas como uma espécie de calendário climático daquela época, registrando as flutuações das chuvas praticamente ano a ano.

Os novos dados sobre a derrocada dos hititas são importantes para entender não apenas o fim dessa civilização como também o colapso de vários Estados poderosos que existiam no Mediterrâneo no fim da Idade do Bronze.

Nessa época, uma onda de destruição varreu os palácios dos reis micênicos na Grécia, a cidadela que os gregos chamavam de Troia, no litoral turco (pelo que se sabe, uma área independente do Império Hitita), e diversas cidades-Estado nos atuais territórios de Israel e da Palestina. Vários fatores parecem ter contribuído para esse colapso generalizado, mas o clima pode ter sido um dos elementos importantes em diversos lugares.

O novo estudo sobre os hititas acaba de sair no periódico especializado Nature. Nele, a equipe coordenada por Sturt Manning, da Universidade Cornell (EUA), propõe que todo o século 13 a.C. foi afetado por condições cada vez mais áridas na chamada Anatólia central, região da Turquia que era o coração do Império Hitita.

Essa fase de condições climáticas desfavoráveis teria culminado com três anos de seca duríssima, os quais, segundo os pesquisadores, provavelmente correspondem ao período entre 1198 a.C. e 1196 a.C. no nosso calendário. As datas são muito próximas da estimativa para o momento em que a capital hitita, a poderosa cidade de Hattusa, parece ter sido evacuada e abandonada pelo que restou da administração do império. Algum tempo depois, os prédios foram incendiados.

"Três anos consecutivos de secas [dessa magnitude] são muito incomuns —nada desse tipo tinha acontecido antes ou depois num intervalo de mais de um século", disse Manning à **Folha**.

"Estamos falando de um episódio muito específico que as pessoas, e especialmente a elite governante, o Grande Rei e sua burocracia não conseguiram enfrentar nesse intervalo de tempo relativamente curto", explica ele. Seria algo como a última gota d'água (ou a falta dela) para um sistema imperial já relativamente fragilizado no longo prazo.

> Três anos consecutivos de secas [dessa magnitude] são muito incomuns —nada desse tipo tinha acontecido antes ou depois num intervalo de mais de um século
>
> **Sturt Manning**
> coordenador do estudo

"Um ano de seca intensa afetando uma área grande pode destruir vidas, mesmo no mundo moderno. Dois anos contínuos costumam destruir as estratégias de resiliência a longo prazo, fazendo com que, por exemplo, não seja mais possível alimentar animais domésticos nas fazendas. Um terceiro ano consecutivo é muito raro e muito sério", argumenta Manning.

"No mundo pré-moderno, acabaria minando a autoridade [do rei], tanto pela incapacidade de coletar impostos e alimentar o Exército quanto também do ponto de vista simbólico: claramente os deuses abandonaram e rejeitaram os governantes."

Antes dessa crise final, os hititas tinham conquistado um lugar de destaque entre as grandes potências do Mediterrâneo e do Oriente Médio durante séculos. Guerreavam e mantinham ligações diplomáticas com a Assíria, a Babilônia e o Egito.

Contra este último reino, travaram uma das batalhas mais importantes do mundo antigo em 1274 a.C. na localidade de Kadesh, perto da atual fronteira entre a Síria e o Líbano. O combate, liderado pelo faraó Ramsés 2º do lado egípcio e pelo rei Muwatalli 2º do lado hitita, envolveu milhares de soldados montados em carros de guerra puxados por cavalos e terminou numa espécie de empate.

Para estabelecer uma cronologia precisa para as variações do clima na região, os pesquisadores analisaram a madeira usada num monumento funerário gigantesco construído na antiga localidade de Górdion, que fica a 230 km da capital hitita.

Embora tenha sido erigido séculos depois do fim do império, o monumento usou madeira de juníperos centenários, cuja estrutura corresponde a um calendário que se inicia por volta de 1800 a.C.

Fazer essa inferência é possível porque as árvores se desenvolvem formando anéis de crescimento no interior de seu tronco, cada um deles correspondente a um ano de vida da planta. Em períodos de clima favorável, tais anéis são grossos, enquanto a falta d'água faz com que eles afinem —nos piores cenários, ficando com menos de um milímetro de largura.

Além disso, os especialistas usaram métodos para datar a madeira com precisão e também para investigar a presença de diferentes formas do elemento químico carbono em sua composição, as quais também trazem pistas sobre épocas de mais ou menos seca. Tudo isso levou à estimativa das datas, que batem com outros registros do fim da Idade do Bronze.

Manning, porém, diz que é preciso cuidado na hora de atribuir a queda de outros Estados da época ao mesmo período seco. "Cada área é diferente", lembra ele. Cidades que desapareceram na costa da Síria, como Ugarit, provavelmente tinham condições climáticas bem diferentes, lembra ele. Por outro lado, é possível que a Grécia, as regiões adjacentes do mar Egeu e também a Itália estivessem sofrendo com secas parecidas.

Se o fenômeno foi mais generalizado, ele pode explicar outro elemento que os textos da época mencionam, sem grandes detalhes: os ataques dos chamados Povos do Mar, grupos que talvez tenham vindo da Sardenha, da Sicília e da própria Grécia e chegaram, por exemplo, ao Egito e ao litoral do Oriente Médio. Esses grupos podem ter sido uma mistura de piratas com refugiados. "De maneira geral, o retrato do fim da Idade do Bronze é complicado", resume Manning.

Antártida tem degelo marinho recorde, mesmo antes do fim do verão

PLANETA EM TRANSE

Jéssica Maes

SÃO PAULO O degelo no mar antártico atingiu um novo recorde, de acordo com cientistas do National Snow and Ice Data Center, da Universidade de Colorado Boulder (EUA). No último dia 13, a extensão do gelo marinho na Antártida caiu para 1,91 milhão de km², ficando abaixo do recorde anterior de 1,92 milhão de km², estabelecido em 25 de fevereiro do ano passado.

Como o mínimo anual costuma ocorrer entre 18 de fevereiro e 3 de março, espera-se que esse índice caia ainda mais em 2023.

Os pesquisadores apontam que, desde o começo do verão, os níveis de gelo têm ficado bem abaixo da média e dos recordes do ano passado. O ar quente fez com que o gelo derretesse quase completamente tanto na porção sudoeste quanto no leste da costa.

Os cientistas também pontuam que a extensão do gelo do mar antártico tem sido altamente variável ao longo dos últimos anos. Ainda que 2022 e 2023 tenham tido uma extensão mínima recorde, quatro dos cinco menores níveis de degelo ocorreram nos últimos 15 anos.

Ainda assim, o declínio acentuado na extensão do gelo marinho desde 2016 tem sido o foco de pesquisas que investigam se a perda de gelo marinho no hemisfério Sul está desenvolvendo uma tendência de queda significativa.

Em outra frente, dois estudos publicados na revista Nature analisam a integridade da geleira Thwaites, apelidada de "geleira do fim do mundo".

Essa massa de gelo tem tamanho equivalente à Grã-Bretanha e tem ficado cada vez mais instável. Se derreter, tem o potencial de elevar —sozinha— em até 65 cm o nível do mar. Desde a revolução industrial, o mar elevou-se cerca de 18 cm.

Os pesquisadores descobriram que as taxas de derretimento na base da geleira vão de 2 a 5,4 metros ao ano, muito menos que os 14 a 32 metros estimados por modelos matemáticos.

O projeto Planeta em Transe é apoiado pela Open Society Foundations.

Armas secretas de quatro patas

Animais são os responsáveis por poderio militar e econômico do Velho Mundo

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de '1499: O Brasil Antes de Cabral'

Nesta coluna, como os que me leem bem sabem, a gente não tem medo das questões fundamentais sobre a vida, o Universo e tudo o mais. Por exemplo: quando as civilizações do planeta estavam começando a se desenvolver, qual foi o elemento mais crucial para a trajetória futura delas em termos comparativos? Trocando em miúdos, qual foi o "ingrediente secreto" que fez com que os povos do Velho Mundo acabassem se tornando mais poderosos que os do Novo Mundo do ponto de vista militar e econômico? Minha imaginação hiperativa consegue até visualizar as possíveis respostas na cabeça de vocês: Revolução Científica? Pólvora? Navios a vela? Metalurgia do ferro?

Tudo isso teve algum impacto, não há dúvida, mas nada me tira da cabeça que a resposta mais precisa envolve algo muito mais básico. Vacas, porcos e cavalos, entre outros mamíferos domésticos de grande porte, foram o verdadeiro fiel da balança no confronto civilizacional.

De fato, uma coisa que deveria saltar aos olhos de qualquer um que analisa as vidas paralelas das sociedades do Velho e do Novo Mundo é o fato de que só duas espécies de mamíferos de grande porte foram domesticadas do lado de cá do oceano. ("Mamíferos de grande porte" costumam ser definidos, de forma um tanto arbitrária, como os que pesam 50 kg ou mais.) Ambas essas espécies domésticas americanas, as lhamas (Lama glama) e as alpacas (Lama pacos), são bichos de parentesco próximo entre si, do grupo dos camelos e nativos de um ambiente sul-americano bastante específico, os Andes.

A comparação com a Eurásia chega a ser covardia —só com as espécies de camelos (duas) já há um empate com as Américas. Mas não há razão para imaginar que, por algum motivo, os indígenas eram menos hábeis no processo de domesticação de animais do que os asiáticos e europeus. O problema por aqui era falta de matéria-prima.

Até o fim da Era do Gelo, por exemplo, a América do Sul tinha tantos mamíferos de grande porte quanto o Velho Mundo. Havia bandos de cavalos, lhamas, parentes dos elefantes e preguiças-gigantes em todo o Brasil. Por razões que ainda são muito discutidas, esses animais desapareceram 10 mil anos atrás. Os poucos animais grandes que sobraram eram, em geral, solitários e noturnos —domesticar uma anta ou um cervo-do-pantanal, por exemplo, não faz muito sentido porque não dá para criar rebanhos deles.

No Velho Mundo, foi a convivência próxima dos criadores de animais com seus bichos que gestou quase todas as doenças infecciosas mais devastadoras —sarampo, varíola, gripe e por aí vai, que surgiram como zoonoses (doenças transmitidas de animais para humanos). Após milênios, as populações da Eurásia desenvolveram algum grau de resistência a essas doenças —uma resistência que simplesmente inexistia nas Américas. Portanto, a maior causa de morte dos indígenas após 1500, as moléstias infecciosas, é resultado direto da domesticação de animais.

Puxando arados, carroças ou simplesmente emprestando o próprio lombo, os animais domésticos da Eurásia multiplicaram tremendamente a capacidade de seus donos de produzir alimentos e transportar bens por longas distâncias. No caso dos cavalos, viraram os tanques de guerra pré-modernos.

Tudo isso produziu sociedades mais conectadas, ricas e capazes de guerrear em larga escala do que as que surgiram nas Américas. Vale ressaltar, mais uma vez: tudo isso se deu por puro acidente biogeográfico. Sem as extinções de mamíferos americanos, as coisas poderiam ter sido muito diferentes. A "superioridade" europeia é uma miragem pintada pela sorte.

EVENTOS AO VIVO | 11h Manchester U. x Leicester Inglês, ESPN/STAR+ | 18h30 Corinthians x Mirassol Paulista, TNT/HBO MAX/ESTÁDIO TNT | 21h30 All-Star Game NBA, ESPN 2/STAR+

Dupla de Hollywood dá nova perspectiva a clube britânico

Ator de 'Deadpool' e criador de série americana são donos do galês Wrexham

Alex Sabino

SÃO PAULO Quando um escritório de advogados informou a Wrexham Supporters Trust (Associação de Torcedores do Wrexham, em inglês) do interesse de dois empresários em comprar o clube, a especulação começou: quem seriam? “Nossa esperança era que fosse alguém com dinheiro e um projeto de verdade”, diz o presidente do grupo, Barry Jones.

Faltou acrescentar que eles eram também astros de cinema. Por cerca de US$ 3,5 milhões (R$ 18,2 milhões, na cotação atual), o terceiro time profissional de futebol mais antigo do mundo, fundado em 1886, foi vendido para os atores Ryan Reynolds e Rob McElhenney em 2021.

O canadense Reynolds ficou conhecido mundialmente pelo filme “Deadpool” e recebe por longa-metragem que participa cerca de US$ 10 milhões. (R$ 52 milhões). O norte-americano McElhenney é o criador da série “It's Always Sunny in Philadelphia”. No ano passado, ele recebeu US$ 50 milhões (R$ 260 milhões) pelos direitos do projeto e por ter atuado nele.

A compra do Wrexham foi aprovada por 98,5% dos sócios da associação, que era dona da agremiação desde que, há cerca de 20 anos, conseguiu reunir 100 mil libras esterlinas (R$ 624 mil hoje em dia) para evitar que o clube fosse à falência.

“Nós colocamos a comunidade em primeiro lugar. Sempre buscamos o conselho das pessoas que conhecem o clube e pensamos se é o melhor para a comunidade. Queremos criar uma fórmula que seja vencedora”, afirmou McElhenney à rede BBC.

“Eles realmente têm feito isso. Wrexham está no mapa do futebol. Temos recebido visitantes do mundo todo”, concordou Jones.

Apesar de pagar salários para os jogadores e ter recebido dos proprietários famosos um investimento inédito para o torneio de que participa, o Wrexham não está em uma liga considerada profissional. Na pirâmide do futebol inglês, existem a Premier League, a Championship, a League One e a League Two. O que vem abaixo disso é considerado amador.

É o caso da quinta divisão, a National League, da qual o Wrexham é vice-líder. Subir para a League Two, profissional, mudaria o patamar técnico e financeiro.

Não está claro por que a dupla de astros de cinema e TV de dois países sem tradição no futebol decidiu comprar um time de torneio semiprofissional. Apesar de ser galês, o Wrexham está na pirâmide da liga nacional inglesa.

Havia o interesse cinematográfico, claro. A presença dos dois ensejou a produção do documentário em série “Welcome to Wrexham”, disponível no Brasil no Disney+.

Os episódios retratam a experiência de Reynolds e de McElhenney como dirigentes e as desventuras da equipe na tentativa frustrada de acesso à quarta divisão em 2022. Mas a presença deles mudou a perspectiva da equipe.

Ela foi incluída no Fifa 22. Foi a primeira não profissional da história do jogo.

Isso em si é um feito para um clube antigo, mas sem conquistas de expressão. Sua maior glória foi ter sido campeão 23 vezes da Copa de Gales. Em 1992, na Copa da Inglaterra, causou uma das maiores zebras da história da competição ao derrotar o então campeão nacional, Arsenal, por 2 a 1. Na Recopa europeia, bateu o Porto por 1 a 0.

A região em torno do estádio Racecourse Ground, fundado em 1807, foi considerada pelo governo como a terceira mais pobre do país. Os atores compraram o terreno para fazer melhorias também para a comunidade.

Nesta temporada, McElhenney teve um gosto do que representa ser dono de um time modesto e viver a roda-gigante que é o futebol. O Wrexham recebeu o Sheffield United, da terceira divisão, pela Copa da Inglaterra, e esteve a segundos da classificação às oitavas de final. Levou o empate e depois perdeu na partida extra.

O duelo foi exibido pela BBC para todo o Reino Unido. A cabine de transmissão para o pós-jogo foi armada ao lado da barraca de hambúrguer.

Em caso de acesso, os donos prometeram prêmio de cerca de US$ 400 mil (cerca de R$ 2 milhões), a ser dividido pelo elenco. Jogadores de divisões superiores aceitam propostas do Wrexham por causa dos bons salários e da atenção dada ao clube pela mídia. Marcas globais como a rede social Tik Tok se tornaram patrocinadoras.

A média de público dos jogos é de 10 mil pessoas. “Mais de 25 mil camisas foram vendidas no último ano. Isso é incrível!”, espantou-se Barry Jones.

É uma atenção que a cidade de 61 mil habitantes, que teve seu auge com as minas de carvão e produção de aço, desacostumou-se a ter. E o inesperado é que tenha chegado por causa de dupla de atores que, em circunstâncias normais, jamais pisaria em Wrexham.

“Vamos ser os melhores que pudermos ser e subir de divisão”, afirmou Les Reed, chefe de desenvolvimento.

O ator Ryan Reynolds vibra em partida do Wrexham na Copa da Inglaterra Oli Scarff - 29.jan.23/AFP

Guichê sem saída

Não há solução 100% para a jogatina em torno do esporte; apenas medidas paliativas

Juca Kfouri

Jornalista e autor de “Confesso que Perdi”. É formado em ciências sociais pela USP

Escândalos explodem pelo mundo afora em torno das casas de apostas esportivas. Sim, esportivas, não apenas no futebol. Houve casos descobertos no tênis e sabe-se lá quantos encobertos em outros esportes de menor visibilidade.

Faz parte do gênero humano a busca pelo dinheiro fácil, e corruptores e corruptos estão aí para comprovar.

Regulamentar a entrada e a saída do ervanário movimentado pelas dezenas de “bets” que infestaram o ambiente nacional é de obviedade tamanha que custa crer que ainda não tenha sido feito, porque, ao menos, é meio de conter parte da lavanderia de dinheiro e reverter em impostos para as carências brasileiras.

Apenas não resolve o essencial: a lisura, ou a imagem de decência, das competições.

No caso investigado na Série B do Brasileiro, fica claro como é impossível evitar a manipulação de resultados e o andamento dos jogos.

Um apostador investiu na ocorrência de três pênaltis em três jogos diferentes, todos no primeiro tempo, e comprou três zagueiros para cometê-los.

Dois cumpriram depois de terem recebido R$ 10 mil de adiantamento, mas ficaram sem os restantes prometidos R$ 140 mil porque o terceiro escolhido para a canalhice não foi escalado pelo treinador e, embora ele tenha tentado convencer um companheiro a cometer a penalidade, o plano falhou.

Tivesse dado certo, descontados os R$ 450 mil pagos aos três meliantes sobrariam R$ 2 milhões para o corruptor.

“Ufa, ainda bem que não deu certo!”, suspiram a rara leitora e o raro leitor. Mas não é bem assim.

Houve de todo modo dois jogos com pênaltis manipulados a favor de dois times e em prejuízo de outros dois. Ou seja, do ponto de vista esportivo a desgraça se consumou. E a polícia só entrou na trama porque o presidente do clube cujo jogador falhou soube de tudo graças às cobranças feitas pelos corruptores. Ou seja, essas coisas só vêm à luz quando não dão certo.

Nos primórdios, tempos folclóricos do futebol, jogadores e árbitros eram comprados por cartolas ou torcedores fanáticos pela alegria da vitória, de ser campeão ou de não ser rebaixado. Estava igualmente errado, dirá o conselheiro Acácio, mas era o coração que falava mais alto, não o bolso.

Em tempos de comunicação global e digital, pouco há a fazer para evitar o mercado paralelo criado pelo mundo das apostas, e teremos de conviver com mais essa mazela a nos deixar de orelhas em pé sempre que houver um erro grotesco, uma zebra colossal, no gramado ou nas quadras, piscinas, ringues e pistas.

Estamos diante de um beco sem saída, de um guichê que conduz inevitavelmente a Corruptópolis.

Os contatos ainda são olho no olho, principalmente quando feitos por aprendizes na arte do propinoduto. Os profissionais já estão anos à frente, algoritmos como aliados para fazer cálculos e projeções.

Bem-vindos à pirataria digital. O Capitão Gancho morreu. Viva o Tio Patinhas Rastreador.

Ecos do Dérbi

“A prova de que o Corinthians foi melhor e mereceu ganhar está em que o Weverton trabalhou muito mais que o Cássio”, disse um fiel enfurecido com o que considerou injustiça em Itaquera, no 2 a 2 do Dérbi antes aquático que gramático e muito bom. Eis uma das falácias muitas vezes repetidas no futebol, pois o goleiro é pago para defender.

Rony jogou mais que Yuri Alberto. Por que o raciocínio não vale para o centroavante?

Jogos bem jogados

Tivemos várias partidas de alto nível no meio da semana, válidas por diferentes competições

Tostão

Participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

O futebol vive uma epidemia de estatística de todos os tipos, para todos os gostos. Umas essenciais para o conhecimento e a construção das análises; outras inúteis, que servem para entretenimento e aumento de audiência.

Adoram também comparar os números, mesmo com amostragens bem diferentes. Basta um jogador fazer alguns gols em poucas partidas para que seja considerado grande artilheiro.

No meio de semana, independentemente das dezenas de estatísticas mostradas, tivemos vários jogaços, nos campos do Brasil e da Europa, por variadas competições.

Corinthians e Palmeiras fizeram um belo e equilibrado jogo, Raphael Veiga e Rony se associaram em dois gols. Há tempos falo que Rony é melhor do que parece. Ele é ainda melhor do que eu pensava. Abel Ferreira tem experimentado o garoto Endrick pelos lados, onde vai aproveitar melhor sua velocidade. Ele e Rony se revezam no centro do ataque.

O Corinthians, em casa, é muito forte. Terá de resolver a carência afetiva quando joga fora, por causa da ausência da torcida. Ainda não entendi a razão das escalações frequentes de Romero, no início das partidas ou durante elas. Deve ser uma saudade do que ele jogava.

Contra o Palmeiras, o Corinthians formou um trio no meio de campo com um volante (Roni) e um meio campista de cada lado (Giuliano e Renato Augusto), como é habitual nas equipes europeias. Acharam estranho e corajoso. O Brasil continua pensando no passado, na época dos dois volantes em linha, mais marcadores, e um meia de ligação, o camisa 10.

Corinthians e Palmeiras precisam de contratações para melhorar a qualidade de seus elencos. Faltam bons substitutos para Róger Guedes e Yuri Alberto e para Zé Rafael e Raphael Veiga.

Na Europa, pela Copa dos Campeões, o que me surpreendeu na vitória por 1 a 0 do Bayern de Munique sobre o PSG, em Paris, foi o total domínio dos alemães. O Bayern atuou com três zagueiros e sete jogadores no campo adversário. Os alas eram pontas, agressivos. O PSG só melhorou após o gol do Bayern e a entrada de Mbappé.

Pelo Campeonato Inglês, outro jogaço, o Manchester City venceu o Arsenal em duelo equilibrado. Guardiola, como fez o Bayern contra o PSG, escalou três zagueiros e sete jogadores no campo adversário. Não deu certo nem na defesa nem no ataque. No intervalo, o técnico mudou, e o City melhorou. Haaland fez mais um gol.

Porém, neste período com o artilheiro, o City teve uma queda no desempenho e nos resultados. Isso não significa ser por causa do Haaland, mas Guardiola está atento.

Pela Liga Europa, outro belo jogo entre Barcelona e Manchester United, empate por 2 a 2. A partida foi tão boa quanto as melhores entre os principais times da Copa dos Campeões. Barcelona e United cresceram muito nesta temporada. Os garotos do Barça, Pedri e Gavi, estão a cada dia melhores, embora falte ainda aos dois a sabedoria de um meio-campista como Modric.

Outra emocionante e excelente partida foi a vitória do Borussia Dortmund sobre o Chelsea, por 1 a 0, pela Copa dos Campões. A bola não parava, com muitas chances de gol dos dois lados.

As excepcionais partidas do meio de semana reforçam a minha impressão, que é a mesma de muitos, de que os jogos dos principais times europeus são melhores do que os das principais seleções da Europa e da América do Sul nas Copas do Mundo.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Anna Virginia Balloussier

folha.com/nossoestranhoamor

O ‘flá-flu’ carnavalesco de Cacau e Douglas

SÃO PAULO O amor não precisa ser um flá-flu. Mas aconteceu de o deles começar desse jeito, e que bom que foi assim.

Carolina Miranda Danelli Fraga, 30, e Douglas Fraga Rodrigues, 39, se conheceram num samba de pré-Carnaval no Time Out Market, cantinho gastronômico de Lisboa, cidade onde os dois estudavam. Ela, um mestrado em marketing digital na Universidade Europeia. Ele, um doutorado em oceanografia na UERJ que incluía uma temporada no Instituto Técnico de Lisboa.

Esbarraram-se no dia 23 de fevereiro de 2019. Carolina, a Cacau, tinha ido buscar cerveja num bar. Voltou com dois copos e deu de cara com Douglas. Bem o número dela. “Moreno, de barba. Até ideologicamente a gente era parecido.”

Não se aguentou e foi ao Twitter bradar aos quatro ventos virtuais que havia conhecido o homem da sua vida. “Encontrei o boy perfeito para mim: ‘zuca’ de Volta Redonda, eleitor do Ciro, tem foto com o Boulos, faz doutorado. Vai embora em maio.”

Um emoji de carinha chorando escoltou as últimas palavras. Que azar o dela. Também ele era zuca, como são chamados os “brazucas” de Portugal, vinha de um município fluminense não muito longe da cidade onde ela nasceu, escolheu Ciro Gomes na eleição de 2018 e tinha um cafofo no coração para Guilherme Boulos (PSOL), outro presidenciável daquele pleito. Match total.

Mas voltaria ao Brasil, e Cacau não tinha o menor plano de deixar as terras lusitanas.

Uma música que tocou no samba deste primeiro dia a marcou: “Beija-Flor”, do Timbalada, aquela dos versos “eu fui embora, meu amor chorou”.

Douglas ia embora, e Cacau ia chorar, fato. Mas resolveram continuar se curtindo. O segundo date foi já no dia seguinte. Um atropelo literal. “A gente se viu depois de ele ser atropelado e ter ido pro hospital”, ela lembra. “Mesmo assim, quando saiu de lá, foi encontrar uns amigos e eu num ensaio de bateria, e depois ainda fomos numa feijoada.”

Deu samba demais esse casal. Já combinaram uma fantasia em dupla para um bloco na semana seguinte, o Bué Tolo, releitura do Boitolo, um dos furdunços mais famosos do Carnaval do Rio. Foram da rixa mais clássica do futebol carioca, o Fla-Flu: ela de Flamengo, ele, de Fluminense.

Uma bola fora os aguardavam no meio do caminho. Afinal, valia a pena investir num romance com prazo de validade? Ele tinha passagem de volta marcada. Ela queria ficar na Europa. Tiveram uma fase meio estranha, em que evitavam falar de compromisso porque não queriam se envolver.

Só não conseguiram deixar de se ver. Cacau provocava Douglas cantando uma música de Toninho Geraes: “Se a Fila Andar”.

Não andou. No aniversário dela, dois meses após se conhecerem, a farra foi num karaokê. Eles nem namoravam, mas foi lá mesmo que Douglas a pediu em casamento. “Ele me disse: se eu voltar pra Portugal, você casa comigo? Eu respondi que não se ele voltasse, mas quando ele voltasse.”

No fim, quem voltou ao Brasil foi ela. Mantiveram um relacionamento à distância até fevereiro de 2020. Cacau pegou um voo para o Rio com um duplo objetivo: fazer uma cirurgia de correção de miopia e se casar com o “zuca” dos sonhos, em Volta Redonda, numa sexta-feira 13. A primeira desde que a OMS (Organização Mundial da Saúde) declarara o começo da pandemia de Covid-19.

“Foi o último casamento no fórum. Na segunda, fecharam tudo pra quarentena. Tivemos nossa festa de casamento cancelada e acabamos seguindo a vida sem a festa mesmo.”

Mas a vida continua sendo uma festa para eles, mesmo sem a cerimônia pomposa. “Nosso relacionamento foi marcado por samba. A nossa música é um samba do Toninho Geraes, ‘Mais Feliz’.” Começa assim: “Nós somos feitos um pro outro de encomenda/ Como a chave e a fenda”. Ganharam os dois de goleada.

Gregory Shamus - 12.fev.23/Getty Images via AFP

IMAGEM DA SEMANA

Pela primeira vez em cinco anos, a cantora Rihanna voltou aos palcos no show do intervalo do Super Bowl, a final da NFL, maior evento esportivo do ano nos Estados Unidos (os Kansas City Chiefs ganharam 38 a 35 do Philadelphia Eagles). E ela roubou a cena, ao revelar o barrigão de grávida que vinha ocultando. Sem lançar um disco desde 2016, a cantora apresentou um medley de sucessos de sua carreira sobre uma plataforma suspensa que chegou a quase 20 metros do chão.

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Lugar mais barato em estádios, circos etc. / Os dígitos que indicam um endereço postal **2.** As provas destinadas a avaliar a aptidão ou os conhecimentos de um aluno **3.** Restringir **4.** Olhar rápido **5.** A flor considerada a rainha dos jardins / Produto para dar brilho a pisos, móveis, calçados etc. **6.** Correlativo de outros / Sustentar-se ou mover-se no ar por meio de asas ou algum meio mecânico **7.** Fio tênue / Bem ou graça recebida de divindade **8.** A primeira e a última letra do alfabeto / O animal-símbolo do Cruzeiro Esporte Clube **9.** Utensílio de cozinha constituído por uma lâmina metálica e orifícios de rebordos arrebitados **10.** Interjeição de contrariedade, irritação, impaciência / Titânio **11.** Estruturas perpendiculares ao chão, delimitam um ambiente **12.** Uma caravela de Colombo / No interior de, junto de **13.** Sem dobras / Relação amorosa clandestina.

VERTICAIS

1. Em modalidades esportivas como o futebol, o ponto obtido / Tocar (o tambor) **2.** Usar de sarcasmo / (Quím.) Níquel **3.** Partida de mercadorias / Peça com que se risca ou desenha sobre superfícies variadas **4.** A cavidade sob o braço / Habitante do litoral **5.** Uma embalagem para molho de tomate / (Fig.) Rápida, veloz **6.** Capenga / Falta de naturalidade, de espontaneidade **7.** Que impõe limite a, que tornar menor / O teste que examina a genealogia genética para fins de reconhecimento de paternidade, prevenção de doenças etc. **8.** Sigla de um estado da região Sudeste / Enganos, equívocos / A tua família **9.** Exercício de feitiçaria, de bruxaria.

HORIZONTAIS: 1. Geral, CEP **2.** Exames, **3.** Limitar, **4.** Relance, **5.** Rosa, Cera, **6.** Uns, Voar, **7.** Fiapo, Dom, **8.** AZ, Raposa, **9.** Ralador, **10.** Raios, Ti, **11.** Paredes, **12.** Nina, Num, **13.** Liso, Caso. **VERTICAIS: 1.** Gol, Rufar, **2.** Ironizar, Ni, **3.** Remessa, Lápis, **4.** Axila, Praiano, **5.** Lata, Voadora, **6.** Manco, Pose, **7.** Cerceador, DNA, **8.** ES, Erros, Teus, **9.** Magismo.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			4			1		
9								7
			2	8			6	9
	3		9	1		2		5
	1			5			3	
8		2		4	3		9	
5	6			7	4			
7								3
		3			6			

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

3	7	8	4	6	9	1	5	2
9	2	6	5	3	1	4	8	7
1	4	5	2	8	7	3	6	9
6	3	7	9	1	8	2	4	5
4	1	9	7	5	2	8	3	6
8	5	2	6	4	3	7	9	1
5	6	1	3	7	4	9	2	8
7	9	4	8	2	5	6	1	3
2	8	3	1	9	6	5	7	4

FRASES DA SEMANA

DIVERSIDADE ELEITORAL
Hélio Santos
professor e escritor, na **Folha**, na segunda (13), ao comentar os motivos por que negros são menos de 15% no primeiro escalão dos governos estaduais

“Para causar um mínimo impacto, isso jamais deveria ser inferior a 30%, cerca de metade da população negra [56%]”

NOTÍCIAS DO FRONT
Sevgil Musaieva
editora-chefe do Ukrainska Pravda, na segunda (13), sobre o jornalismo na Ucrânia

“A Ucrânia só tem uma chance de vencer essa guerra, que é dar informação verdadeira

VISÃO DE FUTURO
Ayisha Siddiqa
paquistanesa ativista ambiental, na quinta (16), ao defender que jovens enfrentem a indústria de combustíveis fósseis

“Cidadãos de governos instáveis estão esquecidos em meio à crise climática”

VÍTIMA DA DITADURA
José Vicente Correa
ex-operário, de 86 anos, que foi preso e torturado após ser confundido com militante da VAR-Palmares na ditadura; ele pede reparação do Estado 53 anos depois

“Atiraram para matar, mas não pegou. Levei um tiro de raspão na cabeça, que arrancou esse pedaço da minha orelha, ó. Eu lutava para cuidar da família. Não entendia nada de política”

CRIME E VERGONHA
José Ornelas
bispo e presidente da Conferência Episcopal de Portugal, na terça (14), ao pedir perdão às vítimas após comissão independente apontar que ao menos 4.815 crianças foram abusadas por membros da Igreja Católica desde 1950

“Os abusos de menores são crimes hediondos. Quem os comete tem de assumir as consequências dos seus atos e as responsabilidades civis, criminais e morais”

CONCURSO DE BELEZA
Luma Russo Moura
piloto mineira, na quinta (16), em sua resposta ao júri, no Vietnã, pouco antes de ser eleita a primeira Miss Charm

“O significado da vida pra mim é liberdade. Liberdade de viajar para onde você quiser, estar onde quiser, fazer o que quiser, ser a mulher que você está destinada a ser e seguir seus sonhos”

PANOS QUENTES
Roberto Campos Neto
presidente do Banco Central, na segunda (13) em entrevista ao programa Roda Viva

“Se a gente fizer mudança agora, sem ambiente de tranquilidade e ambiente onde a gente está atingindo a meta com facilidade, o que vai acontecer é que você vai ter efeito contrário ao desejado. Ao invés de ganhar flexibilidade, você pode terminar perdendo”

AMBIENTE TUMULTUADO
Issac Herzog
presidente de Israel, sobre as trocas de insultos no Parlamento com o início da votação do projeto de reforma judicial

“Irmãos estão prestes a erguer as mãos contra irmãos”

REAJUSTE A SERVIDORES
Esther Dweck
ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, sobre o plano de conceder reajuste a servidores federais até abril

“Não adianta repor todo o salário e não conseguir contratar ninguém [...] O mais importante é olhar o todo”

VACINAÇÃO
Ethel Maciel
secretária de Vigilância em Saúde, sobre a cobertura vacinal neste ano

“Consideramos 2023 ano de transição. A expectativa é melhorar muito as coberturas, mas o estrago não vai se recuperar no primeiro ano”

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **19.fev.1923**

Industrial Alexandre Siciliano morre aos 62 anos no Rio

O conde Alexandre Siciliano, industrial de destaque de São Paulo, morreu aos 62 anos, nesta segunda (19), no Rio. Ele era presidente da Companhia Mecânica e Importadora de S. Paulo, desempenhava funções elevadas em outras empresas no país e era a “alma” da campanha para a valorização do café.

Siciliano nasceu em San Nicola Arcella, na Calábria, na Itália, em 1860, e veio ao Brasil em 1869. O corpo dele será levado de trem à capital paulista. Ele era viúvo e deixa quatro filhos.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

O “CORNER” DO ALGODÃO

Pela Sociedade

A alegria é a prova dos nove

Aos 83, a lendária atriz Helena Ignez, que marcou o cinema de invenção brasileiro desde os anos 1960, lança filme sobre o poder do orgasmo C4

Helena Ignez em foto de 1964
Acervo UH/Folhapress

- Salman Rushdie resiste, mas atentado provou derrocada do Ocidente C2
- Em coluna de estreia, Glenn Greenwald comenta riscos da lei contra fake news C3

O riso contra a barbárie

[RESUMO] O escritor Salman Rushdie concedeu no início deste mês sua primeira entrevista após as facadas que lhe tiraram a visão do olho direito e parte dos movimentos das mãos. Acusado de blasfemar Maomé e o islã, o livro 'Os Versos Satânicos', clássico do autor, sintetiza dois apogeus do pensamento, a sátira e a arte do romance, valores que o Ocidente, entre a apatia e o cinismo, vem se mostrando incapaz de proteger

Por ***Martim Vasques da Cunha***
Doutor em ética e filosofia política pela USP, é autor de 'A Tirania dos Especialistas' (Civilização Brasileira) e 'O Contágio da Mentira' (Âyiné)

O momento exato em que o Ocidente começou a se decompor, a perder suas virtudes e a se acovardar por completo não foi com a publicação das obras de Friedrich Nietzsche e de Oswald Spengler, como pensam vários estudiosos do tema; ou com a Revolução Russa em 1917; ou com a crise financeira de 2008; ou mesmo com a eleição de Donald Trump e de Jair Bolsonaro.

O fator determinante foi o episódio literário mais relevante dos últimos cem anos (depois da publicação em 1922 de "Ulysses", é claro): o decreto religioso (fatwa) emitido pelo aiatolá Khomeini em 1989, exigindo que muçulmanos matassem o escritor anglo-indiano Salman Rushdie em razão de seu romance "Os Versos Satânicos", considerado ofensivo a Maomé e ao islã.

Quem melhor percebeu esse ponto de declínio ocidental foi um humorista —o americano Larry David. Em seus célebres seriados de TV, "Seinfeld" (1989-1998) e "Segura a Onda" (2000-2021), ele sempre tirou um sarro dos dissabores tragicômicos sofridos por Rushdie, caçado por terroristas islamitas de forma direta (com ameaças) ou indireta (com seus editores e tradutores sendo atacados sem perdão por facadas ou cartas-bomba).

Em um episódio da primeira série, o personagem Kramer acha que encontrou Rushdie disfarçado em uma sauna, sob o pseudônimo "Sal Bass", e tenta fazer amizade com o sujeito (depois descobre-se que era apenas um sósia).

Já em "Segura a Onda", o próprio autor maldito aparece em cena e ensina a um Larry David ficcional, agora também vítima do mesmo fardo porque satirizou Maomé em um musical da Broadway, quais são as delícias de se viver com um "fatwa sex" enquanto ambos são perseguidos por algum jihadista de plantão.

"As mulheres ficam em cima. Elas sentem o cheiro do perigo e querem protegê-lo a qualquer custo. E, portanto, transam com você sem nenhum impedimento. Isto é a maravilha das maravilhas: o sexo da fatwa!", diz Rushdie a David.

Como se vê pelo diálogo, ninguém ali está preocupado com a sensibilidade de outro tipo de fatwa, desta vez do lado ocidental —a da cultura identitária. O humor existe para incomodar, para fazer pensar e para impor, por meio da sua graça, uma reflexão sobre a instabilidade dos nossos tempos. Um pouco de sexo enquanto você tem uma espada de Dâmocles sobre sua cabeça não faz mal a ninguém.

Contudo, se isso fosse verdade, Rushdie não teria passado os últimos 34 anos de sua vida sempre olhando para trás de seu ombro, como se uma sombra o perseguisse o tempo todo. Ele não foi condenado somente por blasfemar contra os fundamentos de uma religião (de acordo com seus inimigos). Foi condenado porque, por meio de seu livro (e da sua obra por extenso), defendeu as duas colunas primordiais do Ocidente: a sátira e a arte do romance.

A sátira não envolve propriamente o humor, mas sim uma espécie de qualidade de alma mais sofisticada —no caso, a ironia que nos surpreende, nascida principalmente das reviravoltas filosóficas de Sócrates na Grécia antiga. Não é o riso desbocado, mas sim o sorriso sutil, pleno de astúcia.

Por outro lado, a arte do romance, surgida com François Rabelais, Laurence Sterne e Miguel de Cervantes, alçou essa mesma ironia para um outro patamar de diversão, transformando-a no humor que tanto prezamos. É a gargalhada que vem com o absurdo da existência —e articulada por meio de uma abertura de consciência que só a palavra escrita pode nos ofertar.

Ora, o livro "Os Versos Satânicos" é a síntese de tudo o que foi descrito acima —e por isso se tornou uma obra maldita.

Amarrando as pontas soltas de Rabelais com Joyce (e um tempero de Thomas Pynchon e William Blake), Rushdie conta a odisseia de duas personalidades do mundo artístico indiano, o ator Gibreel Farishita e o dublador Saladin Chamcha, que sobrevivem miraculosamente à queda de um avião vítima de ataque terrorista. Ambos se metamorfoseiam, respectivamente, em um anjo e um diabo, e passam a transitar entre os diversos níveis sociais de Londres.

O pomo da discórdia entre Rushdie e o líder religioso do Irã foi que, em uma das partes do romance, Gibreel tem alucinações de que ele é o arcanjo que ditou a Maomé os perturbadores "versos satânicos" —uma referência ao fato de que o profeta foi obrigado a romper temporariamente com o monoteísmo de Alá, concedendo força ao politeísmo de três deusas (al-Lat, al-Uzzá e Manat), para assim impedir que os novos fiéis recusassem de vez a revelação islâmica.

Os estudiosos seculares alegam que Maomé fez isso por puro pragmatismo, e este é o ponto de vista também aceito por Rushdie. Portanto, na ficção, Gibreel assume tanto a figura de anjo como a do demônio, pois o profeta depois argumentará aos seus seguidores que foi tentado por Satã ao declamar essa parte bastante problemática do Corão.

Esta ambiguidade ao recriar o relato de um evento teológico, feito na esfera da arte do romance, disparou a fatwa contra Rushdie. Sua "blasfêmia" é uma atitude tipicamente ocidental, algo incompreensível para alguém enraizado no paroquialismo religioso.

E não se trata de uma exclusividade do jihadismo: é só lembrar quando os fundamentalistas cristãos apoiaram a censura contra a comédia "A Vida de Brian" (1979), do grupo Monty Phyton, e o drama "A Última Tentação de Cristo" (1988), de Martin Scorsese, ambos recriações heterodoxas dos Evangelhos.

Milan Kundera defendia, ao comentar no livro "Os Testamentos Traídos" a polêmica ao redor de Rushdie, que o escritor não blasfemou e nem sequer atacou o islã —na verdade, teria escrito algo que, para o espírito teocrático, pertence a um outro planeta e a um "outro universo fundado sobre uma outra ontologia". E o que seria esse outro reino? A resposta é aparentemente simples, porém há nela um segredo muito bem guardado: o do exílio.

Nesse sentido, a obra de Salman Rushdie, e em especial "Os Versos Satânicos", é uma dolorosa meditação sobre como a ruptura, o desenraizamento, a desolação, o desterro —enfim, a experiência de ser alguém permanentemente deslocado— são eventos que não só fazem parte da modernidade em si, mas sobretudo da nossa natureza humana.

É isso o que incomoda o homem teocrático, angustiado por reencontrar um fundamento que desapareceu por completo. Isso não significa, entretanto, que não exista uma verdade na nossa existência, mas sim que essa mesma verdade é a que o provérbio judaico sempre nos avisou: "Deus ri enquanto fazemos planos".

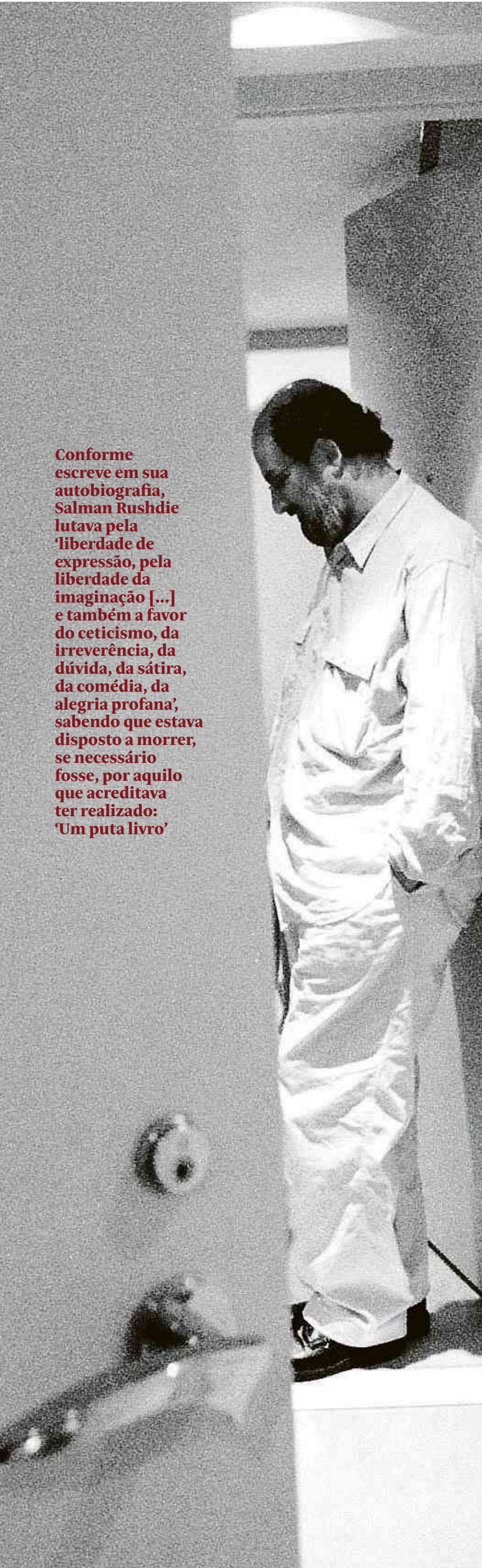
O humor intrínseco à arte do romance se origina da ironia socrática que é a própria base do Ocidente. Não à toa, Roger Scruton comentava que ela nos possibilitava o exercício da autocrítica. A blasfêmia religiosa está inclusa nesse processo.

Ora, ser um exilado em qualquer parte do mundo é viver em antagonismo consigo mesmo e com os outros o tempo todo. Apesar do drama inegável deste tipo de situação, o desterrado se permite escutar as diversas vozes que estão dentro de si e ao seu redor, pois é a sua única forma de sobrevivência.

O próprio Rushdie teve de viver essa ironia na carne, sem nenhum romantismo, conforme ele relata nas suas admiráveis memórias dos tempos da fatwa, "Joseph Anton" (2012).

O título é uma brincadeira com os nomes de Joseph Conrad e Anton Tchékov, dois autores que sempre mantiveram um estado de graça mesmo sob a mais extraordinária das pressões, e foi usado como codinome para identificar Rushdie na equipe de segurança que o protegia.

Continua na pág. C3

Conforme escreve em sua autobiografia, Salman Rushdie lutava pela 'liberdade de expressão, pela liberdade da imaginação [...] e também a favor do ceticismo, da irreverência, da dúvida, da sátira, da comédia, da alegria profana', sabendo que estava disposto a morrer, se necessário fosse, por aquilo que acreditava ter realizado: 'Um puta livro'

O escritor Salman Rushdie em hotel de Barcelona, na Espanha, em 2010 Daniel Mordzinsky/Clarin

Continuação da pág. C2

E, como acontece nos livros desses escritores, Rushdie também não deixa escapar nenhum evento importante desse período, todos registrados em uma perspectiva implacável e ao mesmo tempo benevolente: os seus dois amargos divórcios, os seus adultérios, o medo de morrer, a sensação de ser um estorvo para os amigos e, sobretudo, a covardia do meio intelectual que deveria ampará-lo.

É aqui que o humor deve ser usado para entender o exato momento em que o Ocidente tal como conhecíamos foi para o brejo.

Ao invés de defenderem Rushdie pelos ataques que sofria, escritores e intelectuais de gabarito como John Le Carré, George Steiner, Doris Lessing, e até mesmo políticos como John Major e o então príncipe Charles, afirmaram ou sugeriram que a fatwa era consequência de Rushdie ter provocado o Islã.

Criou-se uma espécie de "nova síndrome de Vichy" (o termo de Theodore Dalrymple é uma referência à invasão quase voluntária que a França sofreu dos nazistas), na qual a rendição espiritual de nossos princípios se tornou a única regra absoluta.

Foi uma situação tão absurda que, como diria o vulgo, era rir para não chorar. Rushdie, contudo, se manteve resoluto.

Conforme escreve em sua autobiografia, ele lutava pela "liberdade de expressão, pela liberdade da imaginação [...] e também a favor do ceticismo, da irreverência, da dúvida, da sátira, da comédia, da alegria profana", sabendo que estava disposto a morrer, se necessário fosse, por aquilo que acreditava ter realizado: "Um puta livro".

E o fato indubitável é que "Os Versos Satânicos", apesar de todas as fatwas (as nossas e as dos jihadistas), é um livraço, um dos grandes romances do nosso tempo.

Entre as mutações que ocorrem com Gibreel Farishta e Saladin Chamcha e as questões que consomem o profeta Maomé, o exílio descrito ali não é apenas divertido como também comovente.

Nas últimas páginas da obra, Rushdie faz o imigrante Chamcha retornar para a sua Índia tão desprezada e se reconciliar com ela ao velar pelo pai, com quem tinha um relacionamento conturbado. Ao olhar para o rosto dele antes de falecer, Chamcha se pergunta se a lição derradeira do exílio não seria "aprender a morrer com dignidade".

Salman Rushdie viveu diretamente essa questão ao ser esfaqueado em 12 de agosto do ano passado em Nova York durante uma palestra, tentativa felizmente malsucedida de cumprir a maldição determinada pelo aiatolá há mais de três décadas.

Com o atentado, ele perdeu a visão do olho direito e parte dos movimentos das mãos. E o que é pior para um escritor que sempre lutou pela liberdade: voltou a viver em reclusão absoluta, cercado por equipes de segurança.

Acabou impedido de fazer a turnê mundial de lançamento de seu novo romance, "Victory City", concluído antes fo atentado e publicado neste mês

Enquanto isso, o Ocidente, salvo as exceções de praxe, permaneceu calado ou então proferindo os clichês de sempre ("tolerância", "pluralismo", "pensamento livre").

Se a nossa civilização não consegue sequer proteger um pobre escritor e garantir que ele possa praticar o que realmente importa, o seu tão sagrado "fatwa sex", como profetizou Larry David, então o que será de nós?

Neste estado de permanente desgraça, sem dúvida segurar a onda da barbárie é o que nos resta. ←

Mônica Bergamo
A coluna circula no caderno B nesta edição

Riscos à liberdade de expressão

Lei contra fake news de Lula serviria para Bolsonaro perseguir inimigos

Glenn Greenwald
Jornalista, advogado constitucionalista e cofundador do site The Intercept

Dez dias antes do segundo turno das eleições de 2018, este jornal informou que uma "prática ilegal" estava sendo utilizada para ajudar a eleger Jair Bolsonaro à Presidência. "Empresas estão comprando pacotes de disparos em massa de mensagens contra o PT no WhatsApp", explicou a ***Folha****.*

Bolsonaro não só negou a história como acusou tanto o jornal quanto o PT de espalhar notícias falsas. Como a ***Folha*** *observou, "o PSL deve processar Haddad".*

Ao vencer a eleição para a Presidência, não havia lei disponível para Bolsonaro —similar àquela que o governo do PT está propondo agora— que permitisse ao seu governo ou a juízes simpáticos a ele proibir a discussão online da matéria da ***Folha*** *por se tratar de "notícia falsa". Mas, se ele tivesse esse poder —se a lei que o PT espera implementar para combater "notícias falsas" estivesse nas mãos dos aliados de Bolsonaro—, é muito razoável suspeitar que eles a teriam usado para suprimir essas revelações, alegando que eram falsas.*

A nova lei proposta pelo governo Lula daria mais poder tanto ao Judiciário quanto à AGU (Advocacia-Geral da União) para tomar medidas mais agressivas contra as "notícias falsas" online. Entre outros novos poderes, a lei proposta permitiria "uma atuação da AGU, órgão que representa o governo juridicamente, de ingressar com representações judiciais contra aqueles que veja como autores de conteúdos mentirosos".

Em uma entrevista à ***Folha*** *em 19 de janeiro, o ministro-chefe da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência), Paulo Pimenta, prometeu: "Vamos passar a responder de forma mais contundente, mais aguda, a informações que distorcem, são equivocadas".*

Todos adorariam viver em um mundo em que um poder onipotente e benevolente permitisse apenas afirmações verdadeiras, identificando e suprimindo todas as alegações falsas. Tal mundo parece ser um paraíso: sem erros, apenas verdade. Quem poderia se opor a isso?

Infelizmente, a natureza humana torna esse mundo impossível, e achar que líderes ou instituições humanas serão capazes de possuir tais poderes é extremamente perigoso.

Os humanos já tentaram isso antes. Durante mil anos antes do Iluminismo, a maioria das sociedades europeias era governada por instituições onipotentes —monarquias, impérios, igrejas— que afirmavam possuir a verdade absoluta e, portanto, proibiam qualquer visão divergente, alegando serem falsas.

A inovação fundamental do Iluminismo, um dos maiores avanços intelectuais pela libertação humana, foi reconhecer que todas as instituições humanas são passíveis de falha, endossam afirmações falsas por erro ou por interesse e que todo indivíduo deve sempre reter o direito de questionar e desafiar suas ortodoxias.

Em resumo, não existe nenhuma instituição de autoridade que possa ser confiável para decretar o que é a verdade. Hoje, sabemos que as sociedades indígenas mais antigas, distantes da Europa, já haviam internalizado essa lição, tendo descartado a fé em autoridades centralizadas e nos próprios líderes em favor de um poder descentralizado e de valores democráticos dispersos.

Como apenas um exemplo, a OMS (Organização Mundial da Saúde) anunciou em fevereiro de 2020 que nenhuma pessoa assintomática deveria usar máscaras e que isso poderia piorar a Covid. Em abril, a recomendação era a oposta: todos deveriam usar máscaras. Em 2018, qualquer "fact-checker" teria afirmado que Lula era um ladrão, já que ele estava condenado nos tribunais brasileiros; em 2022, a situação se inverteu.

Se essa lei for implementada no Brasil, não será a primeira vez que um governo é autorizado a coibir "notícias falsas" na internet. Há, em vários países, governos que têm o poder de banir conteúdos que o Estado considera perigosos, falsos, incitam violência ou promovem instabilidade social ou até mesmo revoluções contra a ordem vigente.

Regimes com tais leis são os mais despóticos do planeta: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Cingapura e Qatar (cuja lei, 'Crimes contra a segurança interna do Estado', permite que o Estado "imponha até cinco anos de prisão a quem espalhar rumores ou notícias falsas com má intenção"). Lá, o resultado é previsível.

Toda dissidência contra o governo e seus líderes é rotulada como falsa ou perigosa ou incita o terrorismo e é censurada com base nisso. Em relação à Turquia, a ONU, em maio passado, "manifestou preocupação após o voto pelo parlamento turco de uma lei que poderá implicar a prisão de até três anos de jornalistas e utilizadores dos 'social media' pela difusão de 'notícias falsas'."

Esses abusos promovidos por leis de "fake news" ocorrem lá, não porque esses países são diferentes, mas porque são iguais. Todos os líderes poderosos, mesmo os bem-intencionados, estão sujeitos à tentação humana de proibir a dissidência sob o argumento de que é perigosa ou falsa.

Por isso, não surpreende que a maior parte dos especialistas consultados pela ***Folha*** *sobre a resolução do TSE aponte "que uma atuação, nesse sentido, por parte do governo pode abrir um precedente que representa risco à liberdade de expressão, diante da possibilidade de ser instrumentalizada para assédio judicial contra críticos e opositores".*

Mesmo que você tenha a sorte de ter encontrado os líderes mais confiáveis e benevolentes da história, de alguma forma capazes de decretar a verdade sem errar e que usem tais leis apenas de maneira nobre, em algum momento outros líderes serão eleitos e eles também terão esses poderes.

A questão para qualquer lei não é se você está confortável com ela nas mãos de líderes de que gosta e em que confia, mas como ela será usada por líderes diferentes.

| **DOM. Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Juliana de Albuquerque, Glenn Greenwald

Xamã do prazer

[RESUMO] Atriz lendária, Helena Ignez é figura central de projetos de Glauber Rocha, Rogério Sganzerla e Julio Bressane, principais nomes do cinema nacional de invenção. A atriz baiana, que foi casada com Glauber e companheira de Sganzerla, virou diretora e inventou seu próprio cinema nos anos 2000. Em 'A Alegria É a Prova dos Nove', seu novo longa, vive uma sexóloga, artista e roqueira octogenária, em um roteiro que aborda a sexualidade feminina, a cultura underground, a diversidade de gêneros e os efeitos benéficos da maconha

Por ***Claudio Leal***
Jornalista e mestre em teoria e história do cinema pela USP

O jardim suspenso de Helena Ignez floresce na varanda de seu apartamento, no centro de São Paulo, e a protege da paisagem diabólica de um prédio em construção. O barulho metálico das obras, no entanto, atravessa a folhagem. "Olhe lá, nasceram duas orquídeas", aponta a atriz e diretora. São roxas e crescem com desleixo nos caules. "Que planta é essa?", pergunta ao escritor Gil Veloso, seu amigo, que palpita: "Parece gerânio, com folhas aveludadas".

Ela repousa depois de ver a peça "Prazer, Hamlet", de Ciro Barcelos, e caminhar do teatro Itália Bandeirantes até a região da praça Roosevelt. Perto de casa, na avenida Ipiranga, ouviu o longo pedido de esmola de um morador de rua. "Na Índia, aprendi que devemos sempre dar atenção a um mendigo. Pode ser um mestre disfarçado", explicou.

"Você continua a mesma. Quando morava comigo você acordava, tomava guaraná em pó, fazia tai chi e fumava", lembrou Veloso, na esquina da Consolação. "Só não posso mais fumar", diz Helena, ainda fiel à cânabis.

Nessa noite, em outubro de 2022, ela estava na fase de montagem do longa "A Alegria é a Prova dos Nove", apresentado três meses mais tarde na 26ª Mostra de Cinema de Tiradentes, mas ainda sem previsão de estreia no circuito comercial. "É meu filme mais revolucionário."

Além de assinar a direção, Helena vive a personagem da sexóloga, artista e roqueira octogenária Jarda Ícone, amiga e amante de Lírio Terron, defensor dos direitos humanos, interpretado pelo cantor Ney Matogrosso. Eles relembram fragmentos de uma viagem ao Marrocos, em 1977.

Na órbita de Jarda estão a sexualidade feminina, a cultura underground, a diversidade de gêneros e os efeitos benéficos da maconha. A miragem de um "orgasmo total" permeia o prazer das mulheres e merece uma longa sequência ritualística. Helena surge de seios nus. No fim da sessão em Tiradentes, Ney Matogrosso cochichou em seu ouvido: "Você é corajosa, hein, minha filha?".

O elenco tem ainda Djin Sganzerla, filha da diretora, Vera Valdez, Mário Bortolotto, Guilherme Leme e Michele Matalon, entre outros. "Helena é uma locomotiva em permanente estado de ebulição", define Matalon, também produtora.

Casada com Glauber Rocha de 1959 a 1961 e companheira de Rogério Sganzerla de 1968 a 2004, a baiana Helena Ignez protagonizou o primeiro filme do líder do cinema novo, o curta "O Pátio" (1959), e outros nove do expoente do cinema marginal —uma parceria iniciada com "O Bandido da Luz Vermelha" (1968).

A cumplicidade de Helena e Glauber se partiu na separação e não ganhou desdobramentos artísticos. Com o baiano, ela teve a filha Paloma, cineasta. Da união com o cineasta catarinense, nasceram Sinai, diretora, e Djin, atriz.

No final do nosso encontro, Helena assumiu um tom direto na observação de sua vida. "Meus dois ex-maridos, Glauber e Rogério, morreram pelo cinema. Eu não morrerei pelo cinema. Não quero", afirmou. "Eu sinto remorso. Se não fosse por mim, eles seriam grandes aliados, irmãos no cinema. Rogério era apaixonadíssimo por Glauber. E Glauber, quando veio a São Paulo, procurou quem? Rogério, que tinha somente 17 anos e já escrevia em jornal."

Ela descreveu a criação de sua coreografia no piso xadrez de "O Pátio", lembrou seus filmes dos anos 1960, mas logo ficou reflexiva e interrompeu as memórias. "Talvez a vida seja inútil. Pra que tudo isso? Só vejo sentido no agora, agora e agora."

No apartamento comprado em 2002, ao se mudar do Rio para São Paulo, ela instalou o escritório de sua produtora Mercúrio. Não mora mais sozinha. Desfruta de um aparelho da assistente virtual Alexa, a quem pede canções e favores. "Alexa, qual a novidade?", indagou em 29/12. "Hoje morreu Pelé", informou o robô. Helena ficou em lágrimas.

Continua na pág. C5

Helena Ignez em seu apartamento em São Paulo, no final do ano passado
Rodrigo Sombra/Divulgação

Cena do filme 'A Alegria é a Prova dos Nove' com Ney Matogrosso e Helena Ignez
Divulgação

Continuação da pág. C4

A aliança de Helena Ignez com o cinema de invenção tem uma densidade rara entre os seus colegas geracionais, se pensarmos no vaivém de atores do cinema novo e da "nouvelle vague" entre os filmes de vanguarda e aqueles mais convencionais. A opção pela radicalidade a transforma em uma atriz que define, mais do que um estilo pessoal, o espírito de correntes estéticas. Ela lançou mão dos teatros clássico e moderno, do cinema novo e do marginal, de Brecht e de Stanislavski.

Se não for a mais importante atriz viva do cinema brasileiro, não resta dúvida de que se firmou como a mais livre e moderna. Helena não vestiu as plumas de "grama dama", golpeou a própria beleza na tela e, dando de ombros para a fama nos anos 1970, suspendeu sua carreira de atriz por seis anos para desbundar no Rio e na Bahia. Entrou no movimento hare krishna, ensinou tai chi, e assimilou o budismo.

A atriz está no coração dos projetos de Glauber, Sganzerla e Julio Bressane, os nomes centrais do cinema nacional de invenção. A Mariana de "O Padre e a Moça", de 1966, de Joaquim Pedro de Andrade, não tem parentesco com a Janete Jane de "O Bandido da Luz Vermelha", e esta chega a ser uma prima mais comedida da Ângela Carne e Osso de "A Mulher de Todos" (1969). Ela fez estes dois últimos filmes com Sganzerla, e era nítido seu voo para uma representação com violência estilística. Em 2019, "Tragam-me a Cabeça de Carmen M.", de Felipe Bragança e Catarina Wallenstein, marcou a renovação de seu mito entre jovens diretores.

Com a morte de Sganzerla, Helena temeu o declínio dos filmes transgressores e, por prudência, inventou um cinema para si mesma, estreando na direção de longas com "Canção de Baal" (2007). De Sganzerla, ela filmou ainda os roteiros inéditos "Luz nas Trevas – A Volta do Bandido da Luz Vermelha" (2012), um retorno ao clássico do cinema marginal, e "A Moça do Calendário" (2018), mas sempre reescrevendo os textos, para aproximá-los de sua visão feminina.

"Eu vi que, como ator, não ia dar. Rogério tinha morrido. Com a morte dele, eu disse: não tem jeito", lembra Helena. "Enquanto não for o diretor do seu próprio trabalho, a gente não pode participar de todas as etapas, mas dentro desse pequeno núcleo você pode, sim, ter uma satisfação de estar vivendo o completo. O ator sabe que não é o senhor de um filme."

Em uma segunda visita à sua casa, ela recorda que a inspiração do título de seu novo filme veio de uma entrevista do escritor e líder indígena Ailton Krenak no programa Roda Viva, em abril de 2021. O ensaísta José Miguel Wisnik observou que Krenak preservava a alegria de viver ao abordar temas ambientais angustiantes. "Wisnik, você sabe muito bem que a alegria é a prova dos nove", respondeu Krenak, citando o Oswald de Andrade do "Manifesto Antropófago".

Helena se emocionou em ver Oswald sendo citado por Krenak na televisão. "Eu achei magnífico. Isso é a antropofagia", ela diz. "Quando eu conheci Rogério, já com 28 anos, e ele com 21, ele era um profundo conhecedor de Oswald, enquanto a geração dele e a intelectualidade se voltavam mais para Mário de Andrade. O que me fez escolher Oswald pra ser a inspiração vem de Rogério, um irmão intelectual dele pelo chiste."

"A Alegria", Helena acrescenta, "é um filme totalmente marítimo, ligado ao mar, e desde o princípio conceitual. Tem um momento de olhar pra câmera e dizer 'tchau, cultura'. Uma coisa bem underground". Sob influência da sexóloga americana Betty Dodson, sua personagem vira uma "xamã do prazer feminino" com o programa online "Orgasmo como Fonte do Autoconhecimento", no qual apresenta técnicas de masturbação. Suas vivências completam o quadro de rebeldia.

"Com Glauber eu conheci pela primeira vez uma pessoa como eu mesma, mas nós não tínhamos conexão sexual. Não sabíamos nada sobre sexo. E eu nunca tive um orgasmo com ele", afirma Helena. "Glauber tinha 18 anos, e eu também. Tinha uma menina, uma prostituta, preta, do Pelourinho, que ele visitava. Logo que começou o namoro ele falou que tinha essa menina, que gostaria que me conhecesse. Ela foi linda. Levou um ramo de flores pra mim."

Em Salvador, onde nasceu em 23 de maio de 1939, Helena despontou na geração de atores formados pela Escola de Teatro da Bahia. Antes disso, seu amor ao ofício se acendeu numa viagem familiar a São Paulo, nos anos 1950. Ela viu então Cacilda Becker em "Pega-Fogo" (também traduzido como "Pinga-Fogo"), do francês Jules Renard, sob direção de Ziembinski, no TBC.

"Fiquei impressionada. Como é que uma mulher daquela, muito mais velha que eu, fazia um menino? Logo que eu soube da Escola de Teatro da Bahia me inscrevi. E aí tive dois influenciadores. Martim Gonçalves, através do método de Stanislavski, e Domitila do Amaral, a maior atriz que eu vi na minha vida, também com o estilo stanislavskiano."

"Vejo Stanislavski muito deformado. Stanislavski é você, mas não é Narciso. É outro processo. E quem lhe ajuda a entender esse processo? Brecht. Ele vai entender que o ator está aqui e está aqui se vendo, mas é um só, com toda aquela consciência do tai chi chuan. É por aí que eu faço."

Em setembro de 1960, numa montagem de "A História de Tobias e Sara", de Paul Claudel, a atuação de Helena Ignez enlevou os irmãos Maria Bethânia e Caetano Veloso. Uma fala da atriz —"eu sou a romã!"— seria repetida dias seguidos pelos jovens fãs. "Nunca pensei que um dia eu fosse perguntada sobre ela. Porque Helena é pura luz", elogia Bethânia.

"Uma mulher de uma entrega naquele teatro extraordinário dirigido por Martim Gonçalves, naquela escola de grandes atores. E ela era de uma beleza fora do comum, como jamais vi. Uma entrega corporal, uma entrega vocal, uma entrega total àquele personagem que era tão encantador. Pelo menos me tocou de uma maneira muito profunda e inesquecível. Helena Ignez foi, é e será para sempre uma estrela-guia", diz a cantora baiana, que aceitou falar da atriz durante sua temporada de verão entre Salvador e Santo Amaro.

"Glauber e Helena foram um acontecimento na Bahia, como foi dona Lina Bardi. Era uma vitória vê-los juntos", afirma. "Eles quebravam a Bahia. Mas quebravam a Bahia da maneira mais espetacular e mais poética e mais deslumbrante. Eram lindos fisicamente. Eram lindos juntos namorando. Eram lindos com seus personagens. Tudo o que eu pude ver aqui ainda, antes de ir me embora trabalhar, aos 17 anos, pude ver na Escola de Teatro da Bahia."

O desempenho de Helena na peça de Claudel, revela Bethânia, pode ter influído em sua decisão de ser cantora. "Helena me toca profundamente. Talvez tenha sido ali que tenha nascido em mim o desejo de interpretar, de cantar, de me expressar de alguma maneira. Helena é guia."

A atriz cresceu nos anos de afirmação cinéfila do cinema moderno europeu. Entretanto, tem dívidas profundas com o cinema americano e acentua a influência de "Quanto Mais Quente Melhor" (1959), de Billy Wilder. "Marilyn Monroe foi um impacto pra mim, e se renova até hoje. Vou lhe dizer: é puramente artístico. Aquele olhar com aquela voz. Qualquer um que tenha olhos livres vai ver que é um gênio. Perfeita."

Na década de 1960, o fim do casamento com Glauber influiu em seu afastamento gradual do círculo do cinema novo. "Essa dissidência foi especificamente ter sido casada com Glauber, abandonado ele num escândalo e ele ter tomado até a própria filha (Paloma) pra se vingar", ela resume. "Eu ia fazer 'A Ira dos Deuses', que era o nome de 'Deus e o Diabo na Terra do Sol'. Eu ia fazer o papel para o qual Yoná Magalhães foi chamada depois pelo produtor. Então, seria extraordinário. Fiquei com aquilo dentro de mim até hoje. Quando eu atuo, digo: 'Ai, não fiz 'Deus e o Diabo''."

O livro de Pedro Guimarães e Sandro de Oliveira, "Helena Ignez: Atriz Experimental" (Edições Sesc, 232 págs., R$ 65), destaca a autoralidade de suas performances. Helena não foi apenas dirigida. Julio Bressane e Sganzerla reconheceram sua coragem e a inventividade de suas criações.

"Rogério era uma pessoa muito especial. Com todo o meu feminismo sincero, reivindicatório, tenho que agradecer muito a ele por uma formação intelectual que eu prezo profundamente. Até a religião tem que vir pra mim através do pensamento, do intelecto, da cultura", observa Helena. "Julio é muito estudioso. Eu percebi o que ele queria. Ele adora um desregramento dos sentidos, uma doença psíquica, narcísica e também social, meio deformada. Julio faz psicanálise desde menino. É profundamente psicanalisado."

Bressane trabalhou com Helena em "Cara a Cara", de 1967, "Cuidado, Madame", "Barão Olavo, o Horrível" e "A Família do Barulho", os três últimos de 1970, na fase da Belair, produtora de filmes de essência anticomercial. "Antes da Belair, Helena fez com Rogério filmes geniais, 'O Bandido' e 'A Mulher de Todos'. Ela inventou uma maneira de representar nos dois filmes, com um talento, um humor, uma graça e uma beleza que até aquele momento não existiam no cinema brasileiro", analisa Julio Bressane.

Na breve Belair, o inconsciente aflorou em seu estilo de expressões irracionais e assombro plástico, como na cena de "Família do Barulho" em que o sangue escorre de sua boca. "Helena inventou uma nova maneira de atuar, não de trazer coisas daqui ou dali, de seu gesto, de seu clichê já trabalhado. Não. Ela inventou. Sobretudo em 'Barão Olavo', que foi um ponto de inflexão. É um momento culminante dela de representação", comenta Bressane, que voltou a dirigi-la em "São Jerônimo", de 1999.

"Em todo o trabalho ela tinha uma observação de como aquilo era feito. Seja no teatro, seja no cinema. Daí ela começou a dirigir filmes excelentes. Todos tão bons quanto ela como atriz, dentro de uma sensibilidade feminina totalmente nova."

Helena enfrenta um enigma. De volta à varanda, lembrada sobre sua afirmação de que o sentido da existência se impõe no agora, ela se surpreende e até duvida da autoria da própria frase. "Pô, eu estava sábia quando falei isso! Gostei. Vou me citar. Só existe o agora, se você for filosofar. E daí você pode ter vários pensamentos diversos sobre várias coisas, como, por exemplo, a morte. Pensei hoje de tarde. Eu acho que a morte é uma vida diferente. Como é? Não tenho a menor ideia." ←

'Meus dois ex-maridos, Glauber e Rogério, morreram pelo cinema. Eu não morrerei pelo cinema. Não quero', afirma Helena. 'Eu sinto remorso. Se não fosse por mim, eles seriam grandes aliados, irmãos no cinema. Rogério era apaixonadíssimo por Glauber. E Glauber, quando veio a São Paulo, procurou quem? Rogério, que tinha somente 17 anos'

'Com Glauber eu conheci pela primeira vez uma pessoa como eu mesma, mas nós não tínhamos conexão sexual. Não sabíamos nada sobre sexo. E eu nunca tive um orgasmo com ele'

Isto está perigoso

É inútil tentar se defender de um bandido articulando a palavra 'pistola'

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

No dia 7 de julho de 2020, a revista Harper's publicou uma carta, subscrita por 153 signatários. Era uma espécie de manifesto pela liberdade de expressão que apontava Trump como uma "ameaça real à democracia" e lamentava a existência de um ambiente de intolerância e censura em ambos os lados do espectro político.

A carta era assinada por gente como Noam Chomsky, Margaret Atwood, Martin Amis, John Banville, Anne Applebaum, Steven Pinker, Fareed Zakaria, Atul Gawande, JK Rowling e Salman Rushdie.

Na altura pensei que era estranho intelectuais renomados terem se dado ao trabalho de dizer umas coisas tão óbvias. Mas, apenas três dias depois, outra carta foi publicada criticando a primeira.

Acabava dizendo que os subscritores da carta da Harper's tinham somente dificuldade de "lidar com críticas válidas". Que "a liberdade intelectual dos intelectuais brancos cis nunca tinha sido ameaçada". E que "eles nunca tinham enfrentado consequências sérias, apenas desconforto momentâneo".

Nos dois anos que se seguiram, um homem foi agredido por dizer uma piada no palco do Oscar, outro foi agredido por um atacante armado quando fazia stand-up comedy no palco do Hollywood Bowl, e Salman Rushdie foi esfaqueado 17 vezes —e lida agora com o desconforto momentâneo de ter ficado cego de um olho e sem o uso de uma das mãos.

Parece claro que os signatários da primeira carta, muitos dos quais não eram brancos nem do sexo masculino, sabiam do que falavam.

Há duas ideias muito populares, hoje. Uma é que as pessoas têm o direito de não ser ofendidas; a outra é que palavras são equivalentes a ações.

Estão ambas erradas. Se as pessoas tivessem o direito de não ser ofendidas, a vida seria impossível. Tudo tem potencial para ofender alguém —e ficar calado não é solução, porque como sabemos há silêncios que também ofendem.

E, da mesma forma que uma imagem não é a realidade, também as palavras não são ações —e é por isso que é inútil a gente tentar defender-se de um bandido articulando a palavra "pistola".

É importante não esquecer que quando alguém diz que as palavras são como punhais está a usar uma figura de estilo.

As palavras que Rushdie escreveu nos "Versos Satânicos" são palavras. O punhal que o cegou é que é um punhal.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Hmmfalemais | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Astro de 'Lost' retorna às séries após um hiato de quase sete anos

Last Light
AMC, 21h, 14 anos
Matthew Fox, o Jack de "Lost", finalmente volta à TV depois de sete anos, nesta minissérie em cinco episódios sobre um futuro distópico em que o fornecimento de petróleo é cortado de repente. O ator vive um engenheiro petroquímico que tenta resolver a crise mundial, enquanto lida com a operação a que seria submetido seu filho cego. Com Joanne Froggatt, a Anna de "Downton Abbey", no elenco.

Whindersson Nunes: Isso Não É um Culto
Netflix, 14 anos
Com saudades de se apresentar ao vivo, o comediante Whindersson Nunes volta ao palco em especial de stand-up, em que faz piadas com sinais do iminente fim do mundo.

Gangues de Nova York
Band, 18h, 16 anos
Martin Scorsese dirige Leonardo Di Caprio, Daniel Day Lewis e Cameron Diaz neste épico sobre os conflitos entre facções de católicos e protestantes na Nova York do final do século 19. Indicado a nove estatuetas do Oscar.

Polêmica: O Julgamento de Johnny Depp
Lifetime, 21h05, 14 anos
A atriz Amber Heard processou seu ex-marido Johnny Depp por violência doméstica, e ele a processou de volta por difamação. O caso culminou com um julgamento realizado entre maio e junho do ano passado. Este telefilme dramatiza a batalha no tribunal e também a intimidade de um relacionamento tóxico, que até hoje divide opiniões.

Era Uma Vez na China 2
A&E, 21h20, 14 anos
No segundo filme da franquia, o herói vivido por Jet Li enfrenta a sociedade secreta do Lótus Branco e ainda protege um personagem histórico, Sun Yat Sen, que viria a proclamar a república na China.

Desfile do Grupo Especial do Rio de Janeiro
Globo, 22h15, livre
Maju Coutinho e Alex Escobar comandam, ao vivo da Marquês de Sapucaí, a primeira noite do desfile das maiores escolas cariocas. Participam Salgueiro, Mangueira e Mocidade Independente, entre outros. Comentários de Pretinho da Serrinha e Milton Cunha.

QUADRÃO | Luiz Gê

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, **Ricardo Coimbra**, Angeli, Laerte

SP-Arte abre espaço permanente com a galeria Gomide & Co

SÃO PAULO A feira SP-Arte vai inaugurar um espaço permanente em uma das casas da vila modernista desenhada por Flávio de Carvalho, nos Jardins, em São Paulo no dia 18 de março. O local será inaugurado com uma mostra de Hélio Oiticica, organizada por Luisa Duarte e pela galeria Gomide & Co.

A ideia é que a casa restaurada pela galeria que ali funcionava até agora seja dedicada a eventos de arte contemporânea e exposições. Entre as obras em exibição estará o primeiro "Penetrável" construído pelo artista em 1961, uma instalação em homenagem ao crítico de arte Mário Pedrosa.

A Gomide & Go abre, no dia 8 de março, sua nova sede na avenida Paulista. O espaço, no térreo do edifício Rosa, tem 600 metros quadrados e será aberto com uma exposição individual de Lenora de Barros, "Não Vejo a Hora", com 12 trabalhos, em sua maioria, inéditos.

Barros é, inclusive, tema de exposição na Pinacoteca, "Lenora de Barros: Minha Língua", que recupera a conexão entre a obra da artista e a linguagem escrita.

A Gomide & Co anuncia mais novidades com a chegada de Fábio Frayha, ex-diretor do Masp, que passa a atuar como sócio da galeria de arte com Thiago Gomide, o fundador. Luisa Duarte, organizadora da mostra de Hélio Oiticica na vila modernista, também assume agora a direção artística da galeria Gomide & Co.

Antonio Carlos Secchin, da ABL, lança dois livros

SÃO PAULO Antonio Carlos Secchin, professor emérito de literatura brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro e imortal da Academia Brasileira de Letras, a ABL, lança dois livros pela editora Unesp.

"Papéis de Prosa: Machado & Mais" conta com seis ensaios centrados nas figuras de Machado de Assis, além de Euclides da Cunha, a Semana de 22, Graciliano Ramos, Rubem Braga e uma reflexão que vai de Camões a Caetano Veloso. O título conta, ainda, com entrevistas. Milton Hatoum assina a apresentação do volume.

No segundo livro, "Papéis de Poesia 2", o autor reflete sobre poesia na língua portuguesa a partir de autores como Cecília Meireles, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto, além de Ferreira Gullar e até do músico Gilberto Gil.